

**Géneros Jornalísticos e valores-notícia na *BLITZ*: Música  
Portuguesa versus Música Estrangeira**

Maria da Silva Tavares Dourado Teixeira

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Jornalismo

Orientado pela Professora Doutora Maria Inácia Rezola  
Escola Superior de Comunicação Social  
Instituto Politécnico de Lisboa

Lisboa, outubro de 2017

## **DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO**

Declaro ser autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

A candidata

---

Lisboa, 27 de outubro de 2017

## RESUMO

Num contexto de observação e participação na rotina produtiva de uma publicação especializada em música – a revista *BLITZ* – o objetivo central deste trabalho é compreender e analisar o estado atual do jornalismo musical em Portugal, focando a investigação em quatro questões: géneros jornalísticos, valores-notícia (ou critérios de noticiabilidade), música portuguesa e música estrangeira.

Partindo do pressuposto de que o jornalismo sobre música se insere na editoria cultural, este exercício investigativo tem como ponto de partida o enquadramento teórico das noções de cultura e jornalismo cultural, com especial incidência na cultura de massas. Antes de partir para uma análise aprofundada do jornalismo musical, nomeadamente no que diz respeito aos géneros jornalísticos e valores-notícia que lhe estão associados, dá-se ainda atenção aos conceitos de música e sociedade, com o objetivo de compreender tanto a ligação entre eles, como a sua relação com o jornalismo.

Tendo por base o trabalho realizado durante os três meses de estágio na redação da *BLITZ* (de 23 de janeiro a 22 de abril de 2017), serão contabilizados e analisados os géneros jornalísticos praticados e os valores-notícia dominantes, bem como os conteúdos respeitantes a música portuguesa e a música estrangeira. Desta forma, pretendemos compreender a relação entre todos estes fatores na identidade global da revista e do seu *website*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura, Jornalismo Musical, Géneros Jornalísticos, Valores-Notícia, *BLITZ*.

## ABSTRACT

In a context of observation and participation on the news production routine of a specialized music publication – *BLITZ* magazine – the central aim of this paper is to understand and analyse the actual status of music journalism in Portugal, basing the investigation on four issues: journalism genres, news-values (or noticeability criteria), portuguese music and foreign music.

Bearing in mind that music journalism is part of the cultural section, this investigative exercise's starting point is the theoretical framework of the notions of culture and cultural journalism, with a special focus on mass culture. Before a deep analysis of music journalism, particularly in what concerns journalism genres and news-values associated with it, we pay attention to the concepts of music and society, with the objective of understanding the connection between them, and their relationship with journalism.

In what regards the work carried out during the three months of internship (from 23<sup>rd</sup> January to 22<sup>nd</sup> April 2017), we will count and analyse the journalism genres used in the publication and the dominant news-values, as well as the contents related to portuguese music and, in the other hand, foreign music. Thus, we intend to comprehend the affiliation between all of this aspects in the global identity of *BLITZ* magazine and its website.

**KEYWORDS:** Culture, Music Journalism, Journalism Genres, News-Values, *BLITZ*.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Inácia Rezola, que orientou este trabalho sempre com disponibilidade e simpatia. Obrigada por todas as orientações e sugestões e pela confiança, compreensão, motivação e apoio.

À “pequena mas enorme” equipa da BLITZ, pela oportunidade de estágio e por toda a aprendizagem. À Lia Pereira, ao Luís Guerra, ao Mário Rui Vieira e ao Rodrigo Madeira agradeço a simpatia com que me receberam e integraram.

À professora Doutora Maria José Mata e ao Tiago Cardoso, dos Recursos Humanos da *Impresa*, agradeço o empenho para que o estágio na *BLITZ* fosse possível.

Aos meus pais, por todo o apoio e por acreditarem sempre, tanto ou mais do que eu, nos meus sonhos e capacidades. Obrigada por tornarem sempre tudo possível.

À Susana Lopes, obrigada pelo apoio, preocupação e motivação constantes. Obrigada também à Helena Tavares, ao Vasco Dias, ao Zé Maria, à Maria João, à Maria Lima, à Sara Marques, à Julia Galli, à Teresa Lapa, à Catarina Oliveira, à Susana Martins e à Joana Azevedo.

À Ana, à Mara e ao Pedro, porque vão ser sempre a “família de Lisboa”.

À Maria Moreira Rato, que me contagia todos os dias com a paixão gigante que tem pelo jornalismo. Obrigada por tudo o que partilhámos em tão pouco tempo.

À Ana Castro e ao Gil Marques pelos concertos partilhados.

À Ana Guerra e à Stacy Sá pelo companheirismo neste mestrado.

À música. Ao jornalismo.

# ÍNDICE

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO .....	I
RESUMO .....	II
ABSTRACT .....	III
AGRADECIMENTOS .....	IV
Introdução .....	1
<b>I. Cultura e Jornalismo Cultural .....</b>	<b>4</b>
<b>1.1. Da Cultura de Elites à Cultura de Massas .....</b>	<b>4</b>
<b>1.2. Cultura de Massas e Jornalismo Cultural .....</b>	<b>10</b>
<b>II. Jornalismo Musical .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1. Música, Sociedade e Jornalismo Cultural .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2. Os Géneros no Jornalismo Musical .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2.1. Opinião e Informação .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Os Valores-Notícia no Jornalismo Musical .....</b>	<b>30</b>
<b>2.4. Jornalismo Musical hoje: o impresso e o <i>online</i> .....</b>	<b>38</b>
<b>III. <i>BLITZ</i> - “na música desde 1984” .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1. Caracterização da instituição .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1.1. De jornal a revista .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1.1.1. Estrutura da revista .....</b>	<b>48</b>
<b>3.1.2. O <i>online</i> .....</b>	<b>49</b>
<b>3.2. O Estágio .....</b>	<b>50</b>
<b>3.2.1. Breve descrição: atividades e rotinas .....</b>	<b>50</b>
<b>3.2.2. Estudo de caso .....</b>	<b>52</b>
<b>3.2.2.1. Os Géneros Jornalísticos na <i>BLITZ</i> .....</b>	<b>55</b>
<b>3.2.2.2. Os Valores-Notícia na <i>BLITZ</i> .....</b>	<b>59</b>
<b>3.2.2.3. Música Portuguesa versus Música Estrangeira na <i>BLITZ</i> .....</b>	<b>65</b>

Conclusão .....	68
Bibliografia .....	70
Anexos .....	77
ANEXO 1: Entrevista a Luís Guerra, Editor da <i>BLITZ</i> .....	77
ANEXO 2: <i>GUIA</i> (conteúdos das revistas de fevereiro, março, maio e junho de 2017) .....	80
<b>Anexo 2.1.</b> <i>GUIA</i> fevereiro 2017 (pp.90-95) .....	80
<b>Anexo 2.2.</b> <i>GUIA</i> março 2017 (pp.90-95) .....	86
<b>Anexo 2.3.</b> <i>GUIA</i> maio 2017 (pp.90-95) .....	92
<b>Anexo 2.4.</b> <i>GUIA</i> junho 2017 (pp.90-95) .....	98
ANEXO 3: Conteúdos <i>online</i> (23 de janeiro – 22 de abril 2017) .....	103
ANEXO 4: Comprovativo de realização do estágio .....	147
ANEXO 5: Protocolo de Estágio .....	148

## Introdução

Apesar da sua elevada importância social, música e jornalismo nem sempre andaram de mãos dadas. Os primeiros passos do jornalismo musical fizeram-se sentir nos finais do século XVIII, altura em que a música começava a chegar às páginas de jornais generalistas e revistas especializadas. Pouco depois, na década de 1990, a sua presença estendeu-se à *Internet* (Michelsen, 2015, p.215).

Se hoje, à luz do jornalismo especializado e da cultura de massas, o jornalismo de música é uma realidade que parece estar acessível a todos os que nela tenham interesse, ao recuar no tempo, rapidamente nos apercebemos de que, nos seus primórdios, se dirigia às elites de intelectuais. Como parte integrante do jornalismo cultural, a música tem sido um dos temas com maior impacto e relevância nos meios de comunicação social portugueses nos últimos anos (Baptista, 2014, p.16).

A par das características específicas inerentes à sua natureza e ao tema que aborda, o jornalismo musical está sujeito às mesmas rotinas e orientações profissionais que todo o universo jornalístico, de um modo geral.

O ritmo de vida cada vez mais acelerado, potenciado pelo imediatismo da *internet* e da fugacidade dos conteúdos, leva a que estejamos constantemente rodeados de informação, o que afeta o ritmo produtivo e profissional dos jornalistas. Para os cidadãos, tornou-se mais fácil, nos tempos que correm, manter-se a par do que se passa à sua volta e, com a emergência de fenómenos como os *blogs* e as redes sociais, nem sempre estão dependentes do jornalismo para obter essas informações.

No caso concreto da música, os artistas acabam, por vezes, por se sobrepor ao próprio jornalismo, na medida em que podem eles mesmos divulgar concertos e novo material, sem depender exclusivamente dos meios de comunicação social tradicionais.

Por outro lado, esta nova realidade social e digital sente-se também nas próprias redações, que têm vindo a ser reduzidas e adaptadas a uma presença cada vez mais forte no mundo digital. Quando esta necessidade de diminuição de custos e recursos urge, é



frequente que a área da cultura seja uma das primeiras a ser afetadas, o que, inevitavelmente, atinge o jornalismo musical, que faz parte dela.

Este relatório de estágio tem como objetivo compreender as características essenciais do jornalismo musical. Para tal, iremos proceder a um estudo de caso: a análise da revista *BLITZ*, a única publicação especializada em música, de um modo geral, que existe atualmente em Portugal. Numa vertente de “nicho”, existem revistas digitais que se dedicam apenas a determinados géneros musicais.

Procura-se, então, perceber quais os géneros jornalísticos e valores-notícia que predominam na *BLITZ*, com o intuito de averiguar se estas duas realidades têm ou não impacto na presença de música portuguesa e música estrangeira (número de peças respeitante a cada uma delas) na publicação em análise.

Assim, o ponto de partida é uma reflexão teórica sobre os conceitos de cultura e jornalismo cultural, sustentada em conceitos obrigatórios como “cultura de elites” e “cultura de massas”. No Capítulo I, apresenta-se uma revisão da literatura sobre estas temáticas, com recurso à análise bibliográfica, passando-se, de seguida, para o desenvolvimento da noção de jornalismo musical (Capítulo II).

Dentro deste segundo capítulo, o maior destaque recai sobre os géneros jornalísticos e os valores-notícia no âmbito do jornalismo de música, não sem antes se apresentar uma contextualização sobre a presença da música em contexto social e a sua relação com o jornalismo impresso e *online*.

A nível metodológico, o Capítulo III assenta numa investigação levada a cabo durante um estágio curricular na revista *BLITZ*, tendo sido colocadas em prática técnicas de observação participante e de análise de conteúdo de elementos produzidos durante o mesmo. Como método complementar, recorre-se ainda a uma entrevista ao atual editor da publicação, realizada com o intuito de colmatar eventuais falhas e esclarecer questões genéricas sobre a revista.

Para efeitos de análise de caso, o objeto de estudo selecionado corresponde aos artigos *online* elaborados por mim durante todo o período de estágio (23 de janeiro a 22 de abril

de 2017) e todos os pertencentes à secção *Guia* das revistas de fevereiro, março, maio e junho. A partir desta amostra, escolhida por se acreditar ser representativa do trabalho desenvolvido durante o estágio e da identidade global da *BLITZ*, serão contabilizados e analisados os géneros jornalísticos e os valores-notícia (ou critérios de noticiabilidade) presentes, com o objetivo de perceber qual a relação que existe entre esses dois fatores e o volume de artigos correspondentes a música portuguesa e a música estrangeira.

# I. Cultura e Jornalismo Cultural

## 1.1. Da Cultura de Elites à Cultura de Massas

“Só é culto quem souber estruturar o seu próprio saber”

(Schwanitz, 2007, p.511)

Da mesma forma que dividimos as áreas do saber e do conhecimento em categorias ou disciplinas, também no jornalismo podemos distinguir diferentes áreas de especialização, de acordo com os assuntos abordados. À semelhança do jornalismo político, internacional ou económico (entre outros), é nesta conceção de jornalismo especializado que atualmente se enquadra o jornalismo cultural, se o considerarmos como a editoria do jornalismo que se dedica a temas relacionados com as artes e o espetáculo.

No entanto, apesar dos inúmeros estudos e teorias que existem sobre cultura e jornalismo cultural, parece ainda hoje não haver uma definição exata e universalmente aceite como válida para ambos os conceitos que, naturalmente, se inter-relacionam entre si. Raymond Williams diz mesmo que a “Cultura é uma das duas ou três palavras mais complexas da língua inglesa”<sup>1</sup> (1985, p.87), salientando que tal se deve principalmente ao facto de, na maioria das línguas europeias, o termo ser usado em diferentes contextos, disciplinas intelectuais e sistemas de pensamento incompatíveis (*ibidem*). Nesta senda, Dora Santos Silva, docente e investigadora na área do jornalismo e das indústrias culturais e criativas, sublinha que “Hoje, ‘cultura’ engloba Beethoven e Madonna, um quadro de Velásquez e um anúncio publicitário da Vodafone, os sonetos de Camões e a ciberpoesia de Bernstein...” (2012<sup>a</sup>, pp.21-22).

Dada esta conjuntura, a visão de alguns autores sobre estas realidades diverge da definição mais restrita e concisa apresentada inicialmente, tornando-se fundamental adequar o entendimento que se faz do termo cultura a cada contexto. Sobre esta problemática, Dora Santos Silva aponta a existência de mais de 150 significados possíveis para cultura (*ibidem*, p.21), acrescentando ainda que “É, à partida, impossível

---

<sup>1</sup> “Culture is one of the two or three most complicated words in the English language.”

fixar o termo ‘cultura’ numa definição que seja válida em todas as situações” (*ibidem*, p.22).

Estudada à luz de diferentes domínios do conhecimento, a cultura é então uma realidade bastante vasta e abrangente, mas as vertentes social e intelectual parecem ser comuns a quase todas as propostas de definição. Para definir jornalismo cultural é fundamental, numa primeira instância, conhecer as diversas noções de cultura, para depois ser possível compreender qual a que melhor se coaduna com o contexto atual do jornalismo. Nas palavras de Frantjesco Ballerini, “não podemos ir adiante sem definir claramente o tipo de cultura com a qual o jornalismo se alinha” (2015<sup>2</sup>), ou então, segundo Dora Santos Silva,

Para conceber o que os media entendem por cultura e qual a perspectiva que revelam para o seu trabalho é necessário recordar abreviadamente a evolução do significado de “cultura” e salientar algumas teorias que fornecem contributos-chave para o seu legado contemporâneo (2012<sup>a</sup>, p.22).

Importa destacar que, tradicionalmente, até meados do século XIX, a cultura era vista como algo elitista (Alta Cultura); correspondia apenas às artes, à filosofia, à literatura e à ciência, destinando-se assim somente aos intelectuais letrados, considerados superiores (Santos Silva, 2009, p.92). Sobre a cultura, Mario Vargas Llosa recorda que

Durante muitos séculos foi um conceito inseparável da religião e do conhecimento teológico; na Grécia foi marcado pela filosofia e em Roma pelo direito, enquanto no Renascimento era impregnado sobretudo pela literatura e pelas artes (2012, p.61).

Nesta época, a cultura era marcada pela busca da perfeição intelectual e artística, o que corresponde a uma visão elitista da mesma, visto que nem todos tinham ao seu dispor os meios necessários para a alcançar numa sociedade estratificada e individualista. Na mesma linha de pensamento, o poeta e crítico britânico Matthew Arnold caracteriza a cultura como o “estudo da perfeição” e define-a como “doçura e luz”, ao afirmar que a verdadeira cultura apenas está ao alcance de uma elite dotada das capacidades intelectuais necessárias para a apreciar convenientemente (*in* Storey, 2009, pp.18-22).

---

<sup>2</sup> Na versão consultada, em formato digital (*epub*), as páginas não estão numeradas.

Já no século XX, o poeta, dramaturgo e crítico literário americano T. S. Eliot denota também muitos pontos comuns entre as noções de religião e de cultura, afirmando mesmo que

embora acreditemos que a mesma religião pode informar uma variedade de culturas, podemos perguntar se alguma cultura podia chegar a existir, ou a manter-se, sem uma base religiosa (2014, p.123).

Em suma, para este autor, religião e cultura são duas faces de um mesmo universo, representando ambas toda a maneira de viver de um povo, que é também a sua cultura (Eliot, 2014, p.125).

Edward Tylor (1871) estabelece também uma forte relação entre a cultura e a sociedade em que a mesma se insere, considerando-a como o “complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes, e todas as outras aptidões e hábitos adquiridos pelo Homem enquanto membro da sociedade”<sup>3</sup>. Neste sentido, o autor introduz o conceito antropológico de cultura, ao propor que a mesma está inserida no seio da sociedade como um todo. Esta ideia é incompatível com a perspectiva elitista que concebe a cultura como característica singular de indivíduos intelectualizados (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, pp.24-25).

Este foi então o primeiro passo dado para que, a partir do século XX, se passasse a acreditar que a cultura englobava também os modos de vida da sociedade (como já foi salientado). R. Williams é um dos percursores deste conceito, na medida em que, no seu ponto de vista, “a cultura é um modo de vida” e, por isso, é também “ordinária” (*in* Storey, 2009, pp.44-45). Esta posição leva-nos a considerar que a cultura engloba todas as atividades diárias, que realizamos permanentemente, como por exemplo o que fazemos, dizemos, apreciamos, compramos ou até mesmo o nosso gosto, sentindo-se assim um progressivo abandono de uma visão “superior” em prol da “sociedade de massas”.

---

<sup>3</sup> “(...) that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society.”, *in* <https://www.britannica.com/biography/Edward-Burnett-Tylor>

Neste âmbito, surge também a noção de “cultura de massas”, passando a notar-se a preocupação em fazer chegar a cultura a todos, tornando-a acessível ao maior número de pessoas (isto é, às “massas”) e não apenas aos eruditos, sendo este o conceito que ainda permanece até aos dias de hoje. Ainda assim, esta conceção de “cultura de massas” foi alvo de críticas, podendo destacar-se a de Frank Raymond Leavis, uma das mais acérrimas. Segundo Anaí Sousa (2004, p.20, *cit in* Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.33), o crítico literário inglês era um grande defensor da cultura intelectual e elitista, considerando mesmo que a cultura popular era sinónimo de mau gosto, superficialidade e declínio e que, por outro lado, a literatura e as artes deveriam salvar a humanidade.

Sobre a heterogeneidade do público e da própria cultura a que o mesmo tem acesso, Jorge Pedro Sousa (investigador e professor universitário) menciona que “A cultura é, na realidade, uma mescla de culturas, que interagem umas sobre as outras e cujas fronteiras, num ambiente de globalização, se tornam crescentemente difusas” (2006, p.47). Neste contexto, merecem destaque as teorias de T. S. Eliot e Umberto Eco que, apesar de valorizarem uma cultura global, dividem-na em várias categorias.

Para Eliot, a cultura assenta em três dimensões que estão intrinsecamente ligadas entre si: indivíduo, grupo e sociedade. Estas três realidades relacionam-se intimamente através do fator pertença, dado que cada indivíduo está integrado num (ou vários) grupos ou classes e, ao mesmo tempo, estes grupos fazem parte de uma sociedade, não sendo assim possível, segundo o autor, conceber nenhuma destas vertentes de forma isolada. Assim sendo, o autor afirma que

a cultura do indivíduo está dependente da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe está dependente da cultura de toda a sociedade a que esse grupo ou classe pertence (Eliot, 2014, p.117).

Passando agora para a perspetiva de Umberto Eco, merecem destaque duas conceções diferentes sobre a cultura de massas – uma negativa (apocalípticos) e outra positiva (integrados). Na sua obra *Apocalípticos e Integrados*, editada pela primeira vez em 1964, o autor reflete sobre o impacto que a cultura de massas tem, tanto na sociedade como na própria cultura. Do ponto de vista dos apocalípticos, fazer a cultura superior chegar até todos implica um deterioramento da sua qualidade, ao passo que os

integrados apresentam uma visão oposta e, por isso, mais positiva, tornando a cultura acessível a todos.

Do lado dos apocalípticos (entre os quais se contam nomes como Arthur Schlesinger ou Adorno) Eco aponta como exemplo o seguinte:

Os *mass media* tendem a favorecer o gosto existente sem promoverem renovações de sensibilidade. Mesmo quando parecem romper com tradições estilísticas, estão de facto a adequar-se à difusão, agora homologável, de estilemas e formas há muito difundidas a nível da cultura superior e transferidas a nível inferior (2015, p.55).

Esta posição acaba por ser uma crítica à cultura de massas, que tudo nivela pelo gosto médio da maioria, em detrimento da exigência, do rigor e da qualidade, características mais elitistas duma cultura dita superior.

Por sua vez, os integrados (Marshall McLuhan, Daniel Bell, Harold Lasswell, entre outros) vêem a cultura de massas como uma verdadeira possibilidade de integração entre todos os cidadãos, independentemente do seu estatuto intelectual. Defendem também o nivelamento do gosto pela média, permitindo assim a todos o acesso aos mesmos bens culturais, o que não era possível até ao surgimento das noções de sociedade e cultura de massas.

Neste âmbito, pode então dizer-se que

Quando imaginamos o cidadão de um país moderno que lê na mesma revista ilustrada notícias sobre uma vedeta e informações sobre Miguel Ângelo, não o devemos comparar ao humanista antigo que se movia com uma autonomia límpida nos vários campos do saber, mas ao trabalhador braçal ou ao pequeno artesão de há alguns séculos atrás que era excluído da fruição dos bens culturais (Eco, 2015, p.59).

Aproximando-se do ponto de vista dos integrados sobre a cultura, o brasileiro Franchesco Ballerini observa que “Hoje, no entanto, sabe-se que a cultura não se mantém isolada. Suas manifestações entrecruzam-se, atraem-se, rejeitam-se e, por vezes, alimentam-se umas das outras” (2015).

Resumindo, se os apocalípticos vêem a homogeneização da cultura como um caminho para o seu empobrecimento, por outro lado, os integrados adotam uma postura mais sensível à diferença, seguindo uma visão unificadora e, por isso, mais positiva (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.37). Por sua vez, Umberto Eco socorre-se de ambos os conceitos, contrapondo-os, para sugerir uma outra teoria - a de cultura democrática – conceito segundo o qual, para ele, não faz sentido hierarquizar a cultura em diferentes níveis, pois nem sempre o gosto pessoal coincide com a instrução intelectual de cada um (2015, p.67). O pensador italiano menciona mesmo que, por exemplo,

Professores universitários deleitam-se com a leitura das histórias aos quadradinhos (...), ao passo que, através das coleções populares, os membros das classes que já foram subalternas se apropriam dos valores «superiores» da cultura (*ibidem*).

Sobre a perspectiva atual de cultura (que engloba, naturalmente, a cultura de massas), Mario Vargas Llosa defende que, nos tempos que correm, os meios de comunicação social como jornais e revistas tornam possível que todos sejam cultos ou, por outro lado, que ninguém se torne inculto (2012, p.64). Nas palavras do autor,

Agora somos todos cultos de alguma maneira, ainda que não tenhamos lido nunca um livro, nem visitado uma exposição, ouvido um concerto nem adquirido noções básicas dos conhecimentos humanísticos, científicos e tecnológicos do mundo em que vivemos (Vargas Llosa, 2012, pp. 64-65).

Opondo-se à visão apocalíptica de cultura, Vargas Llosa refere ainda, por exemplo, na sua obra *A Civilização do Espetáculo*, o seguinte:

Queríamos acabar com as elites, que nos repugnavam moralmente pelo ar privilegiado, depreciativo e discriminatório com que ecoava a simples referência do seu nome perante os nossos ideais igualitaristas. E, ao longo do tempo, de diferentes trincheiras, fomos impugnando e desfazendo esse corpo exclusivo de pedantes que se julgavam superiores e se gabavam de monopolizar o saber, os valores morais, a elegância espiritual e o bom gosto. Mas conseguimos uma vitória pírrica, um remédio pior do que a doença: viver na confusão de um mundo em que, paradoxalmente, como já não há maneira de saber o que é a cultura, tudo o é e já nada o é (2012, p.65).



Finalmente, importa fazer referência a António José Saraiva, um autor que adota uma perspetiva diferente das apresentadas até agora, na medida em que se preocupa em caracterizar o seu conteúdo e não os seus destinatários. Assim sendo, defende que a cultura está dividida em três vertentes: extensa, etnológica e artística, importando apenas, no que ao jornalismo cultural diz respeito, realçar a última, dado que corresponde ao que atualmente se designa de belas-artes e artes performativas, isto é, o campo temático sobre o qual incide esta área do jornalismo (Saraiva, 1993, *cit in* Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, pp.22-23).

## 1.2. Cultura de Massas e Jornalismo Cultural

“A cultura pode ser experimentação e reflexão, pensamento e sonho, paixão e poesia e uma revisão crítica constante e profunda de todas as certezas, convicções, teorias e crenças. Mas ela não pode afastar-se da vida real, da vida verdadeira, da vida vivida”

(Vargas Llosa, 2012, p.70)

É na passagem da “cultura de elite” para a “cultura de massas” (modelo que permanece até aos dias de hoje) que assentam as primeiras reflexões sobre a importância do jornalismo cultural e as suas características. No entanto, para entender o funcionamento, em termos práticos, do jornalismo cultural atual, é fundamental, numa primeira abordagem, procurar saber qual o conceito ou conceitos de cultura que lhe estão subjacentes e ainda a quem se destina este tipo de jornalismo. Mas isso parece não ser tarefa fácil, já que, ainda hoje, “a concepção de jornalismo cultural não é unânime nos media mundiais e portugueses” (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.69), o que se prende com a grande dificuldade que existe em definir cultura e com a “carência de estudos teóricos sobre esta especialização” (*ibidem*). Segundo Andréia de Lima Silva e Francisco Gonçalves da Conceição, o “Jornalismo cultural traz consigo cargas semânticas de duas áreas de modo específico: o jornalismo e a cultura” (2007, p.1).

Inserido numa cultura de massas, o jornalismo sobre cultura é agora mais abrangente do que aquele que se praticava apenas em função dos intelectuais letrados. Neste âmbito, Dora Santos Silva aponta que “Os produtos culturais passam a ser concebidos em função de um público massivo e indiferenciado” (2012<sup>a</sup>, p.26). Seguindo esta visão,

pode então considerar-se as “massas” como um grupo bastante vasto e heterogêneo de pessoas com necessidades às quais o jornalismo pretende, hoje, dar resposta.

Se, por um lado, alguns autores preferem visões abrangentes do conceito de cultura, não podemos cair numa eventual tendência para considerar que “tudo é cultura” pois, em contexto jornalístico, essas propostas de definição não são aplicáveis, visto que “isso implicaria um horizonte de definições tão vasto que não seria possível estudar qualquer especificidade” (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.70). Sobre esta questão, Andréia de Lima Silva e Francisco Gonçalves da Conceição observam que, por si só, o jornalismo (em geral, sem enfoque especializado) representa já uma atividade cultural (Silva, Conceição, 2007, p.2). Seguindo uma mesma lógica, esta ideia leva-nos a considerar todas as áreas do jornalismo (da economia, ao desporto ou à política, por exemplo) como atividades culturais, já que todas elas se dedicam a analisar temas sociais, dada a natureza da atividade jornalística.

Ainda de acordo com estes autores, o jornalismo especializado (dividido por editorias, consoante a natureza dos temas a abordar) surgiu nos primórdios do século XX com o objetivo de “atender públicos específicos por área de interesse” (*ibidem*) e o que o distingue é, portanto, “o tratamento dos temas ligados às artes” (Silva, Conceição, 2007, p.13). Assim sendo,

Compreende-se por Jornalismo Cultural os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objetividade, clareza, dinâmica, singularidade, etc.) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem/projetam (outros) modos de pensar e viver dos receptores (Gadini, 2004<sup>b</sup>, p. 1, *cit in* Lopez, Freire, 2007, pp.2-3).

Por outro lado, importa realçar uma face diferente da cultura - aquela que diz respeito aos domínios das artes e do espetáculo. Partindo deste pressuposto e acrescentando ainda que a função do jornalismo é fazer chegar até aos cidadãos conteúdos considerados socialmente relevantes, de acordo com diversos critérios (a ser analisados posteriormente), o jornalismo cultural tem então como objetivo difundir as temáticas relacionadas com as artes e o espetáculo. Assim, garante-se que este tipo de assuntos

alcançam todos os cidadãos que neles tenham interesse e não apenas determinados setores da população, tal como ilustra Eliane Basso:

Tem-se convencionado como Jornalismo Cultural uma especialização que nasce das necessidades da imprensa em atender a um público segmentado e de tratar temas com maior profundidade, assim como acontece nas demais secções do jornalismo como política, economia, desporto e outras (2006, p.2).

Para esta autora, o jornalismo cultural não deve cingir-se apenas à divulgação do entretenimento, pelo que, ainda que o considere como área de especialização temática do jornalismo, defende a necessidade de adotar uma perspetiva mais abrangente no que toca a encontrar uma definição para esta realidade. “Se por Jornalismo Cultural fosse entendida apenas a veiculação do gosto literário-artístico, deveria, então, ser chamado de Jornalismo de Artes” (*ibidem*), afirma.

Ainda sobre a definição de jornalismo cultural, o investigador e jornalista argentino Jorge Rivera aponta que este é

uma zona muito complexa e heterogénea de meios, géneros e produtos que abordam com objetivos criativos, reprodutivos e informativos os terrenos das belas-artes, as ‘belas-letras’, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspetos que têm a ver com produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar a sua origem e o seu destino (2003, p.19, *cit in* Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.70),

mas talvez seja necessário adotar um ponto de vista mais restrito para conseguir definir, eficazmente, e na prática, o que é o jornalismo cultural atualmente. Relativamente a este assunto, Isabelle Anchieta de Melo questiona: “se tomamos outro caminho acreditando que tudo é cultura, o que justificaria dedicar um espaço próprio para o jornalismo cultural nos meios de comunicação?” (2010, pp. 4-5). Dora Santos Silva reitera esta opinião, ao referir que a ideia de que “todo o jornalismo é cultural” não é compatível com o que acontece na realidade atual (2012<sup>a</sup>, p.70). Completando este pensamento, Sergio Luiz Gadini define como categorias de conteúdo do jornalismo cultural a música, a literatura, o teatro, o cinema, as artes plásticas, etc. (2004<sup>a</sup>, p.15, *cit in* Lopez, Freire, 2007, p.2).

Enquanto categoria temática, o jornalismo cultural tem uma identidade própria e especificidades que lhe são inerentes e permitem, assim, que se distinga das restantes

especializações do jornalismo. Entende-se, então, por jornalismo cultural “aquele que tem na sua essência práticas, bens ou perspectivas culturais” (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.70). Por outras palavras, a natureza do jornalismo cultural reside na sua especialização, tal como acontece com o jornalismo desportivo ou económico, por exemplo (*ibidem*, p.71). Sobre este tema, Dora Santos Silva acrescenta que o jornalismo cultural, enquanto área de especialização, “se realiza, globalmente, com as mesmas circunstâncias e critérios do jornalismo geral, que é influenciada pela evolução económica e política do país” (*ibidem*). No entanto, há sempre características comuns a todo o campo jornalístico, dado que este se dirige a uma audiência significativamente vasta e diversificada, sendo uma delas o seu estilo informativo, definido por Marisa Torres da Silva como “uma linguagem sustentada por factos atuais e novos, seleccionados e construídos segundo valores de noticiabilidade partilhados pela comunidade jornalística” (2014, p.51).

O jornalismo de cultura é dotado de um cariz reflexivo mais forte do que o jornalismo sobre outras temáticas e é ainda apontado como sendo promotor da democratização do conhecimento, no sentido em que fomenta, à luz da noção de “cultura de massas”, a transmissão do conhecimento ao maior número de pessoas possível, mediando a relação que o público tem com as artes e o espetáculo (Melo, 2010, p.5).

Não menos importante é salientar a relação íntima que o jornalismo cultural tem com os contextos social e económico vividos em cada época. Ao longo dos anos, o enfraquecimento ou valorização da cultura têm oscilado bastante, o que, inevitavelmente, condiciona as práticas e o modo como é feito o jornalismo cultural (Silva, Conceição, 2007, p.1). “Assim, as transformações culturais da sociedade perpassam, também, o cotidiano das redações” (*ibidem*, p.2).

No que diz respeito às especificidades do jornalismo cultural, Isabelle Anchieta de Melo menciona que uma das suas funções é

escapar à limitação temática de lançamentos de CDs, livros e exposições de artistas consagrados para podermos, enfim, compreender o sentido forte de cultura, explorando mais as implicações das obras na sociedade do que, propriamente, reduzir o jornalismo cultural a uma agenda de eventos (2010, p.4).

A mesma autora diz ainda que “por mais que o Jornalismo Cultural tenha sofrido muitas mudanças durante sua história há sempre alguns aspectos que se mantêm vivos e potentes em sua trajetória” (*ibidem*, p.5).

À semelhança do que acontece com as outras áreas do jornalismo especializado, o jornalismo cultural desempenha, na sociedade, um papel mediador. Ao decidirem o que merece ou não tratamento jornalístico, os profissionais desta área estão a selecionar quais os produtos culturais a que os cidadãos têm acesso, dado que estes, muitas vezes, não os conheceriam de outra forma. Assim, o jornalismo cultural medeia a relação que os indivíduos têm com a cultura (entendida do ponto de vista das artes e das letras) da sua sociedade e determina, de certo modo, a maneira como interagem com ela. Neste âmbito, “O jornalista, como mediador, deve ser aquele capaz de revelar de forma simples a complexidade de relações a que cada acontecimento está ligado” e ainda ter a capacidade de identificar, prontamente, os acontecimentos publicamente relevantes (*ibidem*, pp.8-9).

Em suma, “Os meios de comunicação social têm uma forte influência sobre as cambiantes culturais e a produção, reprodução e transformação dessas cambiantes” (Sousa, 2006, p.47). Pode ainda acrescentar-se que, no que aos órgãos de comunicação social diz respeito, estes

exercem uma ação cultural, ainda que esta possa ser entendida como de serviços ou de criação: por um lado, mostram, aproximam e convidam à reflexão dos leitores sobre as obras difundidas; por outro, servem também para a sua mesma promoção e inclusivamente compra dos produtos de que tratam<sup>4</sup> (Rodríguez, 2004<sup>5</sup>),

importando não esquecer que, ainda que isso possa acontecer, o dever do jornalismo é sempre informar e não promover.

Sintetizando,

a noção de cultura alterou-se fundamentalmente em função da expansão dos media, primeiro com a rádio e a imprensa e depois com a televisão, os museus, as bibliotecas e outras indústrias

---

<sup>4</sup> “(...) ejercen una acción cultural, aunque ésta puede ser entendida como *de servicios* o *de creación*: por una parte, muestran, aproximan e invitan a la reflexión de los lectores sobre las obras difundidas; por otro, sirven también para su misma promoción e incluso compra de los mismos productos que tratan.”

<sup>5</sup> Na versão consultada, em formato digital, as páginas não estão numeradas.

culturais, levando à existência de outra cultura, a “cultura dos media”, com início nos anos 70, que se distingue da cultura de massas por introduzir a tendência de segmentação e diversificação dos *media*, que vai culminar na cultura digital nos últimos anos do século XX (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.40).

Neste contexto, Herom Vargas aponta que

Se, antes, tratar de cultura era discutir eminentemente literatura, teatro, artes plásticas e música erudita, quase que nessa ordem de importância, atualmente novas linguagens e campos estéticos foram colocados na pauta cultural (s.d., p.5),

destacando-se, nos tempos que correm, a inclusão do cinema e da música popular nas editorias culturais da maioria dos órgãos de comunicação social.

Tendo em conta as reflexões até agora apresentadas, nos próximos capítulos irá considerar-se que o jornalismo cultural corresponde a todos os conteúdos de cariz jornalístico que abordem temas respeitantes aos domínios das artes e do espetáculo, entenda-se: literatura, cinema, teatro, dança, fotografia, artes plásticas e todos os eventos ou intervenções artísticas a eles associados. No entanto, é absolutamente fundamental esclarecer que todas as restantes definições de cultura e jornalismo cultural apresentadas anteriormente são legítimas e igualmente válidas. Contudo, em termos práticos, não seria eficaz aplicar ao jornalismo cultural as noções mais abrangentes do conceito de cultura. Se assim fosse, teríamos de considerar que todo o jornalismo é cultural, pois todo ele (independentemente do tema tratado) reflete sobre práticas e acontecimentos socialmente relevantes.

## II. Jornalismo Musical

### 2.1. Música, Sociedade e Jornalismo Cultural

“A música, afinal, é a linguagem para além da linguagem. E ela é, como diz o poeta Eichendorff, a linguagem das coisas, aquilo que lhes dá vida”

(Schwanitz, 2007, p.319)

Antes de falar, concretamente, sobre o jornalismo de música, importa perceber em que contexto ele se insere e como se caracteriza, genericamente, a presença e o papel da música na sociedade em que hoje vivemos. Presente em quase todas as atividades diárias, a música acompanha a vida e o dia-a-dia de grande parte das pessoas, quer seja no carro, em casa, ou numa ida ao supermercado, estando presente tanto em contexto individual como social. Ao analisar esta questão de um ponto de vista sociológico, Timothy Dowd socorre-se de Bourdieu (1984) para sublinhar que a receção musical tanto pode ser uma atividade privada e isolada como de grupo, sendo habitual que as pessoas com gostos musicais semelhantes se aproximem ou até estabeleçam relações (2007, p.30).

Neste capítulo, é relevante dar destaque à segunda vertente, já que o jornalismo (neste caso, o musical) se destina a grandes grupos de pessoas, procurando satisfazer necessidades coletivas e, por isso, sociais.

Para Jorge Pedro Sousa, “sociedade é um sistema de indivíduos, grupos, organizações e instituições em interação e vinculados à estrutura resultante dessa interação” (2006, p.41), sendo então a este tipo de grupos sociais, com diferentes características, que o jornalismo musical se dirige, o que se pode relacionar com a importância da comunicação na subsistência e formação da sociedade (*ibidem*). No contexto do papel social da música, Morten Michelsen propõe o conceito de “cultura de gosto”, dizendo que uma das suas funções é “produzir, manter e alterar comunidades ou culturas organizadas em redor da música” e refletindo sobre o modo como as pessoas, individual e coletivamente, se relacionam com a música, procurando compreender qual o papel

que o jornalismo e a crítica musical desempenham nessa mesma relação<sup>6</sup> (2015, p.211). O mesmo autor afirma ainda que

As questões relacionadas com a música e o gosto são extremamente relevantes como pontos de partida na investigação sobre o que ela significa para os ouvintes (...) e como contribui para estabelecer ou quebrar fronteiras entre o individual e o coletivo<sup>7</sup> (*ibidem*).

Sobre os fenómenos relacionados com o gosto (em geral e não apenas o musical), Gillo Dorfles refere que “estão intimamente ligados tanto à singularidade do indivíduo como às características da colectividade” (1989, p.15).

Partindo desta perspetiva, torna-se então relevante perceber como se formam os gostos musicais das pessoas em sociedade, procurando depois compreender qual o papel que o jornalismo sobre música desempenha nesse mesmo processo e como interage com ele, ou seja, com os seus destinatários. Como ponto de partida, importa reter duas ideias a ser desenvolvidas adiante: por um lado, que os cidadãos se organizam socialmente em grupos de acordo com as suas preferências musicais e, por outro, que o jornalismo musical, para além de contribuir para a formação dessas mesmas preferências, pretende corresponder, por norma, aos padrões e tendências partilhados pela maioria.

A partir de um estudo realizado no âmbito do projeto *Cultura na Primeira Página*, Carla Baptista destaca a importância da música enquanto área com mais relevância de todo o universo do jornalismo cultural, durante o período de 2000-2010. Depois de analisadas as capas de seis publicações generalistas, foram contabilizadas aquelas que continham temas culturais. De seguida, foi feita uma análise temática e, nas conclusões apresentadas no artigo “Dez Anos de Jornalismo Cultural em Portugal (2000-2010) Traços e Tendências”, a autora salienta que 27% do total de capas estudado foca temas relacionados com a música, o que ilustra uma predominância desta arte, quando comparada com as restantes (Baptista, 2014, p.16). No que diz respeito ao ano de 2010, Marisa Torres da Silva, também colaboradora neste projeto, diz que, de um total de 639

---

<sup>6</sup> “Here we will focus on one specific function of taste, namely how it may be used to produce, maintain and change communities or cultures organized around music.”

<sup>7</sup> “Questions about music and taste are extremely relevant as starting points for research concerning what music means to listeners (...) and how it contributes to establish and transcend borders in and between individuals and collectives.”



referências a temas culturais nas capas e primeiras páginas dos órgãos analisados, 172 eram sobre música (2014, p.18).

O estudo referido no parágrafo anterior serve apenas como exemplo ilustrativo da importância que a música assume no seio do jornalismo cultural, dado que, nos capítulos que se seguem, será estudada uma publicação com características diferentes daquelas que foram analisadas neste estudo, sendo a *BLITZ* uma revista especializada em música e não um jornal ou revista generalista.

Esta proeminência da música, em detrimento de artes como o cinema, a literatura ou o teatro, por exemplo, pode levar-nos a concluir que, procurando o jornalismo ser um espelho daquilo que de mais relevante acontece na sociedade, esta será então a área do jornalismo cultural que desperta mais interesse na população. Neste contexto, F. Ballerini refere-se à música como a forma de expressão artística que mais tem sofrido mudanças, tanto ao nível da sua cobertura jornalística como da sua indústria, o que se coaduna, na minha opinião, com o destaque merecido no seio do jornalismo cultural (2015).

Enquanto subgénero do jornalismo cultural, o jornalismo de música é visto por Marisa Torres da Silva como uma prática discursiva que, à semelhança do que acontece no campo jornalístico de uma forma geral, tem o poder de incluir ou excluir, qualificar ou desqualificar, legitimar ou não, dar voz e dar visibilidade a determinadas temáticas, grupos, instituições e acontecimentos<sup>8</sup> (2014, p.16).

Assim, é então o jornalismo musical que, seguindo determinados critérios (que se conciliam com o estatuto editorial da publicação e o seu público-alvo), escolhe quais os artistas, bandas, géneros musicais ou até mesmo álbuns e concertos que dá a conhecer aos seus destinatários. Por outro lado, define também qual o formato a conferir a cada conteúdo apresentado (à semelhança das restantes editoriais jornalísticas), o que, no seu conjunto, pode levar a que desempenhe um papel ativo na construção do gosto e no consumo de música (Nunes, 2011, p.2, *cit in* Torres da Silva, 2012, p.54).

---

<sup>8</sup> Com base na perspectiva de Berger, como citado em Golin & Cardoso

Neste âmbito, torna-se fundamental recuperar a noção de gostos musicais para depois perceber como e em que medida o jornalismo musical interfere na sua formação. Nas palavras de Frantjesco Ballerini, a imprensa musical medeia a relação e o convívio que o seu leitor tem com a música, que

está presente em todas as culturas e idades da vida humana. Nascemos ouvindo canções de embalar dos nossos pais, crescemos com apresentadores e personagens infantis cantando, somos seduzidos por artistas pop na adolescência e aos poucos definimos os tipos de música que mais apreciamos (2015).

Num outro livro – *Poder Suave (Soft Power)* (2017) - , o mesmo autor propõe o conceito de *soft power* (poder suave), com o objetivo de compreender o seu mecanismo de ação em áreas como o cinema, as artes visuais, a dança e a música, ou seja, no domínio da cultura. Para consolidar esta sua definição, Ballerini baseia-se em dois autores: Joseph Nye (2005) e Jason W. Cronin (2004). Enquanto que o primeiro define *soft power* como “a habilidade de conseguir o que se quer pela atração e não pela coerção ou por pagamentos” (*cit in* Ballerini, 2017<sup>9</sup>), o segundo diz que o poder suave “se estabelece por meio das ideias e da cultura, sobretudo se o estado ou organização consegue fazer seu poder parecer legítimo aos olhos dos outros” (*cit in* Ballerini, 2017).

Se acrescentarmos a ideia de que, na maioria das vezes, esta forma de poder não é intencional, penso que pode aplicar-se esta noção de *soft power* ao jornalismo de música. Tal afirmação justifica-se com o facto de, na área musical, os jornalistas divulgarem a obra de determinados artistas, o que pode levar a que os leitores a conheçam ou, no caso de já a conhecerem, desejem voltar a ouvir as suas músicas, por exemplo.

Desta forma, o jornalismo musical e os profissionais que o levam a cabo acabam por, ainda que de forma não intencional (e sem recurso a forças coercivas, pois aí estaríamos no campo do *hard power*), contribuir para a formação dos gostos, opiniões ou comportamentos dos seus leitores / recetores, o que se coaduna com a noção de *soft power* proposta por Frantjesco Ballerini (2017). Ainda que o objetivo do jornalismo musical não seja, por exemplo, motivar os cidadãos a comprar álbuns ou bilhetes para

---

<sup>9</sup> Na versão consultada, em formato digital (*epub*), as páginas não estão numeradas.

concertos (função do marketing ou da publicidade), haverá alturas em que tal acaba por acontecer, sentindo-se assim o seu “poder suave”.

Sobre este aspeto, Michelsen observa que os jornalistas musicais funcionam como mediadores, tendo em conta que se constituem como um intermediário entre os artistas, a sua música e as audiências (2015, p.214). Na sua perspetiva,

Em conjunto com outros meios de comunicação social, jornais e revistas e jornalistas e editores agem como *gatekeepers*, na medida em que controlam o que se torna ou não se torna popular<sup>10</sup> (*ibidem*, p.216).

É ainda importante referir que, muitas vezes, os jornalistas de música, para além de serem vistos como “*gatekeepers*” do gosto, são também apontados como “*opinion makers*” (Nunes, 2004, p.55). Tal acontece porque, ao determinarem o que deve ou não transformar-se em conteúdo jornalístico (transmitindo ou não transmitindo nele a sua opinião), podem influenciar as preferências musicais dos seus leitores, sendo assim possivelmente criada uma relação de proximidade ou afastamento para com eles (*ibidem*), consoante se identifiquem mais ou menos com a informação ou opinião transmitida por cada jornalista musical ou por uma publicação, de uma forma geral.

Retomando a posição de Ballerini, este sublinha que

Se o ouvinte leitor não tem independência crítica para analisar sozinho o tema – fato bastante comum no mundo – cabe à boa imprensa especializada lançar caminhos, não respostas definitivas, sobre o que é joio e o que é trigo na plantação musical (2015),

o que demonstra, uma vez mais, a importância que o trabalho do jornalista musical pode assumir na formação dos gostos dos seus leitores.

Ainda assim, não nos podemos esquecer que também se verifica o inverso, ou seja, que os gostos musicais dos cidadãos (ou, pelo menos, da sua maioria) também têm impacto nas práticas e rotinas do jornalismo musical, podendo influenciar as escolhas editoriais e os critérios de produção dos conteúdos jornalísticos. A título de exemplo, Pedro Nunes salienta que é bastante comum acreditar-se que os críticos musicais influenciam as pessoas a comprar discos (2004, p.55).

---

<sup>10</sup> “Together with other mass media newspapers and magazines, journalists and editors act as gatekeepers, to an extent controlling what becomes popular and what does not.”

Nesta senda, parece então ser comum o jornalismo musical procurar seguir e adotar uma tendência maioritária (também denominada por “*mainstream*”) no que às escolhas musicais diz respeito, procurando enquadrar-se nos gostos de música de um grupo abrangente da população. Considerando que a sociedade está dividida em “subculturas” (Michelsen, 2015, p.212), entendidas como pequenos grupos sociais que se organizam por terem preferências musicais semelhantes, torna-se evidente que será impossível todos partilharmos de um mesmo gosto a nível musical, já que se trata de uma realidade tão subjetiva, pessoal e complexa. De acordo com Michelsen:

Passando das categorizações sociais gerais relacionadas com a música para aquelas relacionadas com o gosto, é necessário salientar que todas as categorias e campos de estudo mencionados até agora estão de alguma forma relacionados com ele, mais concretamente com relações complexas que englobam gostar ou não gostar entre indivíduos, grupos e sonoridades musicais<sup>11</sup> (*ibidem*).

O sociólogo Herbert Gans distingue dois conceitos: “culturas de gosto” e “públicos de gosto”, inserindo o primeiro no domínio dos valores e normas e considerando, por sua vez, o segundo como um conjunto de pessoas que fazem as mesmas escolhas culturais (consoante a oferta existente) pelas mesmas razões (1974, p.70). Nas suas palavras, “por vezes, as pessoas que fazem parte de um ‘público de gosto’ agem como um grupo”<sup>12</sup> (*ibidem*).

No mesmo contexto, Giseline Kuipers defende que o gosto não é somente uma matriz de preferências e aversões, mas também uma forma de conhecimento cultural (2006, p.360, *cit in* Michelsen, 2015, p.213).

Aplicando estes conceitos à música, pode então assumir-se que grande parte das pessoas com gostos musicais semelhantes poderão partilhar alguns valores e normas, podendo os mesmos ser ou não promovidos e intensificados pelo jornalismo musical. Deste modo, os profissionais desta área desempenham funções com uma elevada carga social, no que à formação dos gostos musicais dos cidadãos diz respeito. Acerca desta temática,

---

<sup>11</sup> “Moving from general social categorizations related to music toward taste-related ones, it needs pointing out that all the categories and fields of study mentioned so far are in some way or another related to taste, to sets of complex relations concerning liking and disliking between individuals, groups and music sounds.”

<sup>12</sup> “(...) at times people who make up a taste public do act as a group (...)”

Marisa Torres da Silva aponta que “o jornalista de música também quer aproximar-se do público, quer interpelá-lo, quer mostrar-lhe o que viu e ouviu” (2012, p.58).

Segundo Morten Michelsen, o jornalismo musical, num sentido moderno, remonta aos inícios do século XVIII e foi passando por jornais generalistas e revistas especializadas até chegar à internet nos anos 1990 (2015, p.215). Sobre o assunto, Maria João Isidro acrescenta que o primeiro crítico musical da história foi o compositor alemão Alexander Schumann (Ross, 2007, *cit in* Isidro, p.13).

Em suma, o jornalismo musical partilha da heterogeneidade de meios, géneros e produtos do jornalismo cultural, tendo, ao mesmo tempo, as suas especificidades temáticas e discursivas próprias, que constituem a sua identidade. Nas palavras de Dora Santos Silva, “o jornalismo cultural tem um tipo específico de cobertura, lógicas diferenciadas, especificidades linguísticas e, naturalmente, uma amplitude temática” (2012<sup>a</sup>, p.70), o que se coaduna totalmente com o caso específico da música.

## **2.2. Os Géneros no Jornalismo Musical**

### **2.2.1. Opinião e Informação**

“Os géneros jornalísticos existem em determinados momentos e contextos histórico-sócio-culturais. Há, certamente, géneros jornalísticos que ainda não viram a luz do dia e outros que já não se praticam”

(Sousa, 2001, p.231)

No que diz respeito à linguagem do jornalismo cultural e, mais especificamente, do jornalismo sobre música, esta é apontada como sendo, tradicionalmente, mais reflexiva e aberta a uma maior possibilidade de interpretações. Esta ideia advém da própria natureza desta vertente do jornalismo especializado, quando comparada com áreas como a economia ou o desporto, por exemplo. No entanto, aquilo que parece prender-se com uma identidade característica da editoria cultural, depende também de aspetos transversais a todo o universo do jornalismo, como é o caso dos géneros jornalísticos,

ou seja, do formato em que cada conteúdo ou tema é apresentado aos seus leitores. Neste contexto, Pedro Nunes destaca que esta editoria jornalística está assente “numa lógica que implica fórmulas e códigos linguísticos específicos de cada género, estilo ou cena musical” (2003, p.149, *cit in* Torres da Silva, 2012, p.54).

É então da máxima importância distinguir entre informação e opinião ou, por outras palavras, entre géneros informativos e opinativos no seio do jornalismo musical. Neste contexto, Michelsen sublinha o seguinte: “O jornalismo musical inclui todos os géneros jornalísticos relacionados com música, sejam eles géneros ‘não críticos’ (...) ou géneros ‘críticos’”<sup>13</sup> (2015, p.215).

Antes de aprofundar esta questão e tentar perceber quais os géneros que predominam no jornalismo musical, é relevante referir que, ainda antes da cultura de massas, a crítica musical já era praticada entre algumas elites de intelectuais letrados. Foi herdada desses tempos a convicção de que o jornalismo musical é, tradicional e tendencialmente reflexivo, analítico, subjetivo e até mesmo mais opinativo do que outras categorias temáticas. Anchieta de Melo, por exemplo, menciona que “enquanto o caderno de Economia, de Cidades, de Política irá noticiar as práticas, o jornalismo cultural irá fazer uma reflexão sobre essas práticas em suas críticas e crônicas” (2010, p.6). Também sobre o carácter reflexivo do jornalismo cultural, outros autores acrescentam que ele nem sempre é totalmente informativo, por não estar tão vinculado à cobertura em tempo real como o jornalismo político, por exemplo (Piza, *cit in* Lopez, Freire, 2007, p.6). Quanto à “cobertura em tempo real”, esta está relacionada com a atualidade que, sendo um critério de noticiabilidade (ou valor-notícia) será analisada com maior detalhe no capítulo que se segue.

Esta maior tendência para a reflexão fez-se sentir primeiro no campo da literatura (com a crítica literária) e posteriormente passou para o teatro, a música e a pintura (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.26; Melo, 2010, p.6), sendo então por essa razão que alguns autores estabelecem uma relação de grande proximidade entre o jornalismo cultural e o jornalismo literário, no que concerne à sua definição estilística (tipo de narrativas e linguagem utilizadas) (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.71). Na perspetiva de Dora Santos Silva, o

---

<sup>13</sup> “Music journalism includes all journalistic genres concerned with music, be they “non-critical” genres (...) or “critical” genres (...)”

que caracteriza verdadeiramente o jornalismo cultural é a essência dos temas que aborda e não tanto o seu estilo discursivo. A autora refere mesmo que

É óbvio que o jornalismo cultural acaba por ter um estilo discursivo próprio em alguns artigos (nomeadamente quando falamos do género interpretativo), mas será porventura exagerado afirmar que este se distingue exclusivamente pelo seu estilo (...) e não também pela natureza dos temas que aborda (*ibidem*),

posição que considero que se aplica integralmente à música e ao jornalismo musical, até porque, se considerássemos eficaz e consistente (em termos práticos) definir o jornalismo sobre cultura de acordo com o seu estilo, linguagem e discurso, teríamos de aplicar os mesmos critérios aos restantes domínios do jornalismo especializado, pois todos eles são dotados de termos e linguagens próprias.

Sobre o carácter reflexivo do jornalismo musical, Paulo André Cecílio denota que

Esta característica é indispensável; de outro modo, se o jornalismo musical se ocupasse apenas da veiculação de uma determinada informação sem proceder a qualquer tipo de análise, mais não seria que um veículo para publicidade (2015, p.6),

o que coaduna com uma tendência opinativa do mesmo. Também sobre a componente analítica do jornalismo musical, o académico australiano Jon Stratton (1982, p.270), citado por Eamonn Forde (2001, p.23) refere que “o simples ato de escrever sobre música popular envolve, pela sua própria natureza, análise”<sup>14</sup>. Dora Santos Silva destaca a importância da marca autoral neste tipo de jornalismo, ao apontar que o jornalismo cultural (no qual se insere a produção de conteúdos sobre música)

além da cobertura noticiosa das actividades artísticas editoriais, tem uma forte presença autoral, opinativa e analítico-conceptual (...). É, portanto, um produto híbrido que veicula quer produtos culturais submetidos à lógica do mercado quer aqueles que escapam ao entretenimento, constituindo-se em elementos de natureza reflexiva e crítica (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.72).

Ao jornalismo cultural (e, por sua vez, também ao musical) atribui-se, desde o seu aparecimento, a crítica como género jornalístico por excelência, como já foi acima referido. Com base nas posições defendidas por Tubau (1990) e Harries & Wahl-Jorgensen (2007), Marisa Torres da Silva sublinha que

---

<sup>14</sup> “(...) the sheer act of writing on popular music involves, by its very nature, analysis.”

podemos dizer que o jornalismo cultural consiste numa área temática e discursiva muito particular no âmbito do jornalismo em geral, em que os deveres do jornalista e do especialista se confundem (2012, p.53).

Transferindo esta asserção para o panorama do jornalismo musical, este é entendido pela autora como um espaço de confluência entre repórteres e intelectuais (Torres Silva, 2014, p.16) e ainda como um campo jornalístico com “um discurso algo fluido e difuso em termos da sua orientação, que vagueia entre a informação, a interpretação, a crítica e a análise” (*ibidem*, p.30).

Ainda assim, e apesar de ser impossível negar o seu cariz tradicionalmente reflexivo, no jornalismo de cultura existe também, à semelhança do que se passa nas outras editorias, a distinção entre géneros informativos e opinativos, sendo absolutamente fundamental não esquecer esta separação para perceber, por exemplo, se a tendência seguida por cada órgão de comunicação é mais opinativa ou informativa (cf. Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.74).

Voltando a Marisa Torres da Silva e ao seu artigo “O Estilo Informativo e as Práticas Discursivas do Jornalismo de Música” publicado no âmbito do projeto *Cultura na Primeira Página*, a autora elenca como géneros jornalísticos argumentativos, analíticos ou opinativos (no seio do jornalismo sobre música) a crítica, o artigo de opinião, o ensaio, a crónica ou o comentário (2012, p.56).

No entanto, nem todos os géneros no jornalismo musical assumem um carácter reflexivo e de opinião, sendo importante destacar também formatos informativos, dos quais é exemplo primordial a notícia.

Assim, é então na senda da distinção entre informação e opinião no contexto dos géneros jornalísticos que Luiz Beltrão propõe que o jornalismo tem as seguintes funções básicas: informar, orientar, interpretar, divertir, entreter e opinar (*cit in* Assis, 2008, p.5). Para o mesmo autor, os géneros jornalísticos podem ser classificados da seguinte forma:



**Tabela n.º1**

**Gêneros Jornalísticos segundo Luiz Beltrão**

<b>Classificação</b>	<b>Jornalismo informativo</b>	<b>Jornalismo interpretativo</b>	<b>Jornalismo opinativo</b>
<b>Gêneros</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Notícia</li><li>• Reportagem</li><li>• História de interesse humano</li><li>• Informação pela imagem</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Reportagem em profundidade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Editorial</li><li>• Artigo</li><li>• Crónica</li><li>• Opinião ilustrada</li><li>• Opinião do leitor</li></ul>

(Beltrão, *cit in* Assis, 2008, p.5)

Já Jorge Pedro Sousa, na sua obra *Elementos de Jornalismo Impresso*, aponta que, correntemente, se consideram como principais gêneros jornalísticos a notícia, a entrevista, a reportagem, a crónica, o editorial e o artigo (que pode ser de opinião, análise, entre outros) (2001, pp.230-231). Da perspectiva deste autor, importa também destacar que

os gêneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas e, por vezes, é difícil classificar uma determinada peça, até porque, consideradas estrategicamente, todas as peças jornalísticas são notícias, especialmente se aportarem informação nova (*ibidem*, p.231).

Dentro da mesma linha, o jornalista, investigador e professor universitário brasileiro José Marques de Melo amplifica as opções apresentadas por Beltrão e acrescenta mais duas categorias: gêneros “diversionais” e gêneros utilitários, sugerindo então a classificação patente na tabela que se apresenta de seguida.

**Tabela n.º2**

**Gêneros Jornalísticos segundo José Marques de Melo**

<b>Gênero</b>	<b>Informativo</b>	<b>Interpretativo</b>	<b>Opinativo</b>	<b>Diversional</b>	<b>Utilitário</b>
<b>Formato</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nota (ou breve)</li> <li>• Notícia</li> <li>• Reportagem</li> <li>• Entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dossiê</li> <li>• Perfil</li> <li>• Enquete (sondagens e inquéritos)</li> <li>• Cronologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Editorial</li> <li>• Comentário</li> <li>• Artigo</li> <li>• Resenha</li> <li>• Coluna</li> <li>• Crónica</li> <li>• Caricatura</li> <li>• Carta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• História de interesse humano</li> <li>• História colorida (cartoon ou BD)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indicador</li> <li>• Cotação</li> <li>• Roteiro</li> <li>• Serviço</li> </ul>

(Melo, *cit in* Silva, 2012, p.74)

Importa lembrar que esta é a segunda hipótese teórica apresentada pelo autor sobre esta temática, contemplando a primeira apenas a distinção entre gêneros informativos e opinativos. Procurando adaptar-se à evolução da realidade jornalística brasileira, esta nova classificação surgiu em 1998 como atualização da proposta inicial, que foi publicada pela primeira vez em 1985 na obra *A opinião no jornalismo brasileiro*<sup>15</sup>. Apesar de não estar publicada em livro, a segunda e mais recente proposta de Marques de Melo sobre os gêneros jornalísticos mantém-se, até hoje, como um marco bastante relevante no estudo do tema (Assis, 2008, p.8).

Para Dora Santos Silva, esta conceção sobre os gêneros jornalísticos é das propostas que mais se adequam ao jornalismo cultural, por abranger alguns formatos que estão a cair em desuso no jornalismo em geral, mas que ainda se mantêm no jornalismo sobre cultura (no qual se insere a música), sendo eles a biografia, o perfil, a necrologia, as efemérides e a crítica (2012<sup>a</sup>, p.74). Ainda segundo a mesma autora, o carácter reflexivo e crítico de que o jornalismo musical é dotado leva a que estejam associados a esta editoria também outros gêneros, como é o caso da resenha (*review*) e da crónica (*ibidem*, p.73).

No artigo “A Nova Dimensão Performativa do Jornalismo Cultural – Contributos do Roteiro e da *Review*”, Dora Santos Silva refere-se a dois subgêneros da crítica (no seu sentido mais tradicional) – o roteiro, ou guia e a *review*, ou resenha – como gêneros híbridos comuns nas secções de cultura dos meios de comunicação portugueses (2012<sup>b</sup>,

<sup>15</sup> Em 2003 foi revista e passou a intitular-se *Jornalismo Opinativo*.

p.37). A *Internet* e o jornalismo em ambiente digital vieram acentuar uma crescente diminuição da crítica enquanto “gênero por excelência do jornalismo cultural”, dado que o meio *online* torna possível que todos, quer sejam ou não jornalistas, emitam e divulguem facilmente os seus pareceres e opiniões (*ibidem*, pp.37-38). A este tipo de crítica, que acontece em especial nos blogues e redes sociais, a autora chama “crítica não especializada” (*ibidem*, p.41).

Do ponto de vista desta investigadora, a

crítica não sofreu um empobrecimento – a crítica tradicional, a que existe residualmente, não perdeu qualidade -, mas tem vindo a ser substituída por dois subgéneros muito comuns do jornalismo cultural: a *review* (ou resenha) e o roteiro (*ibidem*, p.38).

Em suma, importa destacar que, para Dora Santos Silva, a crítica exige um conhecimento muito profundo do tema em análise, sendo, por isso, um dos géneros jornalísticos mais difíceis, que podem ser praticados tanto por jornalistas como por especialistas. Por outro lado, a resenha tem como missão dar a conhecer ao leitor apenas uma ideia resumida da obra em questão, permitindo que seja o próprio público a opinar e a tomar uma decisão (*ibidem*, pp.42-43). Neste âmbito, é relevante recuperar a teoria de Marques de Melo (*cit in* Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.74), que insere a resenha no campo dos géneros opinativos.

No que diz respeito ao roteiro, o seu objetivo é maioritariamente utilitário (como também já havia recordado Marques de Melo na sua proposta de classificação dos géneros jornalísticos acima citada), já que corresponde, normalmente, à programação e listas que, no caso da música, podem englobar concertos, álbuns ou outro tipo de eventos (Santos Silva, 2012<sup>b</sup>, p.43 e Melo, *cit in* Silva, 2012<sup>a</sup>, p.74). Segundo Dora Santos Silva, a sua essência reside em “agrupar diversos temas sobre uma lógica comum, com o objetivo de dar uma orientação ao público” (2012<sup>b</sup>, p.44).

Neste contexto, em relação aos géneros críticos, Frantjesco Ballerini reitera a posição defendida por Dora Santos Silva (*ibidem*, p.42), ao afirmar que “Para fazer uma boa crítica, é crucial ter profunda intimidade com a obra, vê-la diversas vezes e observar como o tempo a transforma” (2015). Na mesma obra (*Jornalismo Cultural no Século 21*), o autor salienta ainda que “A crítica de arte, em especial, tem ainda mais valor que

as rápidas reportagens e notícias culturais” (*ibidem*) e cita Maria Cecília Garcia quando esta aponta que

o texto crítico tem um pé na literatura e outro no jornalismo. Na literatura porque não visa informar o leitor, mas produzir textos que abusam da ‘função expressiva da linguagem com o objetivo de atrair o leitor para a obra artística’. E jornalismo porque deve ser publicado em jornais e revistas e abordar produtos do agora, da atualidade (2007, *cit in* Ballerini, 2015).

Francisco Rodríguez Pastoriza sublinha que, no jornalismo cultural moderno, raramente encontramos os géneros informativos no seu estado puro, sendo frequentes reconfigurações que misturam características de todos eles (s.d., p.104). Nas suas palavras, “nos últimos anos têm aparecido novos géneros e subgéneros de difícil localização na classificação tradicional do jornalismo informativo”<sup>16</sup> (*ibidem*). Este autor acrescenta ainda um outro subgénero da crítica às duas propostas de Dora Santos Silva – o comentário – que, sendo para ele o mais próximo do jornalismo, “introduz uma certa apreciação sobre alguns dos aspetos que nunca resultam em juízos de valor decisivos sobre a totalidade da obra” (Pastoriza, 2006, p.158, *cit in* Santos Silva, 2012<sup>b</sup>, p.43). Uma vez mais, este conceito consta também da teoria de José Marques de Melo (*cit in* Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.74), que insere o comentário no género opinativo e da proposta de Marisa Torres da Silva sobre os géneros do jornalismo de música (2012, p.56).

A posição defendida por Pastoriza pode levar-nos a considerar que, na prática, é cada vez mais difícil distinguir de uma forma clara e objetiva quais os géneros jornalísticos que se enquadram no domínio da informação ou da opinião e ainda qual a designação correta que deve ser dada a cada tipologia. No entanto, mesmo que se considere pertinente repensar as teorias existentes sobre os géneros jornalísticos e, eventualmente, propor novas abordagens que se adequem às mudanças e evolução do jornalismo atual, não deixa de ser essencial, como ponto de partida, ter em mente os conceitos de informação e opinião e as diferenças fundamentais entre ambos, mesmo nos casos em que possa haver uma “mistura” entre ambas as realidades.

---

<sup>16</sup> “(...) en los últimos años han aparecido nuevos géneros y subgéneros de difícil ubicación en la tradicional clasificación del periodismo informativo (...)”

### 2.3. Os Valores-Notícia no Jornalismo Musical

“A recolha e seleção das notícias inicia-se pela definição dos valores-notícia ou, por outras palavras, pela definição das características que um determinado acontecimento tem de possuir para que se torne noticiável”

(Franco, 2013, p.25)

Se, por um lado, o jornalismo musical tem especificidades que são características da natureza do assunto que trata (como é o caso do cariz tendencialmente opinativo e reflexivo associado às temáticas culturais), por outro, obedece também a padrões transversais a todo o universo jornalístico, dos quais são exemplo os valores-notícia ou critérios de noticiabilidade. Assim sendo, importa perceber e enquadrar, primeiramente, o significado destes conceitos para que depois seja possível aplicá-los ao caso concreto do jornalismo de música.

Antes de aprofundar este tema, é relevante ter em mente o conceito de *gatekeeping*, proposto inicialmente por David Manning White em 1950, já que este é, na minha opinião, o ponto de partida para os pensamentos que se seguem no campo dos critérios de noticiabilidade ou valores-notícia. Com base num estudo sociológico anterior realizado por Kurt Lewin (1947) sobre a forma como são tomadas as decisões, o autor aplicou o modelo proposto à comunicação de massas e ao jornalismo, defendendo assim o conceito metafórico de *gatekeeper*, “porteiro” ou “guardião dos portões”. O objetivo de White era, então, perceber o que leva os jornalistas a considerar que determinados acontecimentos são dignos de divulgação noticiosa e a deixar outros de parte, tendo chegado à conclusão de que, das potenciais notícias que chegam às redações, apenas algumas se tornam efetivamente notícias (Sousa, 2006, p.119). Assim, conforme sintetiza Jorge Pedro Sousa, “Esses momentos de decisão correspondem, na metáfora, aos portões (*gates*)” e “O jornalista corresponde, na metáfora, ao porteiro (*gatekeeper*)” (2006, p.119), tendo então surgido, desta forma, a teoria do *gatekeeping* no contexto jornalístico.

Segundo White, “Compreender o funcionamento do gate (...) seria equivalente a compreender os factores que determinam as decisões dos gatekeepers” (1950, p.142).

No entanto, no seu estudo, no qual analisou a conduta de um jornalista no que a este assunto diz respeito, concluiu que o indivíduo em questão não seguia regras claras no momento de decidir o que se devia tornar notícia no seu jornal, mas sim os seus próprios critérios pessoais e, por isso, subjetivos.

Mais tarde, outros autores dedicaram-se também à reflexão sobre esta temática, tendo em 1964 W. Gieber defendido que, para além dos critérios subjetivos, a produção noticiosa era regida por constrangimentos organizacionais, como as limitações de tempo ou recursos, por exemplo (Sousa, 2006, p.119), opinião que é partilhada por Warren Breed (1955, *cit in* Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.78). A este respeito, também podem ser mencionados Wesley e MacLean (1957) que acreditavam que “é notícia aquilo que os jornalistas presumem (...) que o seu público quer”, o que leva a crer que, afinal, a subjetividade dos jornalistas estaria relegada para um segundo plano de importância, mas nunca colocada totalmente de parte no momento de escolher quais os conteúdos ou acontecimentos que devem ser ou não transformados em notícia (*ibidem*). No mesmo sentido, Galtung e Ruge apontam que: “Já que não conseguimos registar tudo, temos de seleccionar, e a questão é o que é que vai captar a nossa atenção.”<sup>17</sup> (1965, p.65).

Tendo as posições anteriores em mente, penso poder afirma-se que, na sua prática profissional, os jornalistas regem-se por um conjunto de critérios ou regras que, ainda que não estejam definidos de forma exata e universal no seu código de conduta, são aplicados (consciente ou inconscientemente) no momento de escolher quais as notícias a produzir. Neste contexto, emerge a noção de *newsmaking*, que, segundo Dora Santos Silva, diz respeito à “cultura profissional dos jornalistas e as suas práticas” (2012<sup>a</sup>, p.79). Sobre esta matéria, Erica Franco acrescenta, na sua dissertação de mestrado, que

os media não podem ser vistos como simples veículos neutros da informação transmitida, uma vez que estes fazem um exigente trabalho de seleção e enquadramento temático das questões que divulgam ao público (*gatekeeping*), (...) de acordo com os critérios de interesse e exigência públicos (*newsmaking*) (2013, p.22).

---

<sup>17</sup> “Since we cannot register everything, we have to select, and the question is what will strike our attention.”

O *newsmaking* veio então melhorar a teoria do *gatekeeping* proposta por David White que, no seu artigo “O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias”, afirmou que

Através do estudo das razões apresentadas para a rejeição de notícias das agências noticiosas, podemos verificar como a comunicação das «notícias» é subjectiva, como tem por base o conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper* (White, 1950, p.151).

A escolha do que se torna notícia e daquilo que fica de parte segue diversos critérios, como já foi referido, o que desacredita uma parte da metáfora do *gatekeeping* apresentada por David White (1950), dado que, segundo o americano, as decisões tomadas pelos *gatekeepers* (jornalistas) estão essencialmente assentes na subjetividade pessoal (*cit in* Sousa, 2006, p.119). Porém, esta proposta pioneira não deve ser esquecida pois foi com base nela que se desenvolveram novas teorias, perspectivas e propostas das quais fazem parte os valores-notícia, isto é, os critérios a que os jornalistas recorrem para decidir quais os acontecimentos que se tornam ou não notícia. Dora Santos Silva salienta mesmo que, se aplicarmos a metáfora do *gatekeeping* à informação jornalística, “as notícias passam por um processo de selecção que nem sempre é objectivo, tendo em conta vários critérios de escolha” (2012<sup>a</sup>, p.78).

Um outro conceito relevante que surge também na literatura relacionada com estas questões é o de *agenda-setting* que, sucintamente, diz respeito ao “poder do jornalismo em filtrar os temas discutidos na opinião pública”, procurando conciliar dois tipos de agenda: a agenda dos media (temas a que o jornalismo dá maior destaque) e a agenda pública (aquela que os cidadãos discutem) (Costa, 2017, p.36). No entanto, apesar de esta noção se coadunar com o papel social dos órgãos de comunicação e o modo como os seus recetores apreendem a realidade que estes lhes transmitem, não vai ser alvo de análise neste trabalho, visto que pode também estar interligada com as fontes de informação e o modo com os jornalistas contactam com elas e esse ponto não é um dos objetos de estudo focados no tema que me proponho a abordar.

Feita esta nota, importa seguir com revisão literária específica sobre os critérios de noticiabilidade que, como o próprio termo indica, correspondem a um conjunto de fatores a ter em consideração no momento de decidir se um determinado assunto ou acontecimento é suficientemente relevante ao ponto de se tornar notícia, averiguando-se

assim o seu grau de noticiabilidade. Seguindo a mesma lógica, a designação “valores-notícia” também diz respeito a esta realidade, na medida em que remete para a importância social dos acontecimentos, avaliando se têm ou não valor de notícia. Neste contexto, Jorge Pedro Sousa afirma que “A selecção é a pedra angular (...), pois um jornal não pode ser um amontoado não criterioso de todo o tipo de informações” (2001, p.38).

Antes de os elencar e procurar compreender o seu funcionamento, é necessário salientar que, dado o contexto social em que o jornalismo se insere, estes critérios ou valores-notícia não podem ser colocados em prática de forma categórica. Ainda que limitem a subjetividade pessoal dos jornalistas, esta nunca será eliminada na sua totalidade, quando se trata de selecionar e hierarquizar o que deve ou não ser transformado em notícia. Deste modo, cada possível notícia é analisada separadamente e, ainda que não sejam aplicados pelo jornalista mecanismos e raciocínios meramente subjetivos, os profissionais agem, muitas vezes, inconscientemente, visto que nem sempre se recordam, em cada circunstância, de que estão a recorrer aos critérios de noticiabilidade. Neste âmbito, pode então convocar-se, a meu ver, a visão de Marisa Torres da Silva sobre a linguagem jornalística, que a considera “um contínuo sistema de escolhas” (2012, p.56), ou então a opinião de Jorge Pedro Sousa, quando afirma que “A escolha dos assuntos a abordar por um jornal e a consolidação de uma determinada linha editorial dependem de diversos mecanismos que actuam em conjunto”, sendo que muitos deles se sobrepõem à subjetividade jornalística, como é o caso dos critérios de noticiabilidade ou valores-notícia (2001, p.38).

Com base na teoria da socióloga norte-americana Gaye Tuchman sobre a objetividade jornalística (1972), Marisa Torres da Silva assinala que

os profissionais mobilizam um conjunto de normas estilísticas que visam retirar as marcas de subjetividade e mitigar pressões como as horas de fecho ou as críticas exteriores ao seu trabalho, utilizando para tal procedimentos como apresentação de pontos de vista divergentes e de provas auxiliares, citações ou a estrutura da pirâmide invertida (2012, pp. 52-53),

importando também acrescentar a esta equação os valores-notícia. No caso do jornalismo musical, a conotação subjetiva atribuída ao jornalismo costuma ter ainda um



maior peso, se for tida em consideração a sua elevada tendência reflexiva e até, segundo alguns autores, mais opinativa do que outras secções do jornalismo.

Centrando a nossa atenção no caso concreto dos critérios de noticiabilidade, merece destaque a teoria pioneira dos sociólogos noruegueses Galtung e Ruge (1965), dado que foram os primeiros a identificar e elencar os critérios presentes no momento de decidir o que se torna noticiável e que a atualidade e aplicabilidade desta teoria ainda se mantém até aos dias de hoje (Sousa, 2006, p.120).

Para estes autores, os critérios de noticiabilidade são os seguintes:

- Frequência / Atualidade (duração e momento do acontecimento);
- Intensidade / Amplitude;
- Clareza / Inequivocidade;
- Significância;
- Consonância (correspondência/semelhança com os padrões do que já tem sido notícia);
- Imprevisibilidade (acontecimento inesperado);
- Continuidade (atualização de notícias anteriores sobre o mesmo assunto);
- Composição (diversidade do alinhamento noticioso);
- Referência a nações de elite;
- Referência a pessoas de elite;
- Personalização;
- Negatividade (referência(s) a aspeto(s) negativo(s))

(Galtung; Ruge, 1965, cit in Sousa, 2006, pp.119-120; Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.79).

Segundo os mesmos, pode afirmar-se que, quanto mais recente for um acontecimento, maior será a probabilidade de este se tornar notícia, tal como acontecerá também quanto mais intenso ou abrangente for. O mesmo se aplica à clareza/inequivocidade, isto é, quanto menos informações ocultas ou significados pouco nítidos tiver um

acontecimento ou informação, mais provável será que se venha a transformar em notícia.

Quanto à consonância, terá mais hipóteses de ser noticiado um acontecimento que se enquadre na habitual produção jornalística dos meios de comunicação social ou então, por outro lado, um que seja respeitante a temas que contribuam para a harmonia do alinhamento noticioso, que envolvam pessoas ou nações (de preferência proeminentes socialmente) ou aspetos negativos, como será o caso, por exemplo, de mortes ou acidentes. No jornalismo, por norma (segundo Galtung e Ruge, 1965), é também dada preferência ao inesperado em detrimento do rotineiro e também a novidades que permitam atualizar os cidadãos sobre assuntos previamente noticiados (cf. Sousa, 2006, p.120).

Sobre a negatividade, Johan Galtung e Mari Holboe Ruge acrescentam o seguinte:

Quando afirmamos que vai ser dada preferência às notícias negativas em comparação com as positivas, não estamos a dizer nada mais sofisticado do que aquilo a que a maioria das pessoas se refere quando diz que ‘há muito pouca felicidade nas notícias’, etc.<sup>18</sup> (1965, p.69).

Relativamente à atualidade, Nelson Traquina (1988) sublinha que “o tempo pode ser usado como ‘cabide’ para outras notícias” (*cit in* Sousa, 2001, p.43). No jornalismo de música, esta ideia é colocada em prática quando, por exemplo, a celebração do aniversário de uma determinada banda ou músico/a é motivo para a elaboração de uma notícia sobre esse assunto.

Outro aspeto a sublinhar reside no facto de não existir uma fórmula estanque para a seleção de acontecimentos socialmente relevantes e posterior produção de notícias, mas, habitualmente, quanto mais critérios estiverem presentes num determinado acontecimento, mais probabilidade ele tem de se tornar notícia. Contudo, pode acontecer algo ser transformado em notícia e apenas preencher um destes critérios ou,

---

<sup>18</sup> “When we claim that negative news will be preferred to positive news we are saying nothing more sophisticated than what most people seem to refer to when they say that ‘there is so little to be happy about in the news’, etc.”

inversamente, coexistirem vários num mesmo evento/acometimento e este não ser considerado suficientemente importante ao ponto de se tornar notícia (Sousa, 2006, p.120).

Traquina (2004, pp.117-119), com base nos estudos de Mauro Wolf (1987), apresenta uma outra proposta sobre os valores-notícia, dividindo-os em critérios de seleção e de construção. Dentro do primeiro grupo, existem os valores-notícia substantivos (avaliação direta do acontecimento em termos de importância ou interesse como notícia, tendo em conta a proximidade, a relevância, o tempo / efeméride, a quantidade, a inversão, o insólito, o excesso ou escassez, o inesperado, o conflito / controvérsia / escândalo e a notabilidade) e os contextuais, que abarcam o contexto de produção das notícias (conduta profissional dos jornalistas) e não as características dos acontecimentos eventualmente noticiáveis. No que diz respeito ao contexto, são enumerados fatores como a disponibilidade / facilidade de cobertura, o equilíbrio da linha editorial, a disponibilidade de imagens ou som e a concorrência. Passando para os valores-notícia de construção, estes “correspondem aos elementos dentro do próprio acontecimento que deverão ser incluídos na notícia”, sendo eles a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização e a dramatização (*cit in Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.80*).

Em conclusão, autores como Ericson, Baranek e Chan (1987) e Sousa (2001)

acentuam que os critérios de noticiabilidade são muitos, difusos, entrecruzados e, por vezes, contraditórios, mas que não são imperativos – servem de guia mental, nem sempre consciente, para o jornalista reconhecer e selecionar os acontecimentos mais importantes, mas não “obrigam” a escolhas únicas (Sousa, 2006, p.121).

No contexto dos valores-notícia, outros autores distinguem o jornalismo de cultura (do qual faz parte o jornalismo musical) das chamadas *hard news*, entendidas como os conteúdos jornalísticos produzidos nas áreas de economia, política, administração pública, ciência, tecnologia e assuntos relacionados (Curran et al., *cit in Reinemann et al., 2011, p. 224*), o que acaba por ter um impacto determinante no que concerne à sua aplicação.

A este respeito, Dora Santos Silva refere que “O critério da actualidade, por exemplo, é mais flexível no jornalismo cultural do que no geral”, o que está relacionado com o

facto de, no âmbito da cultura, o interesse informativo dos acontecimentos residir na satisfação (utilidade ou serviço público) que a sua divulgação ou conhecimento poderá provocar na audiência (2012<sup>a</sup>, p.80). No caso da música, pode destacar-se que, por exemplo, o lançamento de um disco terá um período de vigência maior do que um acidente, resultados eleitorais ou de um jogo de futebol.

Por não ter uma implicação tão direta na vida das pessoas como poderão ter áreas como a política ou a economia, o jornalismo musical é muitas vezes entendido como tendo menos importância do que o produzido por outras editorias, dado que está relacionado com gostos e com realidades como o prazer e a fruição intelectual, produzindo e acompanhando tendências. No entanto, ainda que seja impossível desconsiderar a maior maleabilidade do valor-notícia da atualidade no jornalismo de música, é absolutamente relevante continuar a ter em conta a sua importância, principalmente no que diz respeito à novidade (novas bandas, novos artistas, novos álbuns, concertos, etc.). Assim, considera-se que o vínculo do jornalismo musical com a atualidade não é menor, simplesmente assume contornos diferentes (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.80), tal como salientam Debora Lopez e Marcelo Freire, a partir do exemplo do jornalismo cultural: “o jornalismo cultural é, antes de mais, jornalismo, não prescindindo de um vínculo com a atualidade e, por outro lado, com as convenções associadas ao estilo de escrita jornalística” (*cit in* Torres Silva, 2014, p.16).

Neste âmbito, a investigadora Dora Santos Silva acrescenta ainda que o discurso cultural é mais retrospectivo, “pelo que, muitas vezes, artigos recapitulam o que já é conhecido no mundo das artes e da cultura, com outro ângulo de abordagem” (2012<sup>a</sup>, p.80), como acontece com os conteúdos que assinalam certas efemérides. Esta perspectiva da atualidade no jornalismo de música vai ao encontro da teoria de Nelson Traquina (1988), que refere, tal como já se mencionou acima, que a noção de tempo pode ser usada como “gancho” para outras notícias (*cit in* Sousa, 2001, p.43).

No que concerne à raridade, no jornalismo musical, este valor-notícia está normalmente relacionado com a conduta incorreta ou inesperada dos artistas e/ou do seu meio musical envolvente. Já o conflito, também considerado com um critério de noticiabilidade relevante nesta área temática do jornalismo, diz respeito, por norma, a situações como roubo, plágio, pirataria ou críticas impactantes. Em relação à

proximidade, esta pode estar relacionada com a localização geográfica de concertos ou festivais (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.81).

## 2.4. Jornalismo Musical hoje: o impresso e o *online*

“A internet pôs a informação, ao mesmo tempo, em muitos e distantes lugares e à disposição de múltiplas e inimagináveis leituras”  
(Vargas, s.d., p.2)

Foi na última década do século XX que a *internet* chegou a Portugal e, pouco tempo depois, o forte impacto desta grande inovação tecnológica já se fazia sentir um pouco por todas as dimensões sociais.

O jornalismo não foi exceção e rapidamente rádios, televisões, revistas e jornais tomaram consciência da necessidade de alargar a sua presença ao meio digital, tanto para se adaptarem à evolução social e tecnológica associada a esta nova realidade emergente, como para cativar o seu público através de novos formatos ou até mesmo conquistar novas audiências. Se, por volta do ano de 1995, a *internet* apenas estava acessível para uma elite minoritária (Magalhães, 2014, p.7), hoje a situação é bem diferente e até já existe jornalismo feito exclusivamente *online*, podendo destacar-se, neste âmbito, casos como o *Observador* (jornal generalista *online* fundado em 2014) ou a “revista digital dedicada à cultura hip hop e às produções musicais nos territórios da electrónica emergentes em Portugal e além-fronteiras”<sup>19</sup> *Rimas e Batidas*, que existe desde 2015.

Na mesma linha de pensamento, Fernando Zamith diz que

A imprensa, a rádio e a televisão perceberam que tinham na Internet uma forma adicional de chegar às suas audiências e de, eventualmente, conquistar novos públicos e novas receitas, usando-a como suporte alternativo para difusão da sua produção (2011, p.19).

---

<sup>19</sup> Informação disponível na página da revista: <http://www.rimasebatidas.pt/sobre-2/>

Inicialmente, os órgãos de comunicação social começaram por transpor, quase sem qualquer modificação, os conteúdos presentes nas plataformas “originais” para os seus *websites*, reproduzindo-os integralmente e sem tirar real proveito das potencialidades que hoje se sabe que o *online* permite.

A pouco e pouco esta situação começou a alterar-se e foi nesse contexto que surgiram conceitos como *jornalismo online*, *jornalismo digital*, *webjornalismo* ou *ciberjornalismo*, concebendo todos eles a *internet* como ferramenta capaz de albergar e transmitir conteúdos jornalísticos aos seus públicos. Assim, construíram-se novas rotinas sociais e profissionais, reinventando-se os modos tradicionais de fazer jornalismo.

Segundo os investigadores Marcos Palácios, Luciana Mielniczuck, Susana Barbosa, Beatriz Ribas e Sandra Narita, o *webjornalismo* corresponde aos “produtos jornalísticos que são desenvolvidos única e exclusivamente para a Web” (s.d., p.2). Hélder Bastos, da Universidade do Porto, adota a mesma definição de *ciberjornalismo*, mas acrescenta que, neste tipo de jornalismo, os conteúdos são produzidos por profissionais que trabalham apenas em publicações digitais (e que usam as características específicas da *internet* no seu trabalho diário) e que esta componente tecnológica é um dos seus fatores de distinção determinantes (2010, p.1). Com base na teoria de Mark Deuze (2003), Bastos sublinha ainda que, idealmente, o *ciberjornalismo* deve ser entendido como um “quarto género jornalístico”, a par da imprensa, rádio e televisão (2010, p.1). Com funções equivalentes, num contexto geral, aos jornalistas de qualquer uma das restantes três áreas,

O jornalista *online* é (...) um profissional que concretiza tarefas jornalísticas dentro de e para uma publicação *online*. Seguindo esta definição, os mesmos *standards* de qualidade aplicam-se tanto a jornalistas *online* quanto a jornalistas tradicionais (*ibidem*, p.2).

Kevin Kawamoto (2003, p.4, *cit in* Bastos, 2010, p.2) descreve o jornalismo digital como o “uso de tecnologias digitais para pesquisar, produzir e distribuir (ou tornar acessível) notícias e informação a uma audiência crescentemente versada em computadores”.

Dado o funcionamento em rede do *ciberjornalismo*, possibilitado pela *internet*, este

novo formato está assente num modelo de transmissão de conteúdos bastante diferente do que se verifica na imprensa, na rádio e na televisão. No meio digital, as informações estão disponíveis em maior quantidade e chegam a um maior número de pessoas, passando-se então de uma relação recetor-leitor “um – muitos” para um modelo “muitos-muitos”, de acordo com a proposta de Guilherme Mattoso (2003, pp.17-18). Zamith sintetiza, deste modo, esta ideia:

Só à entrada do século 21 os media tradicionais começaram a perceber que a expansão da Internet iria, inevitavelmente, ser aproveitada pelos seus antigos recetores passivos como meio ideal de expressão individual e de questionamento da comunicação e do jornalismo um-para-muitos (2011, pp.21-22).

Novamente segundo Mattoso, “Mesmo conservando a essência do jornalismo, essa prática será sensivelmente afetada com a introdução de novas técnicas que marcarão a nova linguagem vigente” (2003, p.18).

Hoje, jornais, estações televisivas, rádios e revistas têm também os seus próprios *websites*, partilhando os seus conteúdos em formato *online*, o que acrescenta valor às suas mensagens e imagem. No entanto, para João Canavilhas, conceber o jornalismo digital apenas segundo esta ótica é redutor, pois “apesar do inquestionável interesse da difusão destes conteúdos à escala global, é um completo desperdício tentar reduzir o novo meio a um simples canal de distribuição dos conteúdos já existentes” (2001, p.2). Em concordância com esta posição, F. Zamith afirma que “depois de algumas hesitações iniciais, é hoje assumido consensualmente que as características distintivas da Internet justificam a existência de um novo tipo de jornalismo” (2011, p.23), isto é, o *webjornalismo*.

Feita esta abordagem genérica, importa agora refletir sobre as principais características práticas do jornalismo levado a cabo no meio digital (que podem ser equiparadas às potencialidades do próprio meio digital/*online*, pensando de forma mais abrangente), para depois compreender qual o papel que assumem no caso concreto do jornalismo musical. Como nota histórica, importa realçar que 1990 foi o ano do arranque definitivo do jornalismo musical na *internet*, com a revista americana *Rolling Stone* e a britânica *NME (New Musical Express)* a ingressar nas plataformas digitais (Michelsen, 2015,

p.215)<sup>20</sup>.

Ressalvando que poderiam ser seguidas outras designações, neste relatório de estágio, opta-se por nomear as características do jornalismo digital de acordo com a proposta apresentada por Fernando Zamith (2011, pp.25-40) na sua tese de doutoramento, por se considerar esta abordagem bastante clara, detalhada e completa. Apesar disso, cada uma destas mesmas características vai ser explicada, de seguida, à luz das opiniões de diferentes autores sobre o tema.

Para Zamith (*ibidem*), as características do ciberjornalismo são então: interatividade, hipertextualidade, multimedialidade, instantaneidade, ubiquidade, memória e personalização.

Genericamente, a primeira descreve-se como a possibilidade de uma relação recíproca entre os leitores e os conteúdos jornalísticos a que têm acesso no meio digital. Neste sentido, o autor defende que este contexto não deve ser meramente concebido tendo em conta os processos tecnológicos e a relação estabelecida entre o homem e a própria máquina. Na sua perspetiva, falamos em interatividade quando “Falamos de interação humana (entre dois ou mais seres humanos) potenciada pela máquina e não apenas da reação do homem ao que outro lhe oferece, por intermédio da tecnologia” (2011, p.27).

Também sobre a interatividade, Bárbara Magalhães salienta que esta ocupa uma posição de destaque no ciberjornalismo “chegando a ser considerada por muitos autores como a principal característica das tecnologias digitais” (2014, p.15). Guilherme Mattoso, no seu artigo *Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação*, sublinha a seguinte questão:

Na internet, a análise dos fatos jornalísticos tem como aliada – ou inimiga – uma série de recursos que aproximam o repórter do leitor, fazendo com que estes sintam-se cada vez mais parte integrante do processo comunicativo (2003, p.21).

Na prática, a interatividade no jornalismo digital permite uma forte interação entre os leitores e os conteúdos a que acedem, mas também entre eles e os próprios jornalistas,

---

<sup>20</sup> “As of the writing of this chapter, several internet “magazines” have become established along with the web pages of well-established publications such as *Gramophone*, *Rolling Stone* and *NME*.”



na medida em que possibilita que quem está a ler na *internet* possa deixar comentários e sugestões em caixas específicas para esse efeito (podendo depois ser tidos ou não em conta) e ainda contactar os jornalistas através de e-mail, por exemplo. Citando Bardoel e Deuze (2000, *cit in* Palácios, et. al, s.d., p.4), “a notícia *online* possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sintam-se parte do processo”. Nesta senda, é ainda relevante notar que estas possibilidades de contacto entre jornalistas, leitores e conteúdos são hoje intensificadas com a presença dos meios de comunicação nas redes sociais.

Em suma,

A Internet, espaço privilegiado para a afirmação do ciberjornalismo, não abarca apenas todas as capacidades dos *media* tradicionais (texto, imagens, gráficos, animação, áudio, vídeo, distribuição em tempo real), como oferece novas capacidades, incluindo interactividade, (...) controlo por parte do utilizador e personalização (Bastos, 2010, p.3).

A hipertextualidade, por sua vez, diz respeito à possibilidade de, no meio digital, se inter-relacionar diferentes textos através de *links*, o que se insere no domínio do hipertexto. Segundo Palácios, et. al, esta característica é específica da natureza do jornalismo *online* (s.d., p.5) e, sumariamente, pode descrever-se como um sistema de escrita e leitura não-linear (Mattoso, 2003, p.22).

Cunhado por Ted Nelson (1995), sociólogo americano que se dedicou ao estudo de questões relacionadas com a tecnologia da informação, o termo hipertexto é definido de forma sucinta e aplicada ao jornalismo por Salaverría como “a capacidade de interligar vários textos digitais entre si” (2005, p.30, *cit in* Zamith, 2011, p.32). Estes “textos digitais” a que o autor espanhol se refere podem assumir diferentes formatos, podendo relacionar-se, no *webjornalismo*, texto escrito com imagens (fotografia ou vídeo) e sons, remetendo-se então, a certo ponto da leitura, para o acesso a outros conteúdos, que podem ter sido também publicados pelo órgão de comunicação social em questão ou por outra entidade.

Estamos então no domínio da multimédia (ou multimedialidade), que é precisamente a possibilidade de, no *online*, se conseguir conciliar diversos elementos numa mesma mensagem, favorecendo e fortalecendo o seu conteúdo jornalístico. Neste âmbito, Pierre

Lévy (1993, p.33) afirma que

tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto (cit in Magalhães, 2014, p.17).

No jornalismo musical é frequente, por exemplo, serem convocados para notícias vídeos ou músicas dos artistas que se está a abordar, bem como imagens fotográficas ou registos vídeo de concertos. Muitas vezes, também é colocada uma hiperligação para uma ou várias contas dos artistas nas redes sociais, para que o leitor possa ele mesmo conferir a informação transmitida.

Acerca da relação entre interatividade, hipertexto e multimédia, Hélder Bastos aponta que “Esta é a ‘ideal-típica’ forma de jornalismo *online*, tal como professada por um número crescente de profissionais e académicos de todo o mundo” (2010, p.2).

No que toca à instantaneidade, esta relaciona-se com o facto de o jornalismo digital “abolir” a noção de periodicidade associada à publicação de jornais e revistas e ainda aos horários fixos dos noticiários de rádio ou televisão. A este respeito, Fernando Zamith salienta que

O jornalismo não tem de ser periódico. A capacidade de publicar instantaneamente qualquer conteúdo jornalístico (mesmo o menos relevante e/ou urgente) sem ter de esperar pela hora do noticiário radiofónico ou televisivo ou pelo momento em que o jornal impresso começa a ser distribuído, é outra das pequenas revoluções causadas pela Internet (2011, p.34).

Sobre a ubiquidade no jornalismo feito na *internet*, torna-se fundamental relacioná-la com o carácter universal ou transnacional deste meio. Isto significa que, a partir do momento em que é publicada na *internet*, uma notícia passa a estar disponível para acesso mundial, característica que é intensificada com a expansão do acesso à informação em rede (*internet*) através de dispositivos móveis como *tablets* e *smartphones* e com a crescente utilização dos mesmos por parte das populações (*ibidem*, p.35).

Numa perspetiva comparativa, Fernando Zamith adiciona que “a ubiquidade da Internet

permite ao cibermeio explorar um mercado mundial e não apenas local, regional ou nacional, como acontece na esmagadora maioria dos órgãos de comunicação social tradicionais” (*ibidem*).

Não menos importante é a memória, que se pode enquadrar, a meu ver, numa noção abrangente de memória coletiva, que guarda, em arquivo (agora digital) todas as peças anteriormente produzidas para eventuais efeitos de contextualização.

Bárbara Magalhães aponta que,

até ao aparecimento da internet, a lógica de acesso aos arquivos em boas condições, sobretudo no que diz respeito à facilidade de pesquisa e obtenção da informação, nunca foi uma grande preocupação dos media (2014, p.23),

mas agora, no meio digital, tudo fica guardado de forma imediata e automática desde a sua publicação, sem limitações de tempo e espaço. A esta ideia é relevante acrescentar que

A memória pode ser recuperada tanto pelo produtor da informação, quanto pelo usuário. Sem as limitações anteriores de tempo e espaço, o jornalismo tem a sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa (Palácios, et, al, s.d., p.5).

Referindo-se à sua capacidade de acumulação de conteúdos praticamente ilimitada, Fernando Zamith diz que a *internet* é “um enorme armazém que está sempre presente” (2011, p.36).

Por fim, merece ainda destaque a questão da personalização dos conteúdos no que diz respeito ao ciberjornalismo. Muitas vezes integrada na interatividade, esta característica “consiste em alterar a configuração genérica de um sítio *web* de acordo com os critérios especificados por um usuário” (López, Gago & Pereira, 2003, p.224, *cit in* Zamith, 2011, p.38).

Num *webjournal*, é então possível cada pessoa personalizar as páginas de acordo com as suas preferências, fazendo uma seleção das áreas que, em seu entender, merecem destaque, filtrando os conteúdos apresentados (Canavilhas, 2001, p.6).

“Ao romper com o modelo único de comunicação um-para-muitos, acrescentando-lhe um-para-um e muitos-para-muitos, a Internet coloca o individual no centro e o coletivo

na berma”, diz-nos Fernando Zamith (2011, p.39) relativamente à personalização do jornalismo digital.

Apesar de todas estas características e vantagens inegáveis, o *webjornalismo*, nomeadamente na área cultural, na qual se insere a música,

tem de lidar com vários paradigmas que ameaçam a sua identidade histórica: (...) devido ao impacto sociocultural da internet, o jornalista tem de conviver com os criadores de conteúdos *online*, cidadãos não-jornalistas (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.95).

Esta realidade pode constituir uma desvantagem para este tipo de jornalismo, dado que a informação feita por cidadãos não jornalistas pode colidir com aquela desenvolvida por profissionais. No entanto, esta situação é, hoje, inevitável e até talvez irreversível, pelo que se torna necessário arranjar estratégias para integrar os eventuais contributos dos cidadãos em vez de os rejeitar. Neste contexto, é fundamental assegurar que se evite a concorrência direta entre estas duas formas de produção e divulgação de conteúdos diferentes, pois pode acontecer que os recetores não estejam conscientes dessas diferenças. Para tal, na minha opinião, uma solução poderia passar por encarar as contribuições dos cidadãos como algo benéfico, dado que os conteúdos com esta proveniência poderão ser filtrados e tratados de acordo com os princípios jornalísticos, para que possam assim ser transmitidos aos leitores com credibilidade, rigor, imparcialidade, objetividade e confiança.

### III. *BLITZ* - “na música desde 1984”

#### 3.1. Caracterização da instituição

##### 3.1.1. De jornal a revista



Figura 1 – Logótipo da *BLITZ*

A *BLITZ* é uma revista portuguesa especializada em música. Surgiu em 1984, como jornal com periodicidade semanal e publicou, ininterruptamente, durante mais de duas décadas. Os seus fundadores foram Manuel Falcão (que assumiu a direção do jornal), Rui Monteiro, Cândida Teresa (primeira diretora gráfica) e João Afonso. A dirigir o jornal *BLITZ* seguiram-se Rui Monteiro, Sónia Pereira, Pedro Gonçalves e Vítor Rainho e na fotografia destacam-se colaboradores como Daniel Blaufuks e Rita Carmo. Da equipa de jornalistas do *BLITZ* fizeram parte nomes como Ana Ventura e Ana Markl, por exemplo.

No primeiro número, de 6 de novembro de 1984, foi publicado o primeiro estatuto editorial e, na capa, contava com *Siouxsie and the Banshees* (Figura 2). Enquanto jornal, o *BLITZ* chegou a atingir uma tiragem de dezenas de milhares por semana, valor equiparado a outros jornais de informação generalista. No seu estatuto editorial, definia-se como “um jornal semanário inteiramente dedicado à música moderna e à cultura jovem”<sup>21</sup>.



Figura 2 – Capa do primeiro jornal *BLITZ*

<sup>21</sup> <https://almanaquedossentidos.files.wordpress.com/2014/11/blitz-1.jpg>

Em 1992, o *BLITZ* foi adquirido pelo Grupo *Impresa*, designado na época por *Controljornal* e hoje chefiado por Francisco Pedro Balsemão, filho do fundador do grupo, Francisco Pinto Balsemão. A *Impresa* acompanhou a sua passagem para revista, sendo que a *BLITZ* ainda se mantém, atualmente, sob a sua alçada.

Durante quase toda a sua vida editorial, o jornal foi a única publicação generalista dedicada exclusivamente à música, mantendo por isso uma legião de fãs que aguardavam periodicamente a sua publicação. Desta forma, assumia um papel importante na formação da cultura musical dos seus leitores e de todos a que ela têm acesso.

Para a sua história fica também a instituição dos Prémios *BLITZ*, entre 1995 e 2001, que galardoava anualmente as melhores edições discográficas e intervenções artísticas musicais. Os prémios eram atribuídos por votação de um grande número de músicos e especialistas da área e a primeira edição ocorreu a 18 de abril no Teatro São Luiz.

A sua derradeira publicação como jornal aconteceu em abril de 2006 (com os *Pearl Jam* na capa) tendo, a partir desse ano, passado a ser publicado como revista mensal. Para além do alargamento da periodicidade, esta passagem de jornal a revista implicou uma redução da equipa permanente. Na direção estava Miguel Cadete, que mantém o cargo até aos dias de hoje. Com ele, fazem agora parte da equipa Luís Guerra (editor), Lia Pereira, Mário Rui Vieira (jornalistas), Rodrigo Madeira (editor gráfico) e os colaboradores permanentes Rui Miguel Abreu (jornalista) e Rita Carmo (fotografia).

O primeiro número da revista chegou às bancas a 21 de junho de 2006 e na sua capa figuravam os *Rolling Stones* (Figura 3). Importa ainda destacar que, nesta altura, a



Figura 3 – Capa da primeira revista *BLITZ*

*BLITZ* já marcava presença na *Internet*.

Para além destes dois meios, a *BLITZ* tem vindo a adotar uma estratégia multiplataforma. Nesse sentido, teve um *magazine* denominado *Blitz TV* na *SIC Notícias* (que entretanto já não está em exibição) e um programa de rádio (*BLITZ Rádio*, com o slogan “Nunca se ouviu uma revista assim”) que, tendo já passado por várias emissoras, hoje é transmitido na *Rádio SBSR* aos sábados entre as 16h00 e as 18h00 e conta com apresentação de Nelson Ferreira.

Todas estas plataformas contribuem para que a *BLITZ* seja "não só uma revista mas sim uma marca de música", afirmou Miguel Cadete em 2014 à Revista *Briefing*.<sup>22</sup>

### **3.1.1.1. Estrutura da revista**

A revista mantém um permanente noticiário sobre a vida da música nacional e internacional, com entrevistas, artigos de profundidade, apresentação de artistas recentes ou antevisão de novos trabalhos e críticas de discos e DVDs musicais. Em declarações ao jornal *Público*, em 2006, o diretor Miguel Cadete descreveu-a da seguinte forma: "Pode-se entender esta nova publicação como uma refundação do *Blitz*. É uma revista de música, com uma parte mais noticiosa, outra de histórias de fundo e uma parte dedicada à crítica musical. (...)"<sup>23</sup>.

Mantendo o público-alvo do jornal (15-25 anos), a revista *BLITZ* aposta agora em conteúdos capazes de satisfazer diferentes gerações, alargando o seu leque de abrangência etária. Nas palavras de Luís Guerra, “A revista é mais clássica, menos juvenil (...)” e tem textos mais longos e de leitura mais contínua do que aqueles que eram publicados no jornal, o que leva a uma redução da quantidade de conteúdos e a uma orientação menos focada na atualidade noticiosa.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> <https://www.briefing.pt/media-br/31337-mais-que-uma-revista-uma-marca-de-musica.html>

<sup>23</sup> <https://www.publico.pt/2006/06/21/jornal/revista-blitz-chega-hoje-as-bancas-85159>

<sup>24</sup> ANEXO I: Entrevista a Luís Guerra, Editor da *BLITZ*

Atualmente, a estrutura da revista mantém sempre o *Editorial* do diretor, *Frente* (um conjunto de notícias relevantes no período temporal que cada revista abrange), uma ou várias entrevistas de fundo e reportagens (*P&R*), apresentação de discos (*BLITZ RECORDS*) e crítica de discos e DVDs musicais (*GUIA*), reportagens, além da crónica de Dr. Bakali (*OPINIÃO*). Esta estrutura fixa, patente sempre no sumário de cada edição, permite ao leitor orientar a sua leitura conforme as suas prioridades e gosto.

### 3.1.2. O online

As novas tecnologias da informação obrigam-nos a recorrer permanentemente à internet e aos *sites*, que todos os meios de informação e comunicação alimentam. Também a *BLITZ* mantém o seu *website* (disponível através do link: <http://blitz.sapo.pt/>), sempre de forma atualizada, sobre a área em que está focada – a música e tudo o que lhe está associado.

As notícias e informações, quer sejam sobre a atualidade musical ou sobre as curiosidades da vida musical nacional ou internacional, são publicadas permanentemente e atualizadas dia a dia, seguindo critérios editoriais e de atualidade e relevância, a ser explorados adiante.

Nos moldes em que existe hoje, o *website* da *BLITZ* está *online* desde 2015 (Figura 4) e veio consolidar um número de visitas que rondava 1 milhão a nível mensal, até esse momento<sup>25</sup>.

O *site* *BLITZ* alimenta-se, globalmente, de notícias, vídeos, reportagens (de concertos ou outros eventos relacionados com música), entrevistas e *playlists*. Surgem também textos de opinião e passatempos.

---

<sup>25</sup> <http://blitz.sapo.pt/principal/update/2015-12-30-Ola-Este-e-o-novo-site-da-BLITZ>



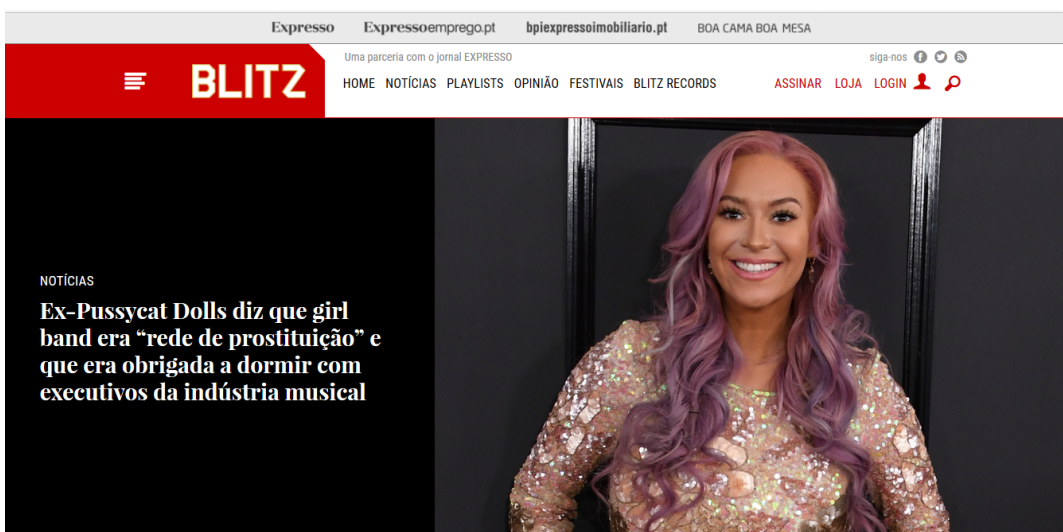


Figura 4 – Homepage do site da BLITZ (captura de ecrã efetuada a 16 de outubro de 2017, às 15h21)

A par do *website*, a BLITZ tem vindo a fortalecer cada vez mais a sua presença nas redes sociais, estando em diferentes plataformas: *Facebook*<sup>26</sup>, *Instagram*<sup>27</sup>, *Twitter*<sup>28</sup>. Na página de *Facebook*, há até conteúdos produzidos direta e exclusivamente nesse meio, como entrevistas em direto e transmissão de partes de concertos, por exemplo. Ficando gravados, depois há a possibilidade de partilhar esses mesmos conteúdos no *site*.

## 3.2. O Estágio

### 3.2.1. Breve descrição: atividades e rotinas

Depois de feita uma caracterização da instituição que me acolheu durante cerca de três meses de estágio curricular (de 23 de janeiro a 22 de abril de 2017), importa referir sucintamente como decorreu o processo e quais as principais atividades e tarefas desenvolvidas e rotinas criadas em contexto de redação.

<sup>26</sup> [https://www.facebook.com/blitz.pt/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/blitz.pt/?ref=br_rs)

<sup>27</sup> [https://www.instagram.com/blitz\\_pt/](https://www.instagram.com/blitz_pt/)

<sup>28</sup> [https://twitter.com/blitz\\_twit](https://twitter.com/blitz_twit)

Como já me tinha sido informado por aquele que viria a ser o meu orientador de estágio (Luís Guerra, o editor da publicação) numa entrevista que decorreu previamente, algumas semanas antes do início do mesmo, a função que iria ocupar a maior parte do meu tempo seria a produção de conteúdos para o *website* da *BLITZ*, sendo eles maioritariamente notícias.

Antes de começar a produzir trabalho jornalístico, os primeiros dias de estágio foram ocupados com a elaboração de uma base de dados que assinalava as principais efemérides a considerar pela *BLITZ online* durante o ano de 2017. O objetivo desta tarefa era, partindo da informação recolhida, produzir artigos no âmbito das mesmas, a publicar nas respetivas datas de celebração. Os anos presentes nesta pesquisa, que decorreu sempre em constante troca de opiniões com o editor, foram 1967, 1977, 1987, 1992, 1997 e 2007, tendo sido recolhidos e selecionados momentos relevantes do mundo da música (seguindo sempre a linha editorial da *BLITZ*) que comemoraram ou comemoram este ano 50, 40, 30, 25, 20 ou 10 anos, respetivamente. As principais efemérides escolhidas para figurar nesta lista de futuros conteúdos *online* enquadravam-se na seguinte tipologia de acontecimentos: aniversários de lançamento de álbuns, aniversários de nascimento ou morte de artistas e concertos ou outros eventos marcantes, podendo acrescentar-se a este documento, eventualmente, outros aspetos considerados dignos de relevo.

Depois de concluído este trabalho, passou-se à elaboração de artigos, que penso poder caracterizar-se como “notícias contextualizadas”, dado que eram notícias mais extensas e com mais elementos do que aquelas produzidas em contexto de atualidade “pura e dura”. Por atualidade “pura e dura” entende-se acontecimentos relevantes que sucederam no próprio dia ou poucos dias antes da notícia ser redigida e divulgada e não recuperações com contexto de datas e eventos significativos para serem assinalados noticiosamente. Saliento ainda que, nestas “notícias contextualizadas” que serão daqui em diante denominadas de “efemérides”, era frequente acrescentar ao texto imagens, vídeos, *playlists*, curiosidades, material de arquivo (de revistas ou jornais *BLITZ* anteriores disponíveis na redação) ou abordagens alternativas que se considerasse que iriam corresponder ao interesse dos leitores e despertar a sua atenção. Neste contexto, importa lembrar todas as características e potencialidades do jornalismo *online* elencadas em 2.4.

Paralelamente às “efemérides”, produzi também notícias e conteúdos de outros géneros baseados na atualidade musical para o site da *BLITZ*, coordenando essa atividade com a restante equipa. Ao nível do trabalho elaborado para o *online*, destaco ainda a deslocação a dois concertos para realizar a sua cobertura e o contacto telefónico com artistas para recolher declarações a integrar em trabalhos produzidos.

No que diz respeito à revista impressa, as minhas funções restringiram-se à secção *GUIA*, que contempla pequenas críticas sobre CDs e DVDs musicais, que habitualmente são elaboradas tanto pela equipa como por colaboradores externos, que mantêm um vínculo algo regular com a publicação. As características específicas desta parte da revista serão desenvolvidas com mais pormenor adiante.

### **3.2.2. Estudo de caso**

Tendo em conta a experiência de estágio descrita, passa-se agora à análise prática, empírica e fundamentada desta publicação. Para esse efeito, foi selecionada uma amostra correspondente ao estágio e que, por isso, engloba conteúdos publicados pela *BLITZ* nos meios impresso e digital durante o período em que o mesmo decorreu.

Como referido, definiu-se como *corpus de análise* conteúdos publicados tanto no meio impresso como no *online*, com o objetivo de, por um lado, retratar a experiência do estágio e, por outro, refletir sobre o período em que estive realmente a trabalhar na redação da *BLITZ* e não um outro qualquer momento, dada a tipologia deste trabalho (relatório de estágio). Para além destas questões, é também muito importante realçar que se parte do pressuposto de que, ao escolher conteúdos dos dois suportes em que esta publicação está presente, se garante uma maior possibilidade de a análise desenvolvida ser fiel à identidade atual da *BLITZ*, o que não aconteceria se, por outro lado, se optasse por dissecar conteúdos retirados apenas da revista ou somente do *site*. Assim sendo, considera-se que a amostra escolhida, que será caracterizada adiante, é representativa do que se passa na *BLITZ*, de um modo geral, afirmação que se pretende explanar e justificar ao longo do desenvolvimento deste estudo.

O objetivo desta análise de caso é responder ao tema/título do trabalho, procurando compreender quais os géneros jornalísticos e valores-notícia predominantes na publicação na qual decorreu o estágio e se estes dois fatores têm ou não impacto na quantidade de artigos produzidos sobre música portuguesa e sobre música estrangeira. Uma nota relevante a reter é que se considera, neste trabalho, que a música portuguesa é aquela produzida por artistas de nacionalidade portuguesa e, seguindo o mesmo raciocínio, que a música estrangeira é aquela produzida por todos os artistas oriundos de qualquer um dos outros países do mundo, mesmo que residam em Portugal. Ressalva-se que poderiam ter sido escolhidos outros critérios, igualmente válidos, para fazer esta distinção.

O objeto de estudo selecionado corresponde, assim, a todos os conteúdos produzidos por mim e publicados no *site* durante o estágio, ou seja, entre os dias 23 de janeiro de 2017 e 22 de abril do mesmo ano e às críticas presentes no *GUIA* das revistas dos meses de fevereiro, março, maio e junho. O mês de abril não é contemplado nesta análise, visto que a revista que lhe corresponde foi uma edição exclusivamente dedicada aos *Guns N' Roses*, que tinham concerto agendado para Portugal - Passeio Marítimo de Algés - para o dia 2 de junho. Por ser um número especial, esta revista não contemplou a habitual estrutura de conteúdos associada às publicações regulares da *BLITZ*, mas sim um formato único, pensado apenas para esta edição e do qual não faz parte o *GUIA* nem nenhuma outra secção.

No que diz respeito à caracterização da amostra escolhida respeitante ao *site*, é fundamental justificar, à partida, algumas questões. A primeira delas é que, numa primeira leitura, esta poderia ser vista como demasiado restritiva por contemplar um conjunto de artigos produzidos apenas por uma só pessoa e não pela totalidade da equipa. No entanto, o tipo de conteúdos que elaborei para o *site* não diferiu de um modo muito significativo (no que diz respeito aos tópicos em foco: géneros jornalísticos, critérios de noticiabilidade e música portuguesa versus música estrangeira) daqueles produzidos pelos restantes elementos da equipa.

Em segundo lugar, considero que um eventual alargamento da amostra iria somente aumentar o volume de conteúdos em análise e não afetar determinantemente as

conclusões a retirar, que penso que iriam ser semelhantes. Dada a tipologia e âmbito de aplicação deste trabalho (relatório de estágio), torna-se pertinente refletir sobre o trabalho realizado por mim durante o mesmo, desde que seja feito o distanciamento suficiente para analisar e tratar os dados obtidos de forma coerente, lógica, precisa e académica. Assim, penso que esta amostra é pertinente pelas razões já elencadas e porque, numa mesma lógica, também seria se eu optasse por outro critério - reduzir o período temporal ou escolher aleatoriamente outro jornalista, por exemplo.

Quanto à parte da amostra que diz respeito às revistas, as dos meses de março e maio são as que correspondem diretamente ao período do meu estágio, dado que a *BLITZ* é disponibilizada para venda na última semana do mês anterior. Por isso, na semana que antecede essa, todos os conteúdos têm de estar terminados para ser possível fechar a edição e enviar a revista para impressão nos prazos previstos. A revista de fevereiro não contou com a minha colaboração, visto que a data de início do estágio não o permitiu e a de junho, apesar de já ter sido colocada à venda cerca de um mês depois do término da minha experiência na redação, conta com a minha colaboração, pois foi acordado que publicariam nesse número um trabalho da minha autoria que tinha deixado terminado.

Desta forma, a amostra em foco é então a “secção de opinião por excelência” da *BLITZ* deste quatro números da revista, na sua totalidade. Dado o menor volume de artigos do que aqueles que foram produzidos por mim para o *site*, aqui já não surge a necessidade de encontrar uma estratégia para balizar e diminuir o campo de observação, pelo que serão considerados os contributos de toda a equipa. Do lado oposto da questão, restringir a análise ao trabalho efetuado por mim, neste ponto, não seria uma opção eficaz a considerar, porque a amostra não teria dimensão suficiente para se poderem retirar conclusões válidas, o que já não acontece com o *site*, como justificado acima.

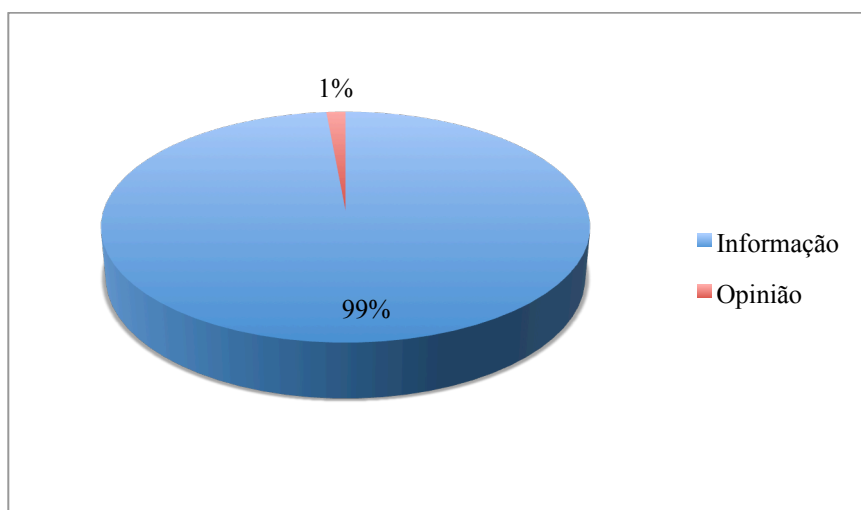
### 3.2.2.1. Os Géneros Jornalísticos na *BLITZ*

Começando pelo *site*, ao nível dos géneros jornalísticos, foram consideradas as seguintes categorias: notícias, efemérides, *playlists* e reportagens/opinião. Do total de 138 artigos publicados durante o período em análise, pretende-se contabilizar quantos correspondem a cada uma das quatro categorias acima definidas. Para tal, aplicou-se a grelha de análise que se segue, com o objetivo de averiguar qual o formato de peças que assume uma maior presença na publicação, percebendo-se assim se predomina a informação (notícias, efemérides e *playlists*) ou a opinião e quais as possíveis razões justificativas dos resultados obtidos.

**Tabela nº3**  
**Géneros Jornalísticos *online***

<b>Géneros</b>	<b>Notícias</b>	<b>Efemérides</b>	<b><i>Playlists</i></b>	<b>Reportagens / Opinião</b>
<b>Nº Artigos</b>				
Total: 138	117	17	2	2

**Gráfico n.º1**  
**Géneros Jornalísticos *online***



No que diz respeito aos géneros jornalísticos do formato *online* da *BLITZ*, através da amostra em análise conclui-se que há um claro predomínio da informação, em detrimento da opinião. Assim sendo, os dados analisados conduzem a uma conclusão diferente da apresentada pelos estudos sobre jornalismo musical que o consideram tendencialmente opinativo e reflexivo, apresentados no segundo capítulo deste trabalho (2.1. e 2.2.).

No entanto, tal não significa que a *BLITZ* descure totalmente a opinião. A diferença abrupta de valores que se pode observar no gráfico acima não indica que a *BLITZ* seja um caso excecional e totalmente diferenciador da tendência que se associa ao jornalismo musical. A este respeito, é importante salientar que, precisamente por contemplar dois meios de transmissão de conteúdos distintos – revista e *site* -, esta publicação especializada opta por uma estratégia de complemento entre ambos, adotando um estilo mais informativo no *website* (de alimentação diária) e uma tendência mais reflexiva e opinativa na revista (mensal).

Nos capítulos anteriores defende-se também que a essência do jornalismo musical assenta na natureza dos temas que aborda, estando, de resto, sujeito aos mesmos princípios e orientações que as restantes editorias jornalísticas. Recuperando a opinião de Dora Santos Silva (2012<sup>a</sup>, p.71),

É óbvio que o jornalismo cultural acaba por ter um estilo discursivo próprio em alguns artigos (nomeadamente quando falamos do género interpretativo), mas será porventura exagerado afirmar que este se distingue exclusivamente pelo seu estilo (...) e não também pela natureza dos temas que aborda.

No que toca à revista, o nosso estudo centrou-se precisamente no *GUIA*. Por ser exclusivamente opinativo, não poderá ser feita uma comparação entre as duas tipologias principais de géneros jornalísticos (informação e opinião), mas, ainda assim, existem algumas questões relevantes a mencionar sobre este assunto.

A primeira delas diz respeito a uma caracterização mais concreta do género praticado nesta secção da revista, pois dizer que se enquadra na categoria de opinião é demasiado lato e, por isso, não suficientemente esclarecedor. Neste âmbito, importa convocar a posição de Dora Santos Silva (2012<sup>b</sup>, pp.42-43) e a distinção que faz entre crítica e

resenha (ou *review*), conforme referido em 2.2. Para a autora, a crítica é um dos gêneros jornalísticos mais difíceis (tanto para jornalistas como para especialistas), dado exige um grau de conhecimento bastante elevado da obra em causa, para que seja possível transmitir uma opinião num texto longo, coerente e bem fundamentado. Por outro lado, a resenha é um apontamento curto e que, ainda que demonstre a proximidade do seu autor para com o assunto do texto (no caso da *BLITZ*, CDs ou DVDs musicais), deixa para o leitor o papel de formar a sua própria opinião.

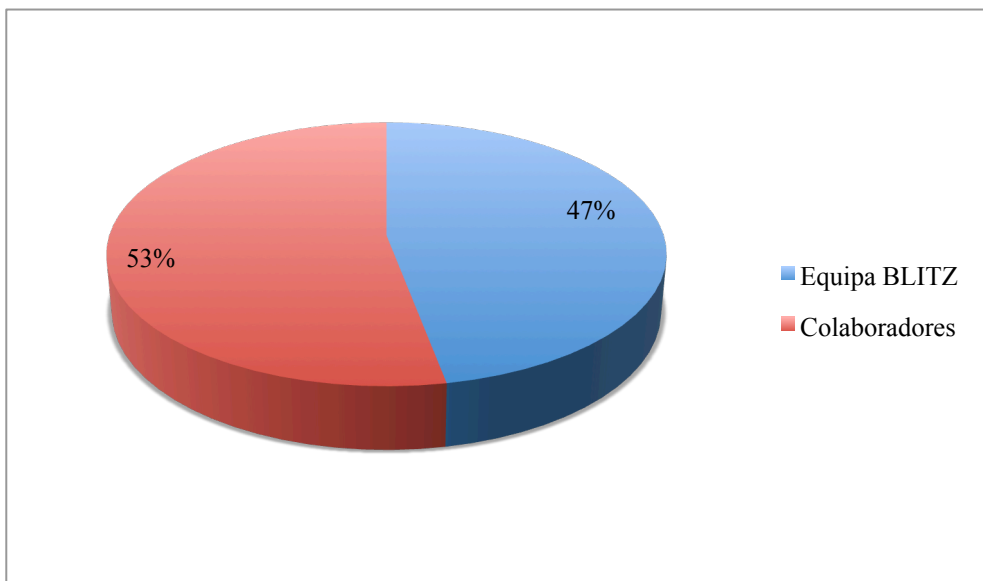
Aplicando este modelo ao *GUIA BLITZ*, os conteúdos apresentados nesta secção da revista (e que poderão ser consultados em anexo) são textos de pequena dimensão mas com bastante carga opinativa, o que corresponde a uma mistura entre as duas propostas anteriores. Apesar de sucintos, a intenção da *BLITZ* é que os textos evidenciem sempre a opinião de quem os escreve, estando essa marca autoral presente não só no próprio conteúdo do texto, mas também na avaliação que o complementa, já que cada obra analisada é ainda cotada pela mesma pessoa numa escala de 0 a 5 (do mais negativo ao mais positivo), em termos de qualidade.

O segundo aspeto a ter em conta em relação a esta que é a “secção opinativa por excelência” da *BLITZ*, reside no facto de para ela contribuírem alguns colaboradores externos, dado que a sua redação permanente conta apenas com três jornalistas e um colaborador. Assim, a publicação assegura uma maior diversidade, pois certos críticos (sejam eles jornalistas, especialistas ou ambos) estão mais familiarizados com determinados artistas ou estilos musicais do que outros, o que garante a abrangência e consistência dos conteúdos. No plano teórico, a esta abordagem podem fazer-se corresponder noções como “cultura de gosto” (Michelsen, 2015, p.211) e “*gatekeepers* do gosto” (Nunes, 2004, p.55), encaixando-se ambas na formação dos gostos musicais dos cidadãos e no impacto que o jornalismo de música pode ou não ter nesse mesmo processo.

Na prática, ao contabilizar quantas críticas foram escritas pela equipa da *BLITZ* e quantas foram assinadas por colaboradores externos nos números de fevereiro, março, maio e junho, observa-se, como se pode constatar no gráfico n.º2, que a contribuição exterior teve um peso maior.



**Gráfico n.º2**  
**Caraterização *GUIA BLITZ***



Cumpra assinalar que uma diferença de apenas 6% não é muito significativa, tal como o comprova a informação mais detalhada patente na seguinte tabela:

**Tabela n.º4**  
**Caraterização *GUIA BLITZ***

	<b>Equipa <i>BLITZ</i></b>	<b>Colaboradores</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Fevereiro</b>	16	16	32
<b>Março</b>	13	21	34
<b>Maió</b>	15	19	34
<b>Junho</b>	19	15	34
<b>TOTAL</b>	63	71	134

Em quatro revistas analisadas, só em duas (março e maio) é que se verifica um maior volume de críticas redigidas por colaboradores externos, quando comparadas com as concebidas pelos elementos da redação. Já em fevereiro, a produção foi equiparada parte a parte e, no mês de junho, os artigos da equipa foram 19 e os dos colaboradores 15, invertendo-se a situação.

Estas oscilações de resultados, quando dissecados os dados mensalmente, justificam a pequena diferença ilustrada nos valores totais, presentes no gráfico anterior. Não havendo regularidade nem um forte predomínio da colaboração externa quando comparada com a produção interna, tudo leva a crer que, com uma amostra diferente, os resultados obtidos poderiam ter sido outros. No entanto, acredita-se que os valores totais de cada uma das realidades continuariam a estar próximos e que a preocupação da BLITZ é, dentro do possível, conseguir um equilíbrio entre as opiniões dos elementos da redação e as vindas do exterior, assegurando sempre alguma diversidade.

A título explicativo, importa mencionar que, na produção da equipa, foram considerados os artigos dos jornalistas Lia Pereira, Luís Guerra, Mário Rui Vieira e Rui Miguel Abreu. Apesar do vínculo do último ser de colaborador, a sua participação na revista assume um estatuto diferente, dado que é um colaborador permanente, o que significa que, ainda que não esteja presente diariamente na redação, escreve, necessariamente, em todos os números. Assim sendo, no que concerne à revista e ao *GUIA* em particular, o trabalho desenvolvido por Rui Miguel Abreu assume uma presença semelhante à da restante equipa, sendo essa a razão que me levou a tomar esta opção. No que diz respeito às críticas elaboradas por mim durante o estágio, estas foram contabilizadas como colaborações externas, dada a minha permanência temporária na *BLITZ*.

### **3.2.2.2. Os Valores-Notícia na *BLITZ***

No *online*, o valor-notícia com presença mais assídua é a atualidade, o que se relaciona com o imediatismo que um *website* com alimentação diária e constante como o da *BLITZ* exige. Em consonância com a atualidade, o segundo critério com mais força é a novidade, correspondendo esta aos artigos que fazem referência a novos álbuns, novos vídeos, novas músicas, ou novas datas de concertos, fazendo também parte dos 42 artigos contabilizados nesta categoria as reportagens ou *reviews* extensas de concertos.

**Tabela n.º5**  
**Valores-Notícia *site***

Atualidade	53
Novidade	42
Efemérides	18
Negatividade	18
Continuidade	7
TOTAL	138

A relevância deste critério surge aliada à ideia de que, no âmbito da cultura, o interesse informativo dos acontecimentos reside, muitas vezes, na satisfação (utilidade ou serviço público) que a sua divulgação ou conhecimento poderá provocar na audiência (Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.80).

Relativamente à atualidade (com 53 artigos, num total de 138), importa esclarecer que, neste estudo de caso, este critério de noticiabilidade engloba acontecimentos e curiosidades recentes sobre a vida profissional e, por vezes, pessoal dos artistas e bandas a que a *BLITZ* dá destaque.

Continuando a analisar os dados apresentados na tabela acima, seguem-se as efemérides e a negatividade, ambos com 18 artigos. Tal como a novidade, a questão das efemérides corresponde a uma abordagem alternativa à noção de atualidade em que se adota uma perspetiva temporal comemorativa. Na prática, o que acontece na *BLITZ* digital, no que diz respeito a este valor-notícia, é que o tempo é utilizado como “cabide” para a produção de notícias (Traquina, 1988 *cit in* Sousa, 2001, p.43), promovendo a publicação de conteúdos que aludem a aniversários de acontecimentos relevantes do mundo da música.

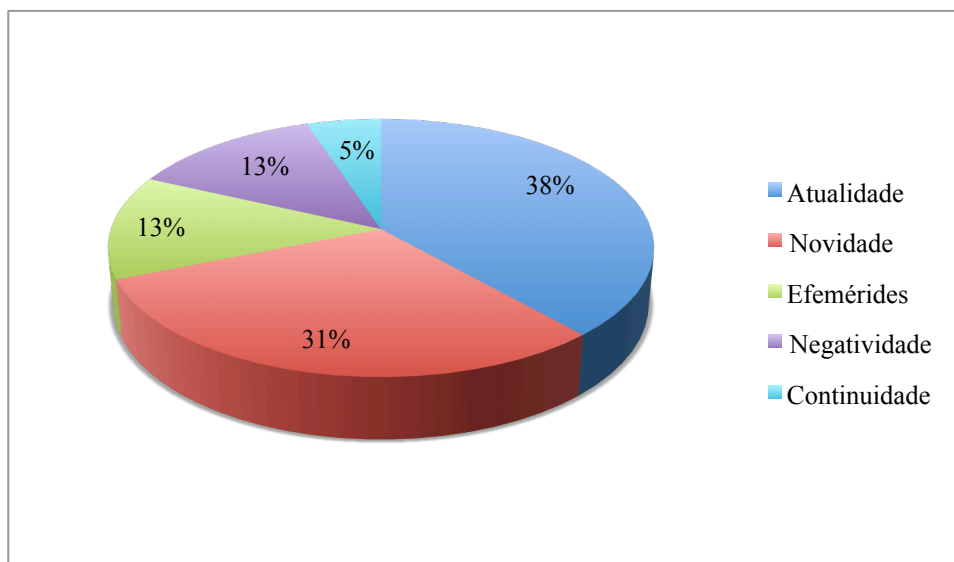
Sobre a negatividade, este critério de noticiabilidade abrange aspetos, na sua maioria inesperados, que provocam um impacto negativo no percurso de determinados artistas e bandas. Alguns dos exemplos mais comuns são falecimentos ou imprevistos que obrigam ao cancelamento de concertos, como é o caso da notícia intitulada *Drake e a*

“balda” em Amesterdão: a culpa foi do sushi, publicada a 29 de março de 2017 (Anexo 3.35), na qual se deu conta da intoxicação alimentar que afetou Drake e obrigou o artista a falhar, pela terceira vez, um concerto na capital holandesa.

Por fim, temos a continuidade (com sete artigos, num universo de 138), que diz respeito à atualização de informações sobre assuntos que já tinham sido previamente noticiados. Este tipo de conteúdos surge, normalmente, com o intuito de esclarecer, informar e manter os leitores a par de informações mais recentes sobre temas que já lhes tinham sido dados a conhecer, sendo exemplo disso as notícias produzidas no *site* de cada vez que é divulgado um novo nome para o cartaz de um festival de música.

Convertendo todos estes dados a pontos percentuais, 38% da totalidade de artigos da amostra seguem o valor-notícia da atualidade, 31% da novidade, 13% das efemérides, 13% da negatividade e 5% da continuidade, tal como se verifica no gráfico abaixo.

**Gráfico n.º3**  
**Valores-Notícia site**



Quanto ao *GUIA*, tendo em conta que este segmento da revista se destina à apreciação de obras musicais e não a acontecimentos, a tarefa de identificar os valores-notícia predominantes assume um cariz diferente da metodologia que foi aplicada ao *website*. Assim sendo, o critério com presença mais forte que lhe é possível associar é a novidade, dado que a escolha dos CDs e/ou DVDs musicais que figuram em cada revista assenta, essencialmente, na questão temporal. Por outro lado, não pode deixar também de se referir que a temporalidade surge sempre aliada à linha editorial da publicação, que orienta a sua identidade e define, genericamente, os estilos musicais aos quais se deve ou não dar visibilidade. Esta última questão é, naturalmente, transversal a todo o universo *BLITZ*.

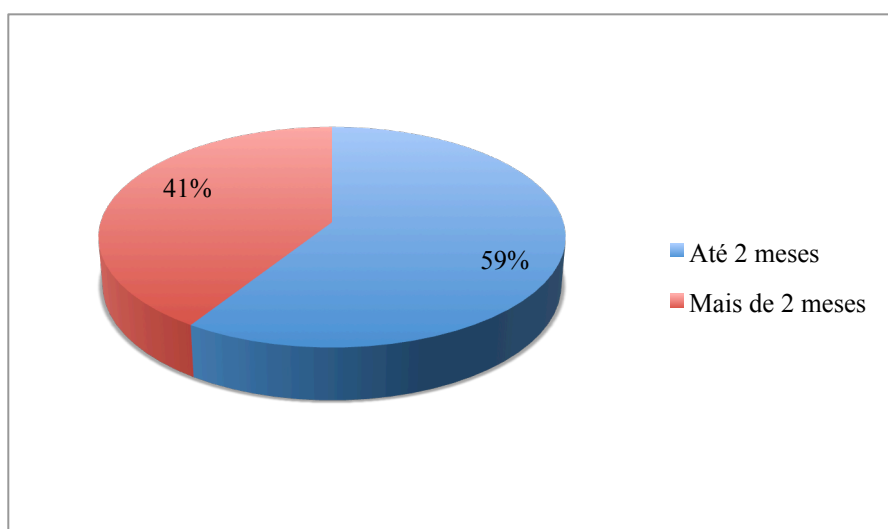
Para perceber a importância que este critério de noticiabilidade (novidade/atualidade) assume, considerou-se pertinente apurar, em cada um dos quarto números da revista que fazem parte do *corpus* de análise, o mês de edição dos trabalhos musicais que são julgados em cada um deles. Os resultados obtidos constam da tabela que se segue.

**Tabela n.º6**  
**Lançamentos *GUIA BLITZ***

	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Maio</b>	<b>Junho</b>
Junho 2017	-	-	-	1
Maio 2017	-	-	1	2
Abril 2017	-	-	7	12
Março 2017	-	3	20	13
Fevereiro 2017	2	6	4	2
Janeiro 2017	7	13	2	1
Dezembro 2016	4	1	-	-
Novembro 2016	8	8	-	-
Outubro 2016	5	-	-	-
Setembro 2016	4	2	-	1
Junho 2016	-	1	-	-
Maio 2016	2	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>34</b>	<b>34</b>	<b>32</b>

A partir destes dados, podemos fazer uma análise mais global, para retirar conclusões sobre a totalidade do objeto de estudo. Para esse efeito, no gráfico seguinte contabiliza-se a percentagem de críticas/*reviews* que versam sobre álbuns, DVDs musicais ou reedições editados no mês em que as revistas estiveram nas bancas e nos dois anteriores (até 2 meses). Para se conseguir estabelecer uma comparação, apresenta-se também no mesmo gráfico a percentagem respeitante às obras cujo lançamento ocorreu nos meses anteriores (mais de 2 meses).

**Gráfico n.º4**  
**Lançamentos *GUIA BLITZ***

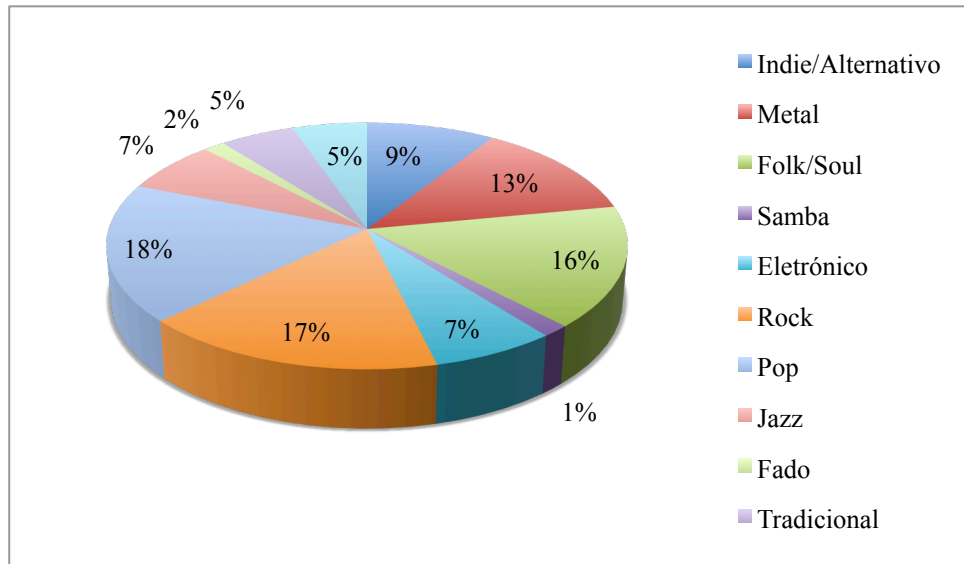


Considerando a secção *GUIA* das revistas *BLITZ* de fevereiro, março, maio e junho, 59% das obras tratadas tinham sido editadas no próprio mês ou nos dois que o antecedem e 41% há três ou mais meses. Em termos numéricos, os 59% equivalem a 78 artigos e os 41 pontos percentuais a 54, o que totaliza 132 peças. Observa-se, então, uma maior presença dos trabalhos mais recentes, em detrimento daqueles cujo lançamento ocorreu a uma distância temporal maior. No entanto, ainda que esta diferença seja significativa, o intervalo entre as duas realidades em confronto não é de muito dilatado, o que, a meu ver, se deve, por um lado, à periodicidade mensal da revista e, por outro, a características inerentes ao próprio jornalismo musical. Como argumenta Dora Santos Silva, no jornalismo de música, o critério da atualidade tem um maior período de vigência, sendo por isso mais flexível (2012<sup>a</sup>, p.80).

Pegando agora na teoria de Galtung e Ruge (1965 *cit in* Sousa, 2006, pp.119-120; Santos Silva, 2012<sup>a</sup>, p.79) sobre os critérios de noticiabilidade, o valor-notícia da composição encaixa também no *GUIA BLITZ*. Para os autores, este critério diz respeito à procura de uma diversidade no alinhamento noticioso, o que, aplicado ao nosso *corpus*, pode fazer-se coincidir com a preocupação que a *BLITZ* tem em garantir a presença de diferentes géneros/estilos musicais nesta secção da revista. Partindo do mesmo universo de análise do gráfico anterior – 132 críticas/*reviews* –, importa averiguar quantos correspondem a cada categoria. Sendo esta uma contabilização bastante difícil, visto que certos artistas ou álbuns podem inserir-se em vários estilos musicais em simultâneo, considera-se apenas, em cada um deles, o estilo dominante.

Os resultados, bastante variados, encontram-se expressos no gráfico n.º5:

**Gráfico n.º5**  
**Estilos Musicais *GUIA BLITZ***



### 3.2.2.3. Música Portuguesa *versus* Música Estrangeira na *BLITZ*

O último ponto em análise neste estudo de caso é uma abordagem comparativa à presença de música portuguesa e música estrangeira na *BLITZ*, tendo em conta o universo definido como amostragem.

Para compreender esta realidade, considera-se importante mostrar, primeiro, o número e percentagem de artigos publicados dentro de cada uma das categorias, para depois as confrontar e tentar justificar criticamente os valores obtidos.

Nos quatro números da revista em estudo, o que se passa é o retratado na tabela que se segue. Partindo de uma análise caso a caso para uma perspetiva geral da totalidade das revista, verifica-se a situação demonstrada no gráfico n.º6.

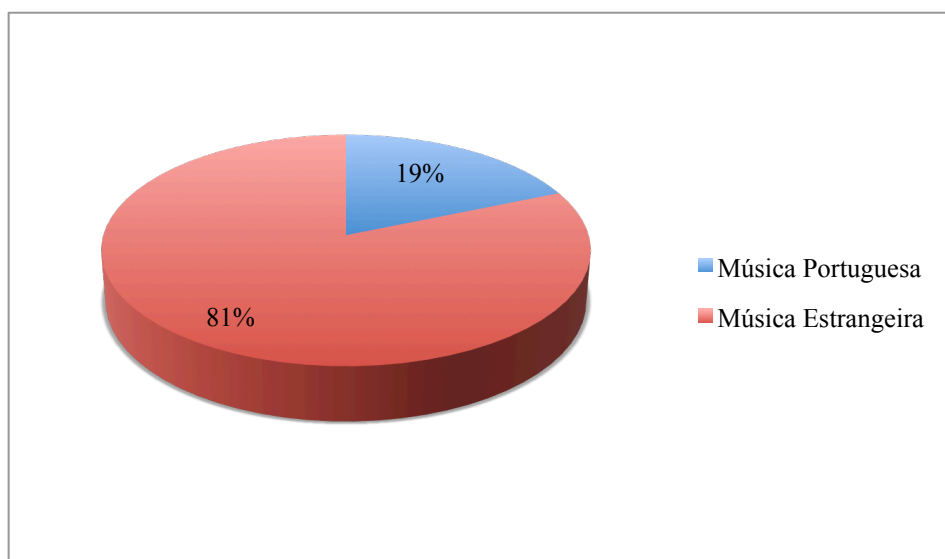
**Tabela n.º 7**

#### **Música Portuguesa *versus* Música Estrangeira – Revista**

	<b>Música Portuguesa</b>	<b>Música Estrangeira</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Fevereiro</b>	4	28	32
<b>Março</b>	6	28	34
<b>Maio</b>	10	24	34
<b>Junho</b>	5	29	34
<b>TOTAL</b>	25	109	134

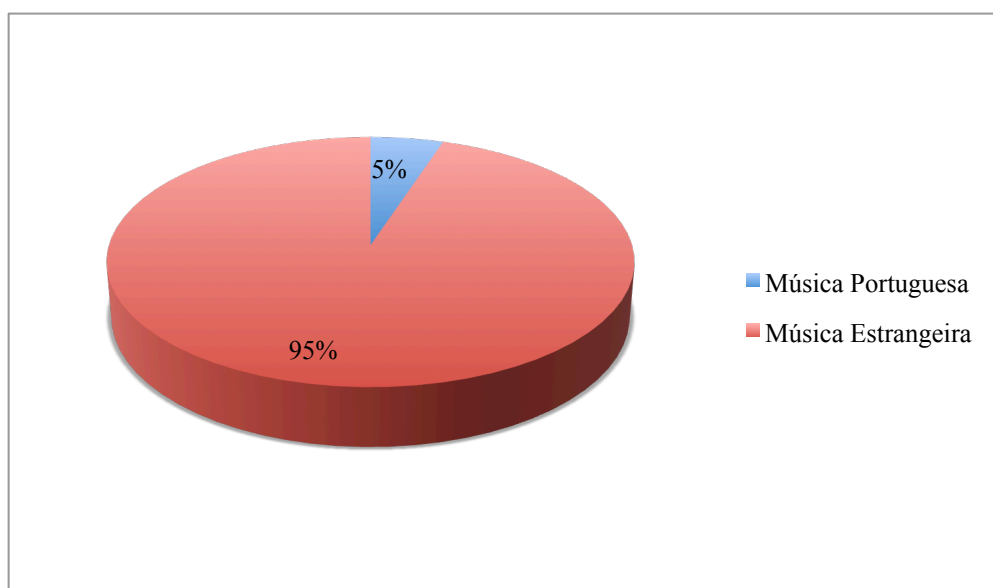


**Gráfico n.º6**  
**Música Portuguesa versus Música Estrangeira – Revista**



Quanto aos artigos da minha autoria publicados no *website BLITZ* durante o período de estágio (23 de janeiro – 22 de abril de 2017), nota-se o seguinte:

**Gráfico n.º7**  
**Música Portuguesa versus Música Estrangeira - website**



Em ambos os casos, há uma clara prevalência da música estrangeira: 81% (25 artigos em 134) nas revistas e 95% (7 artigos em 138) no meio digital. À luz destes dados, não se nota uma preocupação em equiparar a menção de artistas nacionais e estrangeiros na *BLITZ*, o que acaba por se justificar se aplicarmos um critério geográfico. Isto significa que, sendo que Portugal ocupa um espaço (territorial) muito menor do que todos os restantes países juntos (estrangeiro), tal pode acabar por se refletir diretamente nos dois suportes da publicação (impresso e digital).

Se passarmos este raciocínio para o plano da música, é natural que a produção musical que a *BLITZ* considera corresponder à sua orientação editorial aconteça em maior escala no estrangeiro do que em território nacional.

Por outro lado, do ponto de vista da qualidade da música, esta não está relacionada com a nacionalidade de quem a produz. Sobre este assunto, Luís Guerra, atual editor da revista, menciona que “A música portuguesa não tem mérito por si, só por ser portuguesa. Tem-no apenas se tiver qualidade. Podíamos encher uma revista só de música portuguesa, mas isso não faria muito sentido”<sup>29</sup>.

Ainda em relação à questão geográfica, um outro aspeto que pode ser apontado é a noção de proximidade. Contudo, a proximidade não engloba só a música portuguesa, visto que podemos inserir nesse conceito, por exemplo, concertos que já aconteceram ou ainda vão ter lugar em Portugal, podendo os mesmos ser de artistas portugueses ou estrangeiros. No que toca aos estrangeiros, a sua vinda a Portugal para atuações pode até ter um maior impacto social e na comunicação social, visto que, de um modo geral, os espetáculos de artistas portugueses são mais comuns no nosso país do que aqueles concretizados por artistas vindos de fora.

---

<sup>29</sup> ANEXO 1: Entrevista a Luís Guerra, Editor da *BLITZ*

## Conclusão

Num momento em que os conteúdos jornalísticos concorrem com o chamado, por alguns, “jornalismo de cidadão” e as redações reduzem custos e recursos, a *BLITZ* é um exemplo de perseverança, especialmente no que diz respeito ao jornalismo especializado.

Na música desde 1984 (como, aliás, diz o seu slogan), esta publicação mantém, apesar de todas as mutações que foi sofrendo desde o seu nascimento, uma identidade vincada e uma presença duradoura no caminho do jornalismo musical em Portugal.

Enquanto jornal semanal, o vínculo com a atualidade era maior, predominavam as notícias e havia mais recursos para cobrir concertos, por exemplo. Em 2006, a passagem para revista trouxe um alargamento da periodicidade (que passou a ser mensal), reduções na equipa e uma presença nos novos meios que se foi intensificando cada vez mais. Hoje, a *BLITZ* alia a revista que chega às bancas todos os meses a uma presença diária e maioritariamente noticiosa no seu *website*, bem como ao investimento nas redes sociais e num programa de rádio semanal, em parceria com a Rádio SBSR.

No que toca aos géneros jornalísticos, em análise neste relatório de estágio, a *BLITZ* está presente tanto no domínio da informação como da opinião, tirando proveito dos dois meios que tem ao seu dispor – um *website* com alimentação diária, no qual predominam as notícias; e uma revista mensal, com conteúdos essencialmente longos e reflexivos.

Relativamente aos valores-notícia (ou critérios de noticiabilidade), sente-se alguma diversidade, ainda que exista uma prevalência clara da atualidade e da novidade. Este aspeto pode relacionar-se diretamente com a dependência que o jornalismo praticado pela *BLITZ* (e também todo o jornalismo de música) tem dos novos produtos e obras musicais, pois é neles que reside o seu campo de atuação. Para além disso, o número reduzido de jornalistas que integram a redação permanente da publicação também não permite que sejam produzidos conteúdos muito diversos, a todos os níveis, para publicação diária.

Por fim, no que concerne à presença de música portuguesa e música estrangeira na *BLITZ*, não existe uma relação direta entre esta questão e os géneros jornalísticos praticados, visto que, tanto no *online* como na revista, a música estrangeira é a que ocupa mais espaço. Tendo em conta que no primeiro meio predomina a informação e no segundo a reflexão/opinião, não é possível estabelecer qualquer tipo de proximidade entre estes dois aspetos estudados.

No entanto, se o maior volume de produção musical estrangeira (face à nacional) tem um forte impacto nas peças e na orientação da *BLITZ*, o que também parece assumir bastante relevância são os padrões de qualidade, independentemente de toda a subjetividade que esta noção acarreta. Em suma, nas palavras de Samuel Howe, “Quando se ouve boa música, fica-se com saudade de algo que nunca se teve nem nunca se terá” (*cit in* Ballerini, 2015).

## Bibliografia

Almanaque dos Sentidos. [Em Linha]. [Consult. 20 out. 2017]. Disponível na Internet: <<https://almanaquedossentidos.files.wordpress.com/2014/11/blitz-1.jpg>>.

ASSIS, Francisco de – *Gêneros e formatos do jornalismo cultural: vestígios na revista Bravo!*. [s.l.]. [Em Linha]. [2008]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0421-1.pdf>>.

BALLERINI, Frantjesco – *Jornalismo Cultural no Século 21*. São Paulo: Summus Editorial, 2015. ISBN 978-85-323-0993-8.

BALLERINI, Frantjesco – *Poder Suave (Soft Power)*. São Paulo: Summus Editorial, 2017. ISBN 978-85-323-1065-1.

BAPTISTA, Carla – *Dez Anos de Jornalismo Cultural em Portugal (2000-2010): Traços e Tendências*. In BAPTISTA, Carla – *Cultura na Primeira Página: O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo – Caderno de Reflexões*. 1ª ed. Lisboa: Mariposa Azul, 2012. ISBN 978-972-8481-35-3, pp. 9-20.

BASSO, Eliane – *Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo*. [s.l.]. [Em Linha]. [2006]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1869-1.pdf>>.

BASTOS, Helder – *Ciberjornalismo e narrativa hipermédia*. [s.l.]. [Em Linha]. [2010]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25255/2/CiberjornalismoeNarrativaHipermdia000099406.pdf>>.

BLITZ – *Olá! Este é o novo site da BLITZ*. [Em Linha]. [2015]. [Consult. 20 out. 2017]. Disponível na Internet: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2015-12-30-Ola-Este-e-o-novo-site-da-BLITZ>>.

BRIEFING – *Mais que uma revista, é a marca da informação musical*. [Em Linha]. [2014]. [Consult. 20 out. 2017]. Disponível na Internet: <<https://www.briefing.pt/media-br/31337-mais-que-uma-revista-uma-marca-de-musica.html>>.

CANAVILHAS, João – *WEBJORNALISMO: considerações gerais sobre jornalismo na web*. [s.l.]. [Em Linha]. [2001]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mattoso-guilherme-webjornalismo.pdf>>.

CECÍLIO, Paulo André – *O Jornalismo Musical na Era Digital: A Presença Online da Revista BLITZ*. Lisboa: FCSH - Universidade Nova de Lisboa, 2015. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10362/20238>>.

COSTA, Ana Rita Neves – *A “ditadura” da agenda no jornalismo cultural: O caso da secção de Cultura do jornal Observador*. Lisboa: FCSH - Universidade Nova de Lisboa, 2017. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10362/21806>>.

DORFLES, Gillo – *As Oscilações do Gosto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

DOWD, Timothy – *The Sociology of Music*. [Oxford]. [Em Linha]. [2007]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<https://open.library.emory.edu/publications/emory:cr9m9/pdf/>>.

ECO, Umberto - *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015. ISBN 978-989-641-535-8.

ELIOT, T.S. – *Notes towards the Definition of Culture*. Londres: Faber and Faber Limited, [s.d.].

ELIOT, T. S. – *Ensaio Escolhidos*. 3ª ed. Lisboa: Livros Cotovia, 2014. ISBN 978-972-795-342-4.

FORDE, Eamonn – *Music Journalists, Music Press Officers & the Consumer Music Press in the UK*. Londres: University of Westminster, 2001. Tese de Doutoramento. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://westminsterresearch.wmin.ac.uk/8512/1/Forde.pdf>>.

FRANCO, Erica Vanessa de Pão – *Lifestyle Media: O Exemplo do Jornalismo Cultural em Portugal*. Lisboa: ISCSP, 2013. [Em Linha]. [Consult. 05 out. 2017]. Disponível na Internet: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5180/2/Dissertac%CC%A7a%CC%83o.%20Lifestyle%20Media%20-%20O%20Exemplo%20do%20Jornalismo%20Cultural%20em%20Portugal.pdf>>.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe – *The Structure of Foreign News*. [Oslo]. Journal of Peace Research. Vol. 2, nº1 (1965), pp. 64-91. [Em Linha]. [Consult. 05 out. 2017]. Disponível na Internet: <<http://blisty.cz/files/2010/07/20/galtung-structure-foreign-news-1965.pdf>>.

GANS, Herbert J. – *Popular Culture and High Culture*. Nova Iorque: Basic Books, Inc, 1974. ISBN: 0-465-06021-8.

ISIDRO, Maria João de Andrade – *A Objetividade e a Subjetividade da Crítica Musical na Era da Música Alternativa*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/5160/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20CCTI%200.pdf>>.

LOPEZ, Debora; FREIRE, Marcelo – *O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz*. [s.l.]. [Em Linha]. [2007]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>>.

MAGALHÃES, Bárbara – *As potencialidades da internet no jornalismo digital – Jornal de Notícias vs Diário de Notícias*. Lisboa: ESCS, 2014. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10400.21/4399>>.

MATTOSO, Guilherme - *Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação*. [s.l.]. [Em Linha]. [2003]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mattoso-guilherme-webjornalismo.pdf>>.

MELO, Isabelle Anchieta de – *Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*. [s.l.]. [Em Linha]. [2010]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>>.

MICHELSEN, Morten – *Music Criticism and Taste Cultures*. In SHEPHERD, John; DEVINE, Kyle - *The Routledge Reader on the Sociology of Music*. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2015, pp. 211-219.

NUNES, Pedro – *Popular Music and the Public Sphere: The Case of Portuguese Music Journalism*. Stirling: University of Stirling, 2004. Tese de Doutorado. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <[http://dspace.stir.ac.uk/bitstream/1893/24/1/Nunes\\_Thesis\\_Complete.pdf](http://dspace.stir.ac.uk/bitstream/1893/24/1/Nunes_Thesis_Complete.pdf)>.

PALÁCIOS, Marcos et. al - *Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro*. [s.l.], [s.d.]. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <[https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_mapeamentojol.pdf](https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf)>.

PASTORIZA, Francisco Rodríguez – *Periodismo cultural*. Madrid: Editorial Síntesis, [s.d.].

PÚBLICO – *Revista Blitz chega hoje às bancas*. [Em Linha]. [2006]. [Consult. 20 out. 2017]. Disponível na Internet: <<https://www.publico.pt/2006/06/21/jornal/revista-blitz-chega-hoje-as-bancas-85159>>.



REINEMANN, C. et al. - *Hard and soft news: A review of concepts, operationalizations and key findings*. [s.l.], Sage Journals, Journalism. Vol. 13, nº2 (2011), pp.221-239. [Em Linha]. [Consult. 08 jan. 2017]. Disponível na Internet: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1464884911427803>>.

RODRÍGUEZ, Fidela Navarro – *La cultura y su periodismo*. [s.l.]. [Em Linha]. [2004]. [Consult. 30 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.saladeprensa.org/art529.htm>>.

SANTOS SILVA, Dora – *Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal*. [Lisboa]. [Em Linha]. [2009]. [Consult. 27 set. 2017]. Disponível na Internet: <<https://www.scribd.com/document/68547023/Tendencias-do-Jornalismo-Cultural-em-Portugal>>.

SANTOS SILVA, Dora – *Cultura & Jornalismo Cultural: Tendências e Desafios no Contexto das Indústrias Culturais e Criativas*. 1ª ed. Lisboa: Media XXI, 2012<sup>a</sup>. ISBN 978-989-143-21-1.

SANTOS SILVA, Dora – *A Nova Dimensão Performativa do Jornalismo Cultural: Contributos do Roteiro e da Review*. In BAPTISTA, Carla – *Cultura na Primeira Página: O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo – Caderno de Reflexões*. 1ª ed. Lisboa: Mariposa Azual, 2012<sup>b</sup>. ISBN 978-972-8481-35-3, pp. 37-49.

SCHWANITZ, Dietrich – *Cultura: Tudo o que é preciso saber*. 8ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. ISBN 978-972-20-3410-4.

SILVA, Andréia de Lima; CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da – *Jornalismo Cultural: em busca de um conceito*. [s.l.]. [Em linha]. [2007]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1253-2.pdf>>.

SOUSA, Jorge Pedro – *Elementos de Jornalismo Impresso*. Porto. [Em linha]. [2001]. [Consult. 27 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>.

SOUSA, Jorge Pedro – *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2ª ed. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006. ISBN 978-972-8830-52-6.

SOUSA, Jorge Pedro – *Os Estudos Jornalísticos após 1950: a consolidação de um campo científico*. [Em linha]. [2008]. [Consult. 05 out. 2017]. Disponível na Internet: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estudos-jornalisticos-apos-1950.pdf>>.

STOREY, John – *Cultural Theory and Popular Culture - An Introduction*. 5ª ed. Sunderland: Pearson Longman, 2009. [Em linha]. [Consult. 05 out. 2017]. Disponível na Internet: <[https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/john\\_storey\\_cultural\\_theory\\_and\\_popular\\_culturebookzz-org.pdf](https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/john_storey_cultural_theory_and_popular_culturebookzz-org.pdf)>.

STREET, Brian Vincent – *Sir Edward Burnett Tylor*. In Enciclopaedia Britannica. [Em linha]. [s.d.]. [Consult. 05 out. 2017]. Disponível na Internet: <<https://www.britannica.com/biography/Edward-Burnett-Tylor>>.

TORRES DA SILVA, Marisa – *O Estilo Informativo e as Práticas Discursivas do Jornalismo de Música*. In BAPTISTA, Carla – *Cultura na Primeira Página: O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo – Caderno de Reflexões*. 1ª ed. Lisboa: Mariposa Azul, 2012. ISBN 978-972-8481-35-3, pp. 51-63.

TORRES SILVA, Marisa – *Jornalismo musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva*. Revista Comunicação Midiática. Vol. 9, nº1 (Jan/Abr 2014), pp. 12-35. [Em linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4790781.pdf>>.

VARGAS, Herom – *Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo*. [s.l.]. [Em linha]. [s.d.]. [Consult. 27 set. 2017]. Disponível na Internet: <<https://xa.yimg.com/kq/groups/22040972/649425459/name/Texto+05+-+Jornalismo+cultural+-+H.+Vargas.doc>>.

VARGAS LLOSA, Vargas – *A Civilização do Espetáculo*. 1ª ed. Lisboa: Quetzal Editores, 2012. ISBN 978-989-722-059-3.

WHITE, David Manning – *O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias*. In TRAQUINA, Nelson – *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1999. ISBN: 972-699-405-5.

WILLIAMS; Raymond – *Keywords: A vocabulary of culture and society*. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 1985. ISBN: 0-19-520469-7. [Em linha]. [Consult. 05 out. 2017]. Disponível na Internet: <<https://tavaana.org/sites/default/files/raymond-williams-keywords.pdf>>.

ZAMITH, Fernando – *A contextualização no ciberjornalismo*. Porto/Aveiro: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Universidade de Aveiro, 2011. Tese de Doutoramento. [Em Linha]. [Consult. 28 set. 2017]. Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10216/57280>>.

## Anexos

### ANEXO 1: Entrevista a Luís Guerra – Editor da *BLITZ*

**A *BLITZ* surgiu em 1984 como jornal semanal dedicado à música e em 2006 transformou-se numa revista, publicada mensalmente. Para além da periodicidade e da redução da equipa, o que mudou com esta alteração?**

Em relação ao jornal, eu falo apenas por conhecimento de causa. Nessa altura, era apenas colaborador e ainda não tinha nenhum outro cargo.

Nos últimos anos, as vendas foram decrescendo, um pouco à semelhança do que acontecia nos mercados principais, fora de Portugal. Um jornal semanal já não tinha a mesma apetência que teve nos anos 1980 ou 1990, quando havia maior necessidade de informação, e a *Internet* acabou por conferir à informação uma espécie de atualidade diária. Então, a decisão que foi tomada na altura pela administração do grupo *Impresa* acarretou, em termos genéricos, que já não se precisava de uma equipa tão extensa, o que implicou uma redução salarial, face ao jornal.

Em relação ao *target*, era assumido que o jornal se dirigia a uma faixa etária que eventualmente andaria entre os 15/16 anos até aos 20 e poucos. Quer queiramos que não, é a fase em que há uma maior disponibilidade para consumos culturais, o que resultava num público mais fiel. Era tido mais ou menos como aceite que, a partir dos 25/26 anos, as pessoas começavam a manifestar outro tipo de interesse e não continuariam na leitura do jornal. O jornal não acompanhava o crescimento das pessoas à medida que elas se iam tornando mais adultas. A revista é mais clássica e menos juvenil.

Na revista, tem de haver uma segurança tal que corresponda ao apetite da maioria das pessoas, enquanto no jornal semanal quase que dá para ser uma edição de nicho. Acaba por haver aqui um maior conservadorismo, pois têm de ser apostas concretas e muito viáveis - uma revista que tenta ocupar o espaço todo, desde a novidade até ao clássico, desde a banda de legado a tender mais para o valor seguro, a banda histórica.

Temos agora muito menos atualidade noticiosa. Mudou-se também a quantidade de escrita, com textos mais longos de leitura mais contínua. Mudou a nível de estrutura e de orientação de público.

**Quais são os principais critérios a que recorrem para escolher que artistas devem ou não estar presentes na revista e no *site*? Equilibrar música portuguesa e música estrangeira é uma preocupação?**

Começando pelo jornal, com ele vivemos o *boom* da música nova portuguesa (Rui Veloso, Táxi, Sétima Legião e depois Madredeus...). O *BLITZ* (jornal) acompanhou muito essa fase da música portuguesa, através de concertos e notícias, tendo sido responsável por muita divulgação.

A revista tem uma orientação diferente e falamos do artista português quando ele tem alguma projeção. Agora, até editamos CDs de música portuguesa inéditos com a revista, coisa que não acontecia anteriormente. São coisas antigas que nunca saíram, ou gravações de músicas antigas já desaparecidas.

A música portuguesa não tem mérito por si, só por ser portuguesa. Tem-no apenas se tiver qualidade. Podíamos encher uma revista só de música portuguesa, mas isso não faria muito sentido.

Generalizando, há até quem recuse a música apenas por ser portuguesa, independentemente de a conhecer e de reconhecer ou não a sua qualidade. Há uma certa desconfiança em relação à música portuguesa, pois há ou houve oferta gratuita de concertos de música portuguesa. Agora, os festivais já incluem também artistas portugueses nos cartazes.

Normalmente a decisão é norteadada por quem vem cá atuar em concertos ou festivais. Tentamos conseguir entrevistas, de preferência exclusivas, para ilustrar a revista e a chamada de capa. Queremos sempre oferecer ao leitor o que ele quer, dentro das escolhas criteriosas que fazemos.

**O *site* é alimentado diariamente, ao passo que a revista impressa chega mensalmente às bancas. O *online* veio alterar o modo como a *BLITZ* faz jornalismo? Quais são as principais semelhanças e diferenças entre os dois meios?**

No *online*, para se ter sucesso, uma publicação de música não pode ficar apenas pela música. Temos que ser quase como um jornal generalista e, por isso, não nos interessa ir ver um concerto numa sala pequena.

O *site* é que acaba por ser o sucessor direto daquilo que tínhamos no jornal, e não a revista. Reflete a nossa identidade através de informação mais imediata como, por exemplo, o dia em que nasce ou morre um artista.

Qualquer *site*, desde cedo, percebeu que teria inicialmente de lidar com motores de pesquisa. A nossa maior preocupação é ter um *site* bom e que consiga ser fiel àquilo que se propõe. Quando começamos com o *site*, a nossa preocupação era “como é que o *Google* nos vai buscar?”. Hoje em dia, sabemos que o mais normal é as pessoas pesquisarem-nos no *Google* ou no *Facebook* e chegarem ao site da *BLITZ* por esse meio. Cerca de 50% das visitas que temos no site são de pessoas que chegam até ele através do *Facebook*.

O *site* e a revista são abordagens diferentes, com interesses diferentes para o nosso público. O *site* é mais emocional ou agressivo e a informação é mais curta. Na revista, temos artigos e reportagens de fundo, ou seja, textos longos.

## ANEXO 2: GUIA (conteúdos das revistas de fevereiro, março, maio e junho de 2017)

### ANEXO 2.1. GUIA fevereiro 2017 (pp.90-95)

**guia >>> DISCOS**



**Uma nova manhã**  
Ao terceiro álbum, o trio de Londres abre as janelas e faz o seu álbum mais expansivo.

**THE XX** *I SEE YOU* Young Turks/Popstack ★★★★★

**UMA DAS** bandas mais acarinhadas da sua geração, os londrinos The xx vêm construindo uma obra carismática, feita de canções intimistas, por vezes ensimesmadas, suavemente embrulhadas em ritmos eletrónicos mais lânguidos do que acelerados. Ao terceiro álbum, e depois da bem recebida aventura a solo de um dos membros do trio, Jamie Smith, os britânicos quebram, parcialmente, o casulo em que se apresentaram na estreia de 2009, *xx*, e no seu sucessor, *Coexist*, de 2012.

Gravado dos dois lados do Atlântico, entre 2014 e 2016, *I See You* é apresentado pela própria banda como um disco mais aberto e expansivo. A promessa cumpre-se logo aos primeiros segundos do álbum: «Dangerous», o tema de abertura, faz-se anunciar por meio de sopros triunfantes, como se avisasse ao que vem. Os ritmos abafados e quentes que se seguem mostram uns xx diferentes, e mesmo as letras, cantadas por Oliver Sim e Romy Madley Croft, parecem indicar uma mudança de atitude: «Cause I couldn't

*care less if they call us reckless/Until they are breathless».*

Parte essencial da identidade da banda, a voz de Miss Croft mantém, mesmo ao volante dos temas mais extrovertidos, aquele veludo reminiscente do timbre de Tracey Thorn, dos Everything the Girl. Na segunda metade do álbum, quando os xx parecem gradualmente voltar a retirar-se para um lugar mais à sombra, caminhada que começa com «Performance», a cantora ganha maior protagonismo; em «Brave For You», cujas letras foram escritas apenas por si (e não em parceria com Oliver Sim), empresta aquela sua soul branca às tiradas «And when I'm scared I imagine you're there, telling me to be brave/So I will be brave for you, stand on a stage for you». Talvez a chave para entender o coração mole dos xx resida em canções como «I Dare You», onde se aninha a confissão «I've been a romantic for so long, all I've ever had are love songs». A diferença é que, agora, a bordo de canções como essa ou «A Violent Noise», este amor tem mais oxigénio para respirar – e ser correspondido.

Uia Pereira

**Jazz & Grooves**

por Rui Miguel Abreu [loopdigge@gmail.com](mailto:loopdigge@gmail.com)

**O RENASCIMENTO** da britânica Strut Records, através da associação à Studio K7, foi uma das melhores notícias que os aficionados do jazz carregado de grooves poderiam ter recebido. A etiqueta, criada em 1999, conheceu cinco gloriosos primeiros anos em que estabeleceu um standard elevado para compilações que sempre investigaram as ligações do jazz, música brasileira ou, entre outras coordenadas, do afrobeat à pista de dança. Reativada em 2008, tem hoje mais força do que nunca. A competitiva indústria da memória em que funciona ao lado de outras operações (Soundway, Finders Keepers, Africa Seven, BBE, Mr. Bongo, se quisermos apenas evocar exemplos britânicos) tem privilegiado visões mais originais, etiquetas que oferecem óbvias mais-valias na sua curadoria do passado e a Strut é, sob esse aspeto, uma aposta vencedora.

[Singles ★★★★★ *Strut*] é uma incrível coleção que expande a atenção que esta editora tem oferecido a **SUN RA**. Depois da reedição de um álbum de gravações ao vivo em Roma em 1977 e da brilhante antologia *To Those of Earth... And Other Worlds* curada por Gilles Peterson, esta nova obra antológica coleciona, em três CDs, 65 faixas que Ra editou em quantidades muito escassas na sua própria Saturn, sobretudo durante os anos 50, mas ocasionalmente em períodos posteriores. Vendidos em concertos ou através de métodos de distribuição informais, estes discos tornaram-se cobiçadas raridades e ficam desta forma finalmente acessíveis aos comuns mortais. Precioso serviço público, portanto, já que estes «meteoritos do espaço sideral», como as notas de capa referem, mostram as particulares ideais de Sun Ra sobre o bebop e os blues em época de plena ebulição criativa. Nada mais no jazz soava assim. Na verdade, nada mais no universo soava assim, tão radical na sua abordagem à rica tradição americana.

Nem só de Ra, no entanto, se faz o catálogo recente da Strut. [Coming Home ★★★★★ *Strut*] é a primeira antologia que oferece uma retrospectiva da carreira inteira do grande artista do Gana, **PAT THOMAS**, «a voz dourada de África». Em mais de vinte faixas dispostas num bem anotado duplo CD, investiga-se as origens *highlife* do mestre ganês que, em finais dos anos 60, dirigia uma das melhores *big bands* do continente, e traça-se o seu incrível percurso até aos anos 80, era do *burger highlife*. Com Ebo Taylor e os incríveis Marjata, Thomas tornou-se, muito justamente, um dos expoentes musicais do Gana graças a um som rico em que as tradições locais serviam de ponto de partida para criativas aproximações ao jazz, funk e até *disco*. Thomas continua a tocar ao vivo, uma das mais felizes consequências destas oportunas recuperações de tesouros do passado.

## DISCOS



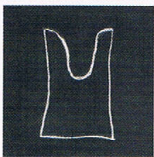
### DNCE

DNCE  
Republic/Universal

★★★★

#### Funk chiclete

A NOVA banda de Joe Jonas, um dos três Jonas Brothers, retrai-lhe a inocência que os moldes da Disney incutiam. Reuniu três músicos e uma armada de compositores e produtores pescados na Suécia (a Meca europeia da pop) para criar uma saltitante coleção de disco-funk com calor californiano. Os DNCE manobram bem as mecânicas da pop. Enfrascam a euforia em canções de três minutos, têm os níveis de serotonina bem regulados, pintam-se com cores saturadas e equilibram o disco com baladas que mostram o lado lunar do amor. Não se levam demasiado a sério e a música ganha com isso. Este não é propriamente o melhor disco para descobrir o sentido da vida, mas funciona como uma boa fantasia escapista. APS



### XYLOURIS WHITE

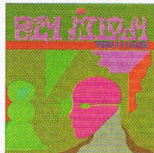
BLACK PEAK  
Bella Union/PIAS

★★★★

#### Entre Creta e a Austrália

OS XYLOURIS White, que é como quem diz o alaudista grego George Xylouris e o baterista Jim White (Dirty Three), são um duo improvável.

vel. E o segundo disco desta união confirma isso mesmo. *Black Peak* é naturalmente um disco de fusão: ainda que o rock pareça levar sempre a melhor, há naturalmente ecos da tradição que chegam através do alaúde – e da escola – de George Xylouris. No tema que dá título ao disco, fundem-se os dois mundos de forma exímia com um riff capaz de fazer tremer os mais conservadores dos puristas. E o restante disco segue a mesma linha de pensamento de anulação do tempo. São sete canções que de canções têm na verdade muito pouco: a liberdade de movimentos é a regra de ouro destes Xylouris White. Assim seja durante muito tempo. AG



### FLAMING LIPS

OCZY MLODY  
Bella Union/PIAS

★★★★

#### Eles resistem

QUANTAS vezes já ouviremos alguém a dizer algo como: «mas o que é que aconteceu aos Flaming Lips?»... Questão que pode surgir entre quem os tenha descoberto nos «arrumadinhos» *The Soft Bulletin* (1999) ou *Yoshimi Battles The Pink Robots* (2003). Esses foram episódios algo atípicos numa carreira mais dada a experimentar e a explorar conceitos (e aqui vale a pena evocar o monumental *Zaireeka*, de 1997), que foi no fundo o que fizeram nos álbuns (mais irregulares e menos saborosos) posteriores a 2003, alguns deles reinventando canções dos Pink Floyd, Stone Roses ou Beatles, com amigos. *Oczy Mlody*, sem fechar a porta ao gosto por experimentar nem

sem deixar de fora os amigos (e Miley Cyrus está de regresso), é de todos os discos pós-*Yoshimi* aquele que menos afoga a escrita sob a imposição de um conceito. E que, com uma carga eletrónica substancial, mostra as melhores canções dos Flaming Lips em mais de uma década. NC



### EMELI SANDÉ

LONG LIVE THE ANGELS  
Virgin/Universal

★★★★

#### Mais do mesmo

EM 2012, Emeli Sandé deixou o Reino Unido em polvorosa com o álbum de estreia *Our Version of Events*: canções como «Heaven» ou «My Kind of Love» transformaram-no num gigantesco êxito de vendas. Tinha nascido uma nova estrela soul britânica. Quatro anos volvidos, a artista de 29 anos volta a fazer-se ouvir neste *Long Live the Angels*, disco que, de novo, mostra uma maturidade vocal pouco usual para alguém da sua idade mas que, no geral, acrescenta pouco ao que já tinha apresentado. Há momentos de grande intensidade aqui (a sequência «Happen» e «Hurts», portentoso primeiro single, é imbatível; «Garden», com Jay Electronica e Áine Zion, um hafo de ar fresco), mas há outros profundamente chatos («Breathing Underwater» repisa ideias exploradas inúmeras vezes por outros artistas, «Sweet Architect» soa a auto plágio). É, também, um disco demasiado longo, que passava bem sem temas como «Give Me Something» ou «Lonely», que só soam bem quando ouvidos com o crepitar de uma fogueira como pano de fundo. MRV

## Psych & Folk

por Luis Peixoto [luis.peixoto@sapo.pt](mailto:luis.peixoto@sapo.pt)

A TERMINAR 2016, o acaso ou um feliz alinhamento dos astros permitiram a publicação de um conjunto de gravações inéditas que, em rigor, tinham tudo para o não serem. A mais extraordinária delas, porventura a grande redescoberta do ano [Terry Dolan ★★★★★ *High Moon Records*], esteve guardada nos arquivos da Warner Brothers desde 1972. Natural do Connecticut, TERRY



DOLAN começou por cantar nos clubes e cafés folk de Washington. Como muitos outros, não demorou a mudar-se para São Francisco. Insistiu no folk, mas as suas composições pediam outros voos. Conheceu a nata dos músicos californianos da época e quase sem dar por isso, os Country Weather eram a sua banda de suporte. Em 1970 gravou duas demos. Uma delas, «Inlaws and Outlaws», transformou-se num hit nas principais rádios underground da Califórnia. O público procurava nas lojas, mas não havia disco. Em 1971, a WB decidiu financiar as primeiras gravações. Concluído em duas fases, o álbum teve como produtores dois alquimistas – Nicky Hopkins e Pete Sears – curiosamente ambos ingleses, exímios pianistas e donos de invejável curriculum. John Cipollina, Greg Douglass, Neal Schon, Spencer Dryden e as Pointer Sisters juntaram-se-lhes. A edição foi agendada para Janeiro de 73 mas, inexplicavelmente e sem razão aduzida, a WB abortou o projeto. Devastado, Dolan fundou os Terry & The Pirates, «a mais underground das bandas underground saídas de São Francisco». Faleceu em 2012 sem nunca ter visto a sua maior criação publicada. É impossível saber o que teria acontecido à carreira de Dolan caso o álbum tivesse saído em tempo. Mas o brilhantismo dos temas, a qualidade superlativa das prestações musicais e o talento dos dois mágicos que o produziram, teriam certamente feito dele um dos clássicos da época. Chegou finalmente, 43 anos depois.

Num registo mais intimista [*Lady, Give Me Your Key* ★★★★★ *Future Days Recordings*], agrega um conjunto de gravações inéditas de TIM BUCKLEY. Em 1967, após um primeiro álbum homónimo, Buckley e o produtor Jerry Yester procuravam canções para o disco seguinte: *Goodbye and Hello*. Uma «demo tape» com sete temas e um acetato com seis foram o resultado material dessa demanda. Parte das maquetas foram trabalhadas e rearmadas para o novo álbum. Porém, algumas das canções foram abandonadas. De entre estas, «Lady, Give Me Your Key», esteve na calha para lado B do single «Once Upon a Time». Apesar de este ser uma «psych pop song» perfeitamente enquadrada na época, a Elektra nunca o editou e, por arrasto, o extraordinário «Lady, Give Me Your Key» permaneceu inédito até hoje. Não só por ele, mas também muito por causa dele, as gravações agora publicadas são obrigatórias para todos os que se interessam pela música deste trovador.



Brighton, outono de 1968. A Mike Stuart Span acabara de assinar pela Elektra. Depois da Incredible String Band e dos Election, constituíam a terceira aposta da editora americana no Reino Unido. Jac Holzman pretendia vender um produto novo e o nome da banda mudou para LEVIATHAN. Para além disso, pouco se alterou; a matriz continuava a balouçar entre o «mod» e o psicadélico, em linha com o seu tempo. Depois de alguns singles de sucesso mediano, a banda avançou para a gravação de um álbum. No final de 69, quando se esperava a respetiva edição, Holzman cancelou o projeto e as fitas foram arquivadas. 47 anos volvidos, [*Leviathan, The Legendary Lost Elektra Album* ★★★★★ *Grapefruit*] chegou finalmente. Testemunho de uma grande banda de blues-rock psicadélico, o álbum é atravessado pela inspirada guitarra de Brian Bennett e guarda, entre outros, os belíssimos «Second Production», «Flames» e uma versão lenta do clássico «Evil Woman». Histórico.





92

## David ao quadrado

David Fonseca juntou uma série de nomes de primeira linha da música portuguesa para homenagear Bowie num respeitável disco de versões.

VÁRIOS ARTISTAS **BOWIE 70** Sony Music 



**UM ANO** sem David Bowie foi um ano duro. E no ano em que o músico britânico completaria 70 anos, há quem

tenha decidido lidar com o luto de forma coletivamente criativa. Falamos de David Fonseca, que pegou em 13 canções marcantes (e imortais) de Bowie e entregou-as nas mãos de algumas das vozes mais distintas da música portuguesa. O resultado é *Bowie 70*, uma espécie de última vénia ao camaleão, que ajudou a chutar a música popular para a frente ao longo das seis décadas em que se manteve ativo. Há, entre o leque de artistas escolhidos, quem deva mais a Bowie e quem deva menos, mas a reverência a um dos ícones mais influentes de sempre da música está bem espelhada em cada interpretação. Os temas selecionados vão dos velhinhos «Starman» e «Space Oddity» aos recentes «Where Are We Now?» e «Lazarus», passando por algumas das pérolas mais conhecidas do gigantesco cancionário de Bowie.

Os resultados são díspares, há opções estéticas e arranjos mais inspirados do que outros, algumas surpresas e alguns «esperava mais» mas, no geral, *Bowie*

70 vem embrulhado numa coesão que lhe é conferida não só pelo brilhantismo das canções como também pelo trabalho admirável de David Fonseca ao leme desta «aventura». A emoção com que Manuela Azevedo, dos Clã, se agarra a «Modern Love», a garra de Marta Ren em «Fame» e o gingar arrojado que Aurea aplica a «Starman» destacam-se como momentos fortes de um disco que tenta arrancar, mas só um bocadinho, Ana Moura («The Man Who Sold the World» ganha cordas e teclas trágicas – e quase escutam Nick Cave lá ao fundo) e Camané (nunca pensámos ouvir um «Space Oddity» afadistado) das suas zonas de conforto. Rita Redshoes chamou a si a tarefa ingrata de pegar em «Heroes», provavelmente das canções mais repisadas de Bowie, mas deu-lhe o toque certo para nos prender a atenção; Márcia a sussurrar «This is Not America» é o apaziguamento de que uma nação em convulsão necessita; e António Zambujo a empregar o seu tropicalismo a «Life on Mars» é amor em estado puro. Nada disto minimiza a falta que Bowie faz ao mundo, mas aplaudimos especialmente o facto de este disco poder levar tão belas canções a uma geração que já não cresce a ouví-las.  Mário Rui Vieira



### SLEATER-KINNEY

LIVE IN PARIS  
Sub Pop/Popstock

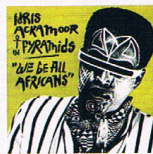


Indie vivo

FLUPE FERREIRA

FOI UMA pena a digressão das regressadas Sleater-Kinney não ter passado por cá – continua a faltar-nos esse indispensável cromosoma indie na coleção. *Live In Paris*, document-

to de uma noite de março de 2015 no parisiense La Cigale, vem deixar aos seguidores das riot-senhoras de Olympia um pouco mais de água na boca: aqui está uma banda a jogar o seu melhor arsenal, revitalizada por um álbum – *No Cities To Love* – que acrescentou empertigadíssimas novas entradas ao cânone («Price Tag», «A New Wave» e, sobretudo, «Surface Envy» não faltam). Tudo soa excitantemente próximo do ouvido, sem filtro, direto ao osso (bonitas as harmonias de «Oh!», intrincado o tricó das guitarras em «Dig Me Out»), pleno de vida. Não se pedirá mais. [us](http://us)



### IDRIS ACKAMOOR & THE PYRAMIDS

WE BE ALL AFRICANS  
Strut



Bonita reunião

A REUNIÃO do saxofonista alto Idris Ackamoor com os Pyramids, quase 40 anos após o seu concerto final em Berkeley, nos Estados Unidos, é um sinal positivo da pressão sobre

a história que as reedições certas no momento exato podem exercer. A recuperação para o presente de álbuns dos anos 70 como *Lalibela* ou *King of Kings* levou a que o mestre Ackamoor se voltasse a reunir com os antigos alunos Pyramids e o resultado é um brilhante *We Be All Africans*. Gravado nos estúdios analógicos da Philophon de Max Weisenfeldt (Poets of Rhythm), este álbum mostra bem que o tempo é uma mera ilusão humana já que as quatro décadas volvidas sobre o período original da banda não tiraram nem uma grama à urgência desta infecciosa música que cruza jazz e afro-funk numa fórmula al-

tamente inventiva. [rma](http://rma)



### ROSE ELINOR DOUGALL

STELLULAR  
Vermillion/Popstock

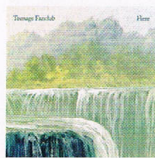


Ao lado

É UM começo, mas também um recomeço. Rose Elinor Dougall, nascida há 30 anos em Brighton, já em 2010 havia lançado um álbum, *Without Why*, pop

sobrecarregada que fez dela uma estrela. Rose tinha, porém, um passado; era a melhor voz do trio The Pipettes, que a meio da década passada soube servir-se do património *girl group* à Phil Spector em criações inspiradas. *Stellular* marca um novo ponto zero, definindo um lugar que não é o da pop plástica («Closer» dança inteligentemente), mas é demasiado polido para ser indie (tremenda «Colour of Water», tão *kraut* como *psych*). Só que o mel dos *early 90s* românticos de «Answer Me» não casa bem com a acidez que Rose quer imprimir noutros cozinados e o impasse é óbvio. [us](http://us)

## DISCOS



### TEENAGE FANCLUB

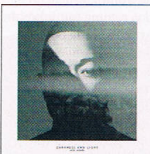
HERE

Pop/Rock

★★★★★

#### Agilidade e leveza

FORMADOS no final dos anos oitenta em Glasgow, os Teenage Fanclub tinham tudo para fazer parte da primeira liga de popularidade da pop britânica que batejou os Blur ou os Oasis nos anos seguintes. Em vez disso, mantiveram uma carreira discográfica de assinalável regularidade alimentada por um talento para harmonias vocais e guitarras felizes que recuperava o legado dos Byrds e uma escrita de canções mais do que consistente, ainda que alimentada a três mãos. Ao décimo álbum, todas essas qualidades permanecem intactas sem que a música tivesse sofrido desvios comprometedores. Basta ouvir a pop ágil e irresistível de «I'm in Love», o psicadelismo discreto de «I Was Beautiful When I Was Alive» ou a introspeção de «I'm With You» para percebermos que, pela décima vez, estamos de novo em boas mãos. **CM**



### JOHN LEGEND

DARKNESS AND LIGHT

Columbia/Sony Music

★★★★★

#### Um novo brilho

MUITO mudou na música de John Legend desde que o ouvimos cantar «Ordinary People» em 2004. Em 13 anos de uma carreira

sem grandes flutuações, o norte-americano foi conseguindo manter-se à tona, tendo, no registo anterior a este *Darkness and Light*, alcançado o seu maior sucesso comercial. A xaroposa balada «All of Me» ofuscou o bem mais arrojado «Made to Love» (que tinha o toque de midas de Kanye West na produção) nos topos de singles e deu um belo impulso de vendas a *Love in the Future*. Três anos volvidos, Legend regressa mais assertivo, mais intenso e decidido a lutar pelo seu lugar ao sol. Para isso, traz consigo verdadeiras pérolas pop («Love Me Now»), «What You Do to Me») e colaborações com as pessoas certas: Chance The Rapper no pegadão «Penhouse Floor»; Miguel no vaporoso «Overload»; e Brittany Howard, dos Alabama Shakes, na faixa impregnada de blues que dá nome ao disco. Não é um disco perfeito, mas é, certamente, um dos mais excitantes que o músico gravou até hoje. **MV**



### ANDY SHAUF

THE PARTY

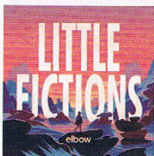
Anti

★★★★★

#### Parece fácil

DESDE a primeira à última canção, *The Party*, terceiro longa-duração de Andy Shauf e primeiro numa editora de renome, faz jus ao título da faixa de abertura: «The Magician». Aos 27 anos, este «miúdo» da pequena cidade de Saskatchewan, no Canadá, é um maravilhoso faz-tudo que, enquanto o disco dura, nos faz crer no poder do ilusionismo. Autor e intérprete de todas as canções, Shauf toca também todos os instrumentos, à exceção das cordas, e enleva-nos com facilidade num disco

que define como vagamente conceptual (a sua ideia, diz, era fazer com que *The Party* soasse «a uma casa onde em cada quarto se passam coisas diferentes, durante uma festa»). Nesta mansão com acabamentos, ou seja, arranjos de luxo, há espaço para épicos discretos («The Magician», «Early To The Party», «To You»), ecos de Elliott Smith («Twist Your Ankle», «Begin Again») e «simples» canções para assobiar dias a fio («Quite Like You», «Eyes of Them All»). É magia, maestro. **LP**



### ELBOW

LITTLE FICTIONS

Universal

★★★★★

#### Discreta instituição

HÁ MAIS de 15 anos que os Elbow, banda nascida na pequena cidade de Ramsbottom, na zona de Manchester, andam nesta vida de lançar discos. Depois do impacto da estreia, em 2001, o maior brilharete dos rapazes comandados por Guy Garvey terá acontecido em 2008, com *The Seldom Seen Kid*, vencedor do Mercury Prize. Fora do Reino Unido, a banda não tem a mesma popularidade, mas discos como *Little Fictions*, o seu sétimo longa-duração, provam que continuam a escrever canções tão eficazes como intrigantes. Desta feita, «Magnificent (She Says)» serve de amostra fiel do seu misto de intimismo e desenvoltura rock, servido pelo tom de pregador bondoso de Garvey. «Gentle Storm» e o seu ritmo esquelético ou «All Disco», de natureza melosa contrariada pela letra («perverted old timers, I'll feed you one liners») são outros dos momentos mais curiosos de um disco que vale a pena descobrir. **LP**

## Metais Pesados

por José Miguel Rodrigues [jmr@loudmagazine.net](mailto:jmr@loudmagazine.net)

**FORMADOS POR** atuais e ex-elementos dos L'Acéphale, Sissy Spacek, Knelt Rote e Lake of Blood, os **OUR PLACE OF WORSHIP IS SILENCE** juntaram-se há uns escassos três anos mas os níveis de maturidade que dominam o seu álbum de estreia denunciam um projeto que sabe exatamente o que quer fazer e, mais importante ainda, como fazê-lo. Ao longo dos 27 minutos que dura, [*The Embodiment of Hate* (★★★★ Broken Limbs Recordings)] afirma-se como um petardo de brutalidade nua e crua, numa abordagem pouco ortodoxa ao death metal que, nos primeiros anos da década de 90, deu ao underground bandas como Morbid Angel e Incantation. Temas como «Resplendent Misery», «Murdered While Praying» ou «To Deceive the Universe» desenvolvem-se a partir de riffs angulares e batidas desconcertantes, tudo envolto numa aura lamacenta, austera e obscura. Nada de inovador ou revolucionário, é certo, mas tudo feito com um engenho invejável.

Contando na formação com dois membros dos extintos Omega Massif – que, entre 2005 e 2011, se afirmaram como uma das mais entusiasmantes propostas saídas do movimento pós-metal/rock instrumental –, os **PHANTOM WINTER** mostram Andreas Schmittfull e Christof Rath a adotarem uma abordagem bastante mais suja à música opressiva e compassada. Composto por seis canções maioritariamente longas, [*Sundown Pleasures* (★★★★ Golden Antenna)] expurga doses massivas de raiva e frustração, numa mistura de riffs arrastados e batidas paquidémicas que, entre o peso avassalador do metal contemporâneo apocalíptico, os descargas de tremolo picking do pós-black e um balanço monstruoso, só poderá ser descrita como sludge/doom atmosférico. O resultado final é contundente e catártico q.b., que é exatamente o que se espera de uma banda sonora para o hipotético fim do mundo.

Muita água passou debaixo da ponte desde que, em 2002 e 2003 respetivamente, *Use Once and Destroy* e *A Lethal Dose of American Hatred*, estabeleceram os Superjoint Ritual como um dos mais visíveis grupos em que Phil Anselmo se envolveu após a separação dos Pantera. Mais de dez anos de silêncio depois, com metade da designação e da formação a ficarem pelo caminho – dos registos anteriores mantêm-se só Jimmy Bower e Kevin Bond nas guitarras, sendo a secção rítmica composta agora por Stephen Taylor e Joey Gonzalez, ambos da banda «a solo» de Anselmo, no baixo e bateria – e razões mais que suficientes para inspirarem uma valente descarga de bilis, os **SUPERJOINT** cospem um colosso de peso que, em termos de nervo e atitude, revela um apelo inegável. De resto, a forma como [*Caught in the Gears of Application* (★★★★ Housecore)] passa as referências punk/hardcore que estão na génese do projeto pelo filtro do sludge pantanoso faz empalidecer tudo o que o músico de Nova Orleães fez durante a última década. Criado das cinzas de Sperm Of The Antichrist, **VOID MEDITATION**

**CULT** manteve-se como um dos segredos mais bem guardados do underground norte-americano durante os últimos sete anos. Editado na sequência da maqueta *Sulfurous Prayers*, [*Utter the*

*Tongue of the Dead* (★★★★ Hells Headbangers)] marca por fim a estreia deste misterioso «one man project» do Ohio nos registos de longa-duração e concretiza todos os predicados apresentados na gravação de 2011 com dez temas de black/death metal bem obscuro. Fortemente enraizado na tradição estabelecida entre os anos 80 e os 90 pelos pioneiros da tendência, os finlandeses Beherit vêm logo a memória, o multi-instrumentista Desolate Defiler precisa só de meia hora para estabelecer o ambiente sufocante e ritualista que a capa faz antever; num exercício feito de riffs opressivos e percussão contundente, condimentado por teclados sinistros e vocalizações cavernosas.



## Cavaleiros do apocalipse

Podem ser duros, dizer palavrões e falar de coisas parvas, mas, à sua maneira, são cavaleiros numa era de cretinos que chegam ao poder. Eis a primeira grande bomba do ano.

**RUN THE JEWELS** RUN THE JEWELS 3 *Mass Appeal/Popstack* 🌟🌟🌟🌟



### O HIP-HOP

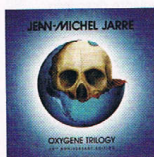
caminhou tanto para chegar aqui. O mundo pode estar à beira do colapso, com a humanidade a vislumbrar o abismo e a ponderar o salto, mas isso não impede que mesmo perante a possibilidade de aniquilação total haja quem não se coíba de enfiar o dedo, sujo de realidade, bem fundo na ferida: «*So many years of this violence/ Now we're surrounded by the souls of the dead and defiant/Saying, "Look what you've done, you designed it!" When the bough breaks, hear the wraith scream "Riot!"*».

2017, Trump, índios que ainda têm que lutar pelas suas terras, bombas por todo o lado, *reality TV*, CNN a reportar escândalos, discursos de estrelas de Hollywood insatisfeitas com o estado a que a comédia política conduziu o seu país e o mundo. Banda sonora? *Run The Jewels 3*. É um trabalho sujo, mas alguém tinha que o fazer. «*Excuse moi, bitches!*». Estão mais do que perdoados estes rapazes. Haja alguém com eles no sítio.

Na barragem de entrevistas que acompanha a edição do terceiro opus de Mike e El-P há uma ideia repetida incessantemente: o que começou por ser

uma associação improvável entre um rapper negro de Atlanta, pretendente à mesma esfera de notoriedade dos seus «padrinhos» Outkast, e um rapper e produtor branco oriundo do planeta alternativo comandado pela Def Jux é hoje uma sólida aliança criativa fundada na amizade e respeito. Os Run The Jewels – não se cansam de o repetir – trouxeram ao de cima o melhor que estes cavaleiros têm para oferecer: rimas inflamadas, palavras sérias, mas também idiotias se necessário, porque ninguém tem apenas uma camada. Tudo isto encaixado em música que oscila entre a tradição e o futuro, entre a cadência cristalizada das máquinas digitais, algum peso eletrónico industrial e uma ideia de funk que não descarta a experimentação. El-P é mesmo um produtor de mão cheia que aqui assume a parte de leão dos créditos com ajudas pontuais de BOOTS e Little Shalimar. No microfone há que salientar as participações de Danny Brown, Tunde Adebimpe dos TV On The Radio, Zack de La Rocha (Rage Against The Machine) ou Kamasi Washington. Mas Mike e El-P poderiam ter feito tudo sozinhos. Se o mundo se salvar, serão eles, definitivamente, os responsáveis.

📍 Rui Miguel Abreu



### JEAN-MICHEL JARRE

OXYGÈNE TRILOGY

Sony Music

🌟🌟🌟

40 anos

DEMOROU apenas 40 anos para Jean-Michel Jarre completar a trilogia *Oxygène*. Esta nova edição reúne os três momentos do tríptico: o álbum original, de 1976, a segunda gravação, de

1997, e a que o músico francês completou o ano passado. Como tantas vezes acontece no cinema (exceto, talvez, com *O Padrinho*), também aqui o título inaugural é bem melhor do que as sequelas. Em 1976, as tecnologias eletrónicas que empregava de forma exploratória continham ainda uma excitante promessa de futuro que se refletia em peças carregadas de drama, tensão e curiosidade. Os dois volumes subsequentes, especialmente o mais recente, exposto nas peças 14 a 20, acusam o peso da perda de inocência e Jarre comete o erro de tentar soar moderno. Jarre a influenciar o EDM com o seu discurso musical

pioneiro é uma coisa, mas Jarre a tentar soar a Martin Garrix é outra. Bem menos interessante. RMA



### VELHOS

VELHOS

Flor/Caveira/Amor Fúria

🌟🌟

Deu menos

AS EDITORAS têm identidades e quando se juntam duas casas com mística, digamos Flor-

Caveira e Amor Fúria, as expectativas sobem. E os dois selos juntaram-se para produzir o novo álbum dos Velhos. Acontece que o resultado fica abaixo dessa expectativa. A música tem um som pesado que por vezes se torna pesadão. As letras são curiosas pelo *lifestyle* pouco coadunado com o hábito rock'n'roll (vide «Casa Comigo»). Mas falta a *Velhos* a irreverência e a surpresa que marcam o melhor destes dois mundos. É verdade que o disco ganha com as audições mas falta aqui a marca de autor que faz a diferença entre os discos que passam e aqueles que ficam. mc



### BRIAN ENO

REFLECTION

Warp Records

🌟🌟🌟

Em meditação

DEPOIS de um certo desvio de atenções para outros projetos em finais dos anos 90, nos últimos tempos Brian Eno tem reencontrado um ritmo de lançamentos mais regular, entre parcerias e discos a solo, estes últimos no quadro de

um relacionamento com a Warp Records, etiqueta com história na música eletrónica. Este *Reflection* retoma caminhos de exploração de possibilidades para uma música herdeira das visões «ambientais» que começou a definir em meados dos anos 70. É um disco de uma peça só, centrada numa lógica de repetição de acontecimentos, discretamente adicionando elementos, mas embora timbricamente familiar e feita segundo princípios semelhantes aos de outras composições, esta é uma música que, em vez de pinelar ambientes cénicos, pede que olhemos para o interior de nós mesmos, sugerindo espaços para a reflexão. mg

## DISCOS



### SOHN

RENNEN  
4AD/Poprock



#### Tremeliques

**TREMORS** colocou o inglês Christopher Taylor no mapa europeu das eletrônicas a partir de Viena, na Áustria. O músico justapunha a sensibilidade do seu registo vocal à sensualidade rítmica para criar canções vibrantes («Artifice» e «Paralysed» não perderam brilho, três anos depois). Onde, então, ouviamos ecos de Radiohead e referências escandinavas, hoje, neste *Rennen*, vemos uma aproximação perigosa ao território que James Blake tem delimitado para si. As batidas tornaram-se mais sombrias, a voz avolumou-se (e perdeu algum encanto) e as canções tornaram-se, no geral, menos excitantes. Há exceções, claro: «Hard Liquor» aproveita uma certa agressividade para se afirmar; «Rennen» dança em torno de teclas simples para se destacar como o momento mais delicado do disco; «Falling» explora bem o rasgo de originalidade que falta às faixas que a rodeiam. **MRV**



### THE SUNFLOWERS

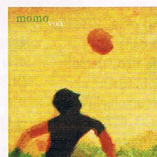
THE INTERGALACTIC GUIDE TO FIND THE RED COWBOY  
O Cão da Garagem



#### Dá-me lume

OS ENCÓMIOS promocionais registam a

«a banda mais bonita e selvagem a sair do Amial» (GPS apontado para o Porto) e, por uma vez, somos tentados a não discor- dar com o panfleto. Os Sunflowers são dois – rapaz guitarrista/vocalista e rapariga baterista/vocalista – e, depois de dois EPs, chegam aos 36 minutos de *The Intergalactic Guide to Find the Red Cowboy* (atenção ao tema-título; é todo o um tratado de riffs em brasa), infusão de garage rock febril e punk rock aguçado *comme il faut*. A coisa tanto veste a pele dos Cramps como pisca o olho à *leisure music* de todos os Black Lips de hoje («The Witch», «Charlie Don't Surf»), mas sem perder o atriço e a chispa (veja-se a torrente de «Mountain» e o ziguezague obstinado de «Zombie»). Queima, e é bom. **LS**



### MOMO

VOÁ  
Universal



#### Tanto mar

**NASCIDO** no estado de Minas Gerais, Marcelo Frota, aka Momo, tem carimbado com frequência o passaporte brasileiro. Depois de viver em Angola durante a infância e nos Estados Unidos na adolescência, o cantor e compositor passou por Espanha e vive há algum tempo em Lisboa, onde preparou este que é já o seu quinto álbum. Produzido por Marcelo Camelo, com quem compôs quatro dos temas, *Voá* apresenta algumas semelhanças com a obra do carioca, também a viver em Portugal. Contudo, apesar da omnipresença do oceano (evocado logo na abertura, com «Esse

Mar»), a voz de Momo é mais telúrica, vestindo na perfeição canções que seduzem tanto quando se mostram delicadas («Pensando Nele») como quando abanam a anca tropical («Mimo»), escrita com Rita Redshoes). «Alfama», dueto com Camané, seu fã confesso, «Meu Menino» ou «Roseiras» são já algumas das mais gratas surpresas de 2017. **LP**



### LITTLE SIMZ

STILLNESS IN WONDERLAND  
Age 101



#### Arranjos de sonho

**NÃO SE** percebe muito bem a metáfora do País das Maravilhas de Simbi Ajikawo, artista nigeriana de ascendência inglesa de ascendência nigeriana que se dá a conhecer ao mundo como Little Simz. *Stillness* é o seu segundo álbum oficial, mas esta *rapper* já leva no bolso 7 EPs e 4 mixtapes. «Picture Perfect» tem a letra e música mais escapista e inspirada do álbum, é uma irónica canção sobre realidades alternativas, alienação e um certo modo de estar na vida neste século XXI. A batida viciante e o *flirt* da guitarra com o saxofone com influências no calypso são acompanhadas por um *flow* a preceito pela cantora. Todo o disco é muito *downtempo*, um hip-hop texturado com inspirados arranjos mercedores de medalhas. A dispersão de ideias, fruto de uma produção diversificada, também resulta em ambientes riquíssimos como se de uma banda-sonora se tratasse. Parece que Kendrick Lamar já lhe teceu elogios, mas as comparações com Lauryn Hill são um pouco exageradas. **RM**

## Mondo 21

por António Pires [pires.enti@gmail.com](mailto:p.pires.enti@gmail.com)

**QUANDO SE OUVEM** as gravações de cante alentejano feitas por Armando Leça em 1939 e 1940 em variadíssimas regiões do Alentejo – cf. no livro/3 CDs *Armando Leça – As Recolhas de Cantares do Alentejo (1939/1940)*, editado pela Tradisom – sente-se ali algo de estranho e diferente do que esperávamos: a esmagadora maioria das modas são cantadas por coros mistos, de homens e mulheres, e não só, como se esperaria, por homens. E isto deve-se a quê? Ao facto de, nessa altura, tanto uns como outras trabalharem em conjunto na terra, fosse na ceifa do trigo ou na apanha da azeitona. Décadas depois, com a desagregação da grande parte dos campos alentejanos e a migração massiva dos (ex-)camponeses, o cante evoluiu (ou involuiu) para uma prática quase exclusivamente masculina, confinada às tabernas (onde as mulheres não entravam) e como memória mais ou menos distante dessa prática rural e comum. Há muitas formas de «evolução» num género musical, seja por força de condicionamentos «internos» (como o referido), seja por via de contaminações externas mas aceites pela comunidade «contaminada». O que parece ser verdade, no que concerne ao cante alentejano (e não há espaço aqui para desenvolver teorias sobre as suas origens, que vão desde os melismas árabes do Al-Andaluz à raiz musical judaica, da influência da escola de canto gregoriano em Évora até...), é que se não tivesse de alguma forma evoluído, estaria condenado a desaparecer. Os irmãos Salomé (Vitorino e Janita), Paulo Ribeiro (e os seus cante-rockers Anonimato) e, mais recentemente, Pedro Mestre – recuperador da viola campaniça e de várias formas de cante – ou António Zambujo – que sempre incluiu os cantares alentejanos no meio dos seus fados e outros cantes – têm tudo a ver com isso. Também é destes dois últimos nomes que se fala a seguir; a propósito de [Rancho de Cantadores de Aldeia Nova de São Bento (★★★★★) Universal], do



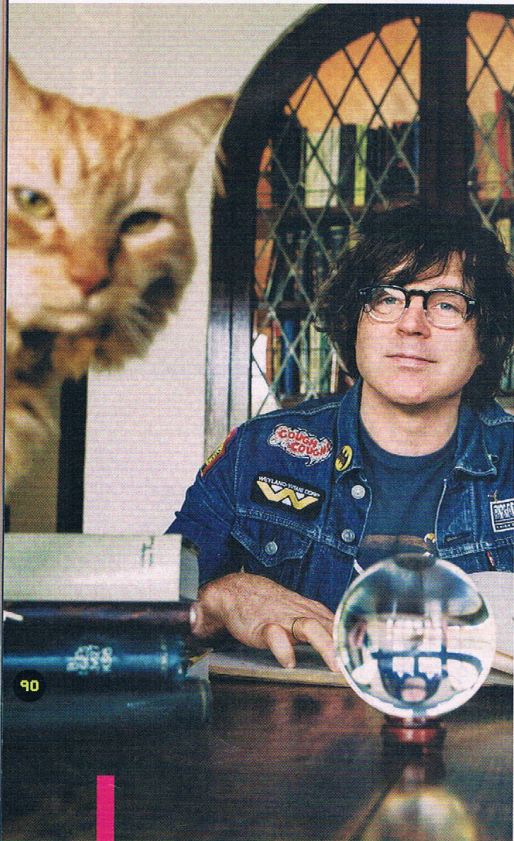
**RANCHO DE CANTADORES DE ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO**; Pedro Mestre é o ensaiador do grupo e António Zambujo o produtor executivo do disco. E ambos dirigiram este coro para encontros, se não improváveis pelo menos incomuns, com gente com rock, do jazz e, naturalmente (via Zambujo), do fado. Sim, estão aqui muitos dos grandes clássicos do cante alentejano (e até o divertimento «Eu la Pela Rua», com assobios e tudo), cantados pelas vozes graves, profundas e imaculadas dos cantadores, mas também belíssimos «duetos» com, para além de António Zambujo, Miguel Araújo, Luísa Sobral, Pedro Mestre e Jorge Benvidu (Virgem Suta). Um marco histórico. Se a propósito do cante, se falou – pelo menos nas entrelinhas – de uma tradição vocal antiga e da respetiva evolução, no caso da extraordinária cantora canadiana **TANYA TAGAQ**, cujo novo álbum [*Retribution* (★★★★★) Six Shooter Records] é mais um passo seguro na preservação, mas sempre com o olhar fixo



no futuro, do canto gutural do seu povo, os inuit (os esquimós, em linguagem mais fácil). Colaboradora de Björk, Mike Patton ou Kronos Quartet, Tagaq – tal como Sussan Deyhim, Diamanda Galás, Meredith Monk – não tenta cativar quem a ouve, em disco ou ao vivo, com música bonita, simpática ou simples. É sempre uma música – e, acima de tudo, uma voz – desafiante, duelante, batalhante. E sempre direta ao ponto, como quando canta sobre o sistema canadiano de apartheid – sempre silenciado pelos media internacionais, tal como acontece com o que se passa nos países mais-que-civilizados nórdicos em relação aos sami (os lapões, em linguagem mais fácil) – e que durante mais de um século separou as crianças inuit das suas famílias (com um saldo apurado de seis mil vítimas mortais no processo e incontabilizáveis violações, cantadas por ela no tema «Rape Me»). Ouve-se *Retribution* e, na voz de Tanya Tagaq e dos seus músicos, ouve-se tradição, pós-rock, música erudita e experimental, formas extremas de metal e hip-hop, mas na verdade nada disto importa. As palavras, sim.

95

guia >>> DISCOS



## Querido Ryan

Depois do disco de versões de Taylor Swift, Adams mantém a boa forma e a paixão dos verdes anos.

**RYAN ADAMS PRISONER** PAX AM/Universal ★★★★★



**AOS 42 ANOS**, Ryan Adams começa o seu 16º disco a solo com uma pergunta: «Do You Still Love Me?».

Habitualmente pouco dado a exercícios de ironia, é possível que o músico sinta realmente vontade de sentir o pulso aos fãs, que com mais ou menos fervor o acompanham desde os tempos da sua primeira banda, os Whiskeytown. Curiosamente, na última canção de *Prisoner*, é para os tempos dos Whiskeytown que somos remetidos: a galhofa em que «We Disappear» desemboca lembra o final de «Bar Lights», a última canção de *Pneumonia*, derradeiro disco da banda que, com os Wilco, ajudou a definir aquilo a que se chamou alt-country.

É reconfortante sentir que, entre 2001, data em que Adams disse adeus ao grupo que começou por popularizá-lo, e este ano em que lança um disco de canções inspiradas pelo divórcio de Mandy Moore, muita coisa permanece igual. A paixão do cantor e compositor, guitarrista e produtor, *nerd* de jukeboxes e amante de gatos, será a constante mais vital. Mesmo quando

aparentemente perdido num mar de lançamentos, tão numerosos como diversos em género (metal, punk, o catavento foi a todas), a motivação do norte-americano foi sempre evidente: o prazer que retira da música nunca pareceu esmorecer. Desde 2014, ano em que lançou o mais expansivo álbum homónimo, abraçando sem vergonha a veia de rocker dos anos 80, motivação e resultados parecem gozar de uma maior sintonia. Na sequência desse disco e do maravilhoso álbum de versões de Taylor Swift, *Prisoner* preserva a boa forma de um eterno fã. Há tanto de Bruce Springsteen («Outbound Train») como de Johnny Marr, dos Smiths («Prisoner») num álbum que não deixa nunca de soar a Ryan Adams, quer nas canções que só podiam ter saído da sua pena («Shiver and Shake», «To Be Without You»), quer na honestidade da devoção que mostra pelos seus heróis. Aqui não há fantasmas de apropriação nem ponta de cinismo, só um amante de música que chegou a este ponto na sua longa carreira com a pureza dos verdes anos.

Respondendo à pergunta inicial: «let us count the ways». **Lia Pereira**

## Mundo 21

por António Pires [pres.anti@gmail.com](mailto:pres.anti@gmail.com)

[*Outras Vidas* ★★★★★ ARTEZ – Medicina e Arte], o novo álbum de **NÉ LADEIRAS**, são os melhores 33 minutos de música que oço desde há muitos anos. Se calhar, desde *Da Minha Voz*, o último



álbum de originais de Né Ladeiras, editado em 2001. 33 minutos de música – e 15 anos – depois? Sim, são poucos, mas tão bons que valem bem cada segundo destas músicas assinadas e cantadas por ela, com excelentes poemas de Tiago Torres da Silva e com envolvimento instrumental (dos cordofones ao acordeão, de sopros a programações) quase todo da responsabilidade do grande Amadeu Magalhães. Aqui há música tradicional portuguesa revista por uma atitude pop e alusões a muitos outros géneros (da música árabe à chamada música celta ou às rancheras mexicanas), numa viagem interior que pode até partir de «outras vidas» de mulheres (a nela omnipresente Greta Garbo, Avita, Isabelle Eberhardt, Frida Kahlo,

Madre Teresa...) mas que desemboca sempre nela, Né Ladeiras. Se Né Ladeiras se deu a conhecer em meados dos anos 70 como a voz da Brigada Victor Jara (e depois Trovante, Banda do Casaco e a solo), já **CELINA DA PIEDADE** tem deixado a sua



marca n'Xku Kalhus, Cinema Ensemble de Rodrigo Leão, Vozes na Luta ou Tais Quais. A sola editou o duplo-CD *Em Casa* (2012), o EP *O Cante das Ervas* (2014) e agora este [*Sol* ★★★★★ *Sons Vadios*]. Um álbum em que toca menos acordeão do que é habitual, mas em que a sua voz dá corpo a grandes canções ancoradas na tradição portuguesa, do Alentejo mas não só, ou no melhor cancionero argentino e brasileiro – «Assim Sou Eu» (de António Pinho e João Gil), o *bluesy* «Amores de Jericó», a versão de «Piedra y Camino», de Atahualpa Yupanqui, «A Linha e O Linho», de Gilberto Gil, «Neruda» (com letra e música de Celina)...

E mais vozes femininas: depois de Né Ladeiras e Celina da Piedade, a de Sara Vidal – a nossa ponta-de-lança nos Luar na Lubre, Contracorrente, Espiral e A Presença das Formigas –, agora também voz principal dos coimbrões **DIABO A SETE** onde, apesar de já não fazer oficialmente parte do grupo, se mantém quase omnipresente (arranjos,



coros, sanfona, duas coautorias), e a de Julieta Silva. Se pensarmos bem, ficamos com a certeza de que há inúmeras cantoras maravilhosas na nossa música que reinventa a tradição. E, neste caso, o do terceiro álbum do grupo [*Figura de Gente* ★★★★★ *Sons Vadios*], acompanhadas por uma banda competentíssima nos cruzamentos de sonoridades mais tradicionais com, também eles, a modernidade. Num álbum equilibrado e maduro, destaque também para as letras interventivas e por vezes algo absurdas de Miguel Cardina.

## DISCOS



### LUKE TEMPLE

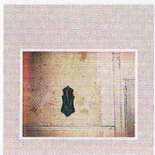
**A HAND THROUGH THE CELLAR DOOR**

Secretly Canadian/Popstock



Tensão e calma

DEPOIS de ter surpreendido os seus ouvintes habituais com uma sonoridade abertamente funky no seu disco anterior, *Good Mood Fool* (2013), o americano Luke Temple regressa em *A Hand Through the Cellar Door* a uma folk subtil e meditativa que tem sido dominante nos seus trabalhos a solo (Temple é ainda membro dos Here We Go Magic). Com apenas oito canções, o álbum é dominado por ambientes hipnóticos, por vezes suavemente psicadélicos (como no tema de abertura «Estimated World») e baladas pungentes como «Maryanne Was Quiet», que conta a história dramática de uma jovem imigrante irlandesa. Mas para além da excepcional consistência das canções é o modo como Temple as envolve em texturas sonoras minimalistas mas imersivas que faz do conjunto um objeto musical particularmente diferenciado. **CM**



### LAURA MARLING

**SEMPER FEMINA**

Kobalt/Popstock



Clássico em construção

LAURA Marling continua, ao fim da primeira década de carreira,

a ser um dos segredos mais preciosos da música contemporânea. Depois de um percurso pontuado por colaborações com projetos meritórios, como Noah and the Whale, a bela Laura lançou-se numa caminhada a solo. Daí nasceram discos a que o tempo conferirá o estatuto de clássicos. A partir de 2011 tem gravado à razão de um álbum por biénio e os resultados têm sido notáveis. O novo *Semper Femina* não é exceção. Trata-se de mais um disco notável, naquele território muito *marlinguiano* no qual as canções, de uma delicadeza translúcida, são construídas em torno de uma voz que vale por si, pontuada por instrumentos e maravilhosos arranjos que todavia não desejam passar do fundo. O seu papel, todavia, é crucial, transportando o ambiente folk de onde Laura é originária, para um jazz suave e para ambiências quasi-pastorais de uma Virginia Astley. *Semper Femina* é mais uma peça na construção de uma lenda contemporânea. A não perder. Por nada. Mesmo. **MC**



### TOCHAPESTANA

**TOP FLOP**

Ed. Autor



Surrealizar por aí

OS TOCHAPESTANA tornaram a liberdade de criar um mundo fantástico onde as possibilidades são infinitas e onde há boas canções à cuca em cada esquina de cada género musical. Poucas bandas se divertem tanto como estes dois. O segundo disco da dupla Gonçalo Tocha e Dido Pestana é uma deliciosa salgada de mosaicos da cultura popular e de

recortes da música portuguesa do século XXI. Neste apetite omnívoro cabe um arraial de punk psicótico, disco-house sumarento, techno minimal, bailaricos populares, germinações africanas e rap-rock. Muito para lá da ironia, esta música tem o fervor de quem sente prazer sem pudores nem preconceitos. À procura da batida perfeita e das mais maravilhosas melodias. **APS**



### VAIAPRAIA E AS RAINHAS DO BAILE

1755

Spring Toast Records



Garage queer pop

GARAGE rock *queer* com deliciosa luminosidade pop... Pode enfiar-se, em apenas sete palavras, um primeiro retrato rápido do que escutamos num dos mais surpreendentes entre os discos *made in Portugal* dos últimos tempos. Mas vale a pena não ficar pelo *tweet*, até porque ao mergulharmos entre as canções de 1755 acabamos a notar que há muito mais a acontecer no álbum que coloca o projeto Vaiapraia e as Rainhas do Baile na linha da frente do que de mais cativante e genuíno está a acontecer no atual panorama rock (e periféricas) local. Se as letras traduzem um conjunto de olhares, histórias, medos e sonhos que definem todo um discurso identitário, já na música cruza-se o sentido de urgência que o garage rock tão bem traduz com frestas de um melodismo pop que chega até a citar «Ele e Ela» de Madalena Iglésias (em «Augustin»). Desafiante, frontal, vulnerável. E tremendamente honesto. **MG**

## Psych & Folk

por Luis Peixoto [luis.peixoto@sapo.pt](mailto:luis.peixoto@sapo.pt)

**A COBERTO** dos The Freeways, Ghost Machine Noise, Violet Nox, Second Day Venom, ou a solo, **KAREN ZANES** tem vindo a ganhar espaço na comunidade underground de Boston, Cambridge



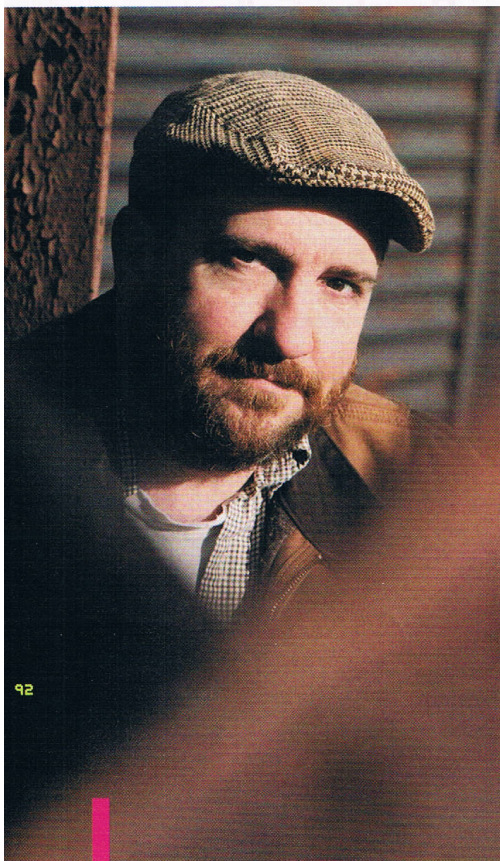
em particular. O recente (*Of Lovers and Tribes* ★★★★★ *Reverb Worship*) constitui mais um passo nesse sentido. Inspirada no psicadelismo americano e, mais recentemente, na folk pastoral britânica, Zanes faz uso das suas ferramentas académicas (fotografia e cinema) para criar uma linguagem musical simples nos meios e forma mas, ao mesmo tempo, colorida por amplas paisagens cinematográficas. Que tudo isto seja organicamente conseguido no recanto de um estúdio privado torna o resultado final ainda mais meritório. *Of Lovers and Tribes* são oito temas que balançam entre o psicadélico e o folk, aqui e ali robotizados pelo drone, como em «Drowning» ou no tema título. Destaque final para o belíssimo «Ghosting», exemplo do muito que se pode fazer com muito pouco. «Muito poucos músicos tiveram tanta influência na criação de



novos estilos de música como **GENE CLARK**. Folk-rock, psychedelic acid-rock, country-rock, alt-country, Gene esteve no nascimento de todos estes géneros.», lê-se no *booklet* que acompanha (*The Last Studio Sessions 1964-1982* ★★★★★ *Sierra Records*). Mais detalhe menos detalhe, a verdade não anda longe. Gene Clark foi um dos mais brilhantes *songwriters* americanos da segunda metade do século passado. A solo, com Byrds, Dillards, Gosdin Bros, Flying Burrito Brothers, McGuinn, Clark & Hillman ou Carla Olson, criou uma obra superlativa que em grande medida permanece por descobrir: Ao talento como autor de canções acrescentava uma voz barítono que, em matéria de interpretação vocal, o colocava de imediato num patamar acima de outros talentos como Dylan, Parsons ou Newman. A ausência de sorte e as oportunidades falhadas ficaram na sombra do seu talento. E hoje, quando se escutam clássicos como «Eight Miles High», «Here Without You», «Feel A Whole Lot Better», «One In a Hundred», «Tried So Hard» ou «Full Circle», são poucos aqueles que os associam a Clark. *The Last Studio Sessions* são gravações recuperadas à poeira dos arquivos dos produtores Leon Russell, Jim Dickson e Terry Melcher. Versões algumas, inéditas outras, 24 canções de corpo inteiro que nenhum apreciador de Gene Clark deverá ignorar. Após uma extensa carreira de cinco décadas, o veterano e dificilmente



catalogável guitarrista britânico **MICHAEL CHAPMAN** decidiu-se finalmente por fazer o seu «disco americano». (50 ★★★★★ *Paradise of Bachelors*) é o tipo de trabalho que há muito se esperava do autor: Desde que começou a ser falado no circuito folk de Cornish, Chapman assinou um extraordinário conjunto de álbuns a solo, tocou com artistas tão díspares como Mick Ronson, Elton John, Rick Kemp, Thurston Moore, Bill Callahan, Jack Rose ou Ryley Walker. Partindo das raízes folk, abraçou o ecletismo e os limites deixaram de ser possíveis. Inovou, desconstruiu, raramente imitou. Daí que os seus álbuns sejam hoje tão referenciados quanto os de outras lendas como Roy Harper, Wizz Jones, Mike Cooper, Richard Thompson ou Bert Jansch. Comemorando os 50 anos de carreira, 50 é a reinvenção do próprio autor: À exceção de três originais, os restantes temas foram recuperados ao seu cancionero. Steve Gunn (que toca guitarra e produz), Nathan Bowles, James Elkington e Bridget St. John são as âncoras que permitem a Chapman libertar-se de «tarefas administrativas» e concentrar-se apenas na cromaticidade de sons que a sua guitarra propicia. Sonoridades americanas, parentes próximas das detetadas nas obras de Steve Gunn, Black Twig Pickers, William Tyler ou Jack Rose. Uma pintura sonora.



## Como cantar meio século

Com uma canção por cada ano que já viveu, Stephin Merritt apresenta um épico com os Magnetic Fields

**THE MAGNETIC FIELDS** 50 SONG MEMOIR Nonesuch/Warner ★★★★★



**STEPHIN** Merritt gosta de arrumar a música que faz. E não só tem várias bandas através das quais grava

as canções consoante o género, o ambiente que as define ou o tipo de parceiros com quem colabora, como tem procurado pensar os seus discos como expressões de um conceito. Esta última ideia tem sido sobretudo aplicada na discografia que tem registado com o seu grupo principal – os Magnetic Fields – depois de, em 1999, ter apresentado o aclamado *69 Love Songs*. Em *I* (de 2004) os títulos de todas as canções começavam com a letra «I». Em *Disintegration* (2008) explorava as potencialidades da distorção, em *Realism* (2010) fazia o seu álbum «folk» e, em *Love at the Bottom of the Ocean* (2012) todos os temas tinham menos de três minutos. Depois de cinco anos de silêncio, eis que apresenta um ciclo de canções que começou a gravar no dia em que assinalou o seu 50º aniversário, fazendo de *50 Year Chronicle* um retrato, em 50 canções, de meio século de vida (com um tema por ano).

Contando com a colaboração do seu amigo Daniel Handler (ou seja, Lemony Snicket) na construção de um discurso sobre o próprio disco – que nos diz que, mesmo autobiográficas as canções o não são literalmente – Stephin Merritt apresenta aqui o mais cativante dos seus discos pós-*69 Love Songs*, representando a diversidade da instrumentação, tal como nesse álbum tripla, a razão que define a diversidade sem que o todo perca o sentido de unidade. Mais de cem instrumentos são usados, entre eles os sintetizadores, que o próprio Merritt banira de três discos editados entre 2004 e 2010. Apesar de cada canção traduzir um ano específico, não há nelas intenções de as pensar nunca como peças de época. A abordagem temática marca por si os tempos das histórias («Danceteria», de 1984, refere as ESG, por exemplo), determinando a versátil abordagem pop um transporte dessas narrativas para um patamar musicalmente atemporal (que se vinca no presente), num espaço onde a melancolia e um certo sentido de humor coabitam, como habitualmente acontece por aqui. E o *cocktail* de sabores (de sons e tramas) é irresistível! 🍷 Nuno Galopim

92



### JESCA HOOP

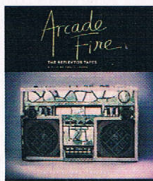
MEMORIES ARE NOW  
Sub Pop/Popstock

★★★★★

#### Face Lunar

DEPOIS de, no ano passado, gravar um álbum delicioso com Iron & Wine, Jesca Hoop, cantora e compositora de Santa Rosa, na Califórnia, prossegue o seu aventureiro caminho a solo, com um disco que

nos deixa arrependidos por não termos prestado atenção ao seu talento mais cedo. À primeira vista, são canções que Miss Hoop nos oferece; quanto mais se ouve «Animal Kingdom Chaotic» ou «Cut Connection», porém, mais nos apercebemos da inventividade de uma criadora que tanto recorda a frescura pop/folk de Laura Veirs como o experimentalismo de Joni Mitchell. Há, nas suas composições doces um mistério que Tom Waits bem descreveu: «ela é uma moeda de quatro lados. Uma alma antiga, uma pérola negra, uma bruxa boa ou uma lua vermelha. A sua música é como nadar num lago à noite». Mergulhemos, pois. 🍷



### ARCADE FIRE

THE REFLEKTOR TAPES  
Eagle Rock/Universal

DVD

★★★★★

#### A identidade e o reflexo

THE *Reflektor Tapes* é uma viagem pelos concertos e pelas influências do último álbum dos Arcade Fire. Da Jamaica ao Haiti, passando,

naturalmente, pelo Canadá (e também por Londres, já que o documentário é acompanhado de *Live at Earls Court*, gravação do concerto que deram nesta sala em 2014), o realizador Kahlil Joseph conjuga a multiculturalidade e a sensibilidade temática das canções de *Reflektor*, incutindo-lhe o frenesim e a melancolia próprias da banda canadiana. Régine Chasagne e Win Butler dão voz à história por trás do álbum mais recente e da digressão que se seguiu, transportando a todo o momento a sua identidade para *The Reflektor Tapes*. Entre o místico e o exuberante. 🍷



### LULA PENA

ARCHIVO PITTORESCO  
Crammed Discs

★★★★★

#### Navegar é preciso

OUVIR a música de Lula Pena é mergulhar numa espécie de apeia dos sentidos, um enorme mergulho onde tudo fica suspenso, num perpétuo navegar. Isto é território de uma alma em vias de extinção, onde uma

cantora se dá ao luxo de lançar apenas três discos em 19 anos. Passa-se sempre de uma música para outra sem parar, como um transe em contínuo. Benzida por esta preguiça divina, Lula que já tinha todo o mundo na sua voz, interpretando essencialmente poetas portugueses e brasileiros, experimenta agora cantar o mundo descaando a beleza descartada no cancionário grego (uma luminosa interpretação de «Pes Mou Mia Lexi»), da canção chilena «Ausencia», de Tomás Gabino Ortiz, mas é da canção brasileira «Pesadelo da História», de Ronald Augusto, e de «Ouro e a Madeira», do baiano Ederaldo Gentil que não queremos sair. 🍷

## DISCOS



### HAND HABITS

WILDLY IDLE (HUMBLE BEFORE THE VOID)

Woodstet

★★★★

### No quarto com Meg Duffy

MEG Duffy. Sim, aquela guitarrista impressionante que integra a banda que acompanha atualmente o norte-americano Kevin Morby. Gravado pela própria, *Wildly Idle (Humble Before The Void)* é o seu registo de estreia em nome próprio. É uma beleza. Os dotes na guitarra já conhecíamos (e aqui até são usados com alguma «modéstia»); o que não conhecíamos era a sua voz. Nem a capacidade de escrever canções assim. *Wildly Idle* é um disco de quarto; de intimismos e melancolias; de pequenas ideias de canções que se transformam em canções de peito cheio. Um disco de *portmanteaus*. O exemplo maior será certamente «Sun Beholds Me», pequena maravilha polvilhada de motivos cósmicos. Mas há muitos outros argumentos de uma voz que acaba de chegar e já ficou para muito tempo. **AG**



### AFI

AFI (THE BLOOD ALBUM)  
Concord Records

★★★★

### Punk pop na hora do compromisso

LONGE vão os tempos em que os The Offspring decidiram pegar nos AFI e levá-los em digressão pela Europa,

expondo-os a toda uma nova base de potenciais fãs. Apoiados na sua mistura de riffs simples, refrões orelhudos a piscar o olho aos Misfits e imagem a roçar o gótico, os californianos liderados pelo introspectivo Davey Havok transformaram-se num fenómeno de massas e, nos anos seguintes, foram cultivando uma imagem camaleónica. Para trás ficou a abordagem mais pastilha-elástica, em favor de um processo de redescoberta que, em *Crashlove* ou *Burials*, os mostrou a mergulhar num som mais expansivo. Neste seu décimo longa-duração, continuam a explorar as melodias envolventes que caracterizaram os últimos discos, mas de forma mais contida, com canções como «Still a Stranger», «Aurelia» e até a piscadela de olho a «Girl's Not Grey» em «So Beneath You» a caminharem com confiança por terrenos familiares, num compromisso entre as tendências experimentais e a costela direta. Ainda não é o álbum que vai fazer mudar de opinião os que deixaram de lhes prestar atenção no pós-*Sing the Sorrow* mas, pelo menos, desta vez conseguem não soar a uma versão insuflada de si próprios. É *softcore*, mas muito bem feito de forma assumida. O que, a esta altura do campeonato, talvez seja o maior elogio que se lhes possa traçar. **JMR**



### BZZCOCKS

TIMES UP  
Domino

★★★★★

### Máquina do tempo

QUANDO perante uma qualquer fantasia hollywoodesca somos assaltados pelo desejo

de ter à nossa disposição uma máquina do tempo, provavelmente não é para Manchester em 1976 que as coordenadas da nossa curiosidade apontam. A menos que sejamos – e é o confesso caso aqui – fãs dos Buzzcocks. *Time's Up* é uma espécie de máquina do tempo que nos conduz ao estúdio onde Pete Shelley e Howard Devoto cozinharam as primeiras maquetes de onde foi extraído o material para o EP de estreia. A receita? Sarcasmo, electricidade derrapante, inteligência e uma postura intransigentemente punk que lhes permite pegar em Captain Beefheart e injetar em «I Love You Big Dummy» um pouco mais de caos, como se tal fosse possível. **RMA**



### ARIEL PINK/ WEYES BLOOD

TEARS OF FIRE  
Mexican Summer/Popstock

★★★★

### Bom caminho

RESPONSÁVEL pela disseminação de duas das maleitas mais nocivas da contemporaneidade – a hypnagogic pop e a chillwave –, Ariel Pink tem ondulado dos seus descuidados cabelos pintados ao sabor de ventos diversos. Em boa hora se acercou novamente de Natalie Mering (ou Weyes Blood), que no acústico tema-título deste EP de 14 minutos faz de Yma Sumac, cantando de forma inesperadamente operática um breve refrão quase gótico. No restante, sublinhe-se com menos vigor a balada pós-punk «On Another Day» (Pink a vestir uma gabardina de vanguarda 80s) do que a misteriosa e quase psicadélica «Morning After» (Mering a suplantar o parceiro). E já não é nada mau. **LG**

## Metais Pesados

por José Miguel Rodrigues jrm@loudmagazine.net

**SE AQUILO** que procuram é black metal verdadeiramente original, como era feito na altura em que ainda não se tinham estigmatizado as regras do estilo, o impronunciável [Księżyc Milczy Luty ★★★★★ Pagan Records] é álbum para vos encher as medidas. Ao quinto álbum, os polacos **FURIA** invocam um espírito que tem muito mais em comum com o que se fazia no underground italiano e



húngaro no início dos 90s do que com qualquer coisa saída da Escandinávia na mesma altura e atiram-se a uma inusitada, mas eficaz, alquimia de tremolo picking, batidas compassadas, arranjos jazzísticos, a ocasional descarga de blastbeats, melodias pós-punk e vocalizações dramáticas, num registo lento e lamacento, a roçar o depressivo. A natureza alienígena e noir do material ajuda, e muito, a afirmá-los como algo diferente de tudo o que se faz hoje na cena. Pioneiros, a par dos Suffocation, na arte de fazer death metal personalizado em Nova Iorque. ao longo das últimas décadas os **IMMOLATION** tomaram-se num dos mais estoicos e perseverantes porta-estandartes da «cena». Sem a banda de Ross Dolan e Robert Vigna provavelmente a moda dos nomes acabados em «ation» nunca teria acontecido, mas o death técnico, brutal e dissonante



também não, aniquilando muita da música extrema mais interessante que se fez nos últimos anos – que o digam, por exemplo, os Ulcerate. Editado quatro anos após *Kingdom of Conspiracy*, este [Atonement ★★★★★ Nuclear Blast] não reserva grandes surpresas em relação ao que os músicos têm feito nos últimos discos, mas revela perícia e engenho suficientes para colocar os quejandos no seu devido lugar.

Apesar de responderem por uma das designações mais ridículas de que há memória em muito tempo – fica a ideia de que os músicos decidiram juntar à força todos os clichés do doom/stoner só porque sim –, desde que lançaram Noeth Ac Anoeht, há menos de um ano, os **MAMMOTH WEED WIZARD BASTARD** têm vindo a afirmar-se como uma lufada de ar fresco num som onde tudo parece já ter sido inventado, testado com sucesso e repetido até à exaustão. Tendo por base os riffs doomícos escola lommi e a distorção saturada dos Electric Wizard, que tem tanto de blues bastardos como de peso castigador, a banda tem em Jessica Ball a sua arma secreta.



É a mistura *sui generis* do seu registo vocal angelical com a abrasividade dos riffs que vive a meia-dúzia de temas de [Y Proffwyd Dwyll ★★★★★ New Heavy Sounds], com os músicos a imporem posição com uma personalidade definida e alguma margem de progressão, como prova a abertura de campo de ação, com incursões pelo psych e pelos sons dos 70s, incluindo um inteligente uso do Hammond.

Formados por diversos músicos com créditos firmados no underground nacional e do país vizinho, **THE OMINOUS CIRCLE** são um projeto de criação recente, mas nos últimos tempos têm dado que falar além-fronteiras. Editada em parceria intercontinental, e aparentemente surgida do «nada», a estreia [Appalling Ascension ★★★★★ Osmose/20 Buck Spin] revela desde logo uma imagem



bem forte, o que não deixa de ser curioso tendo em conta que estamos perante um grupo que prefere que a música fale mais alto que os currículos dos envolvidos. Nesse aspeto, o misterioso quinteto não compromete, com uma abordagem muito sólida ao death metal mais cavernoso e enraizado na tradição da velha escola, mas que não também descarta apontamentos mais contemporâneos. Embrulhados numa aura negra como breu, pintada por um círculo que sabe como manobrar o ritualismo com o lado bruto que se pretende deste tipo de música opressiva e sufocante, canções como «Poison Fumes» ou «A Gray Outcast» tresandam à podridão do fundo de um poço.





UNDERWORLD

## 20 anos é pouco tempo

A música da sequência de *Trainspotting* mistura clássicos rock, êxitos dançáveis e prata da casa. E mistura bem.

VÁRIOS ARTISTAS T2 TRAINSPOTTING OST Universal ★★★★★



**DUAS** décadas depois de *Trainspotting*, o filme, se tornou firmado como clássico de uma geração, as salas de cinema acolhem o regresso dos heróis mais icônicos dos anos 90. *T2*, a sequência da saga de Mark Renton e seus cúmplices, estreia poucos dias depois do fecho desta edição, pelo que, à data em que escrevemos estas linhas, não sabemos muito sobre a forma como o tempo tratou os anti-heróis de Edimburgo. A banda-sonora, contudo, já nos chegou às mãos e, tal como sucedia no filme original, é tudo menos um produto menor. Em 1996, a música de *Trainspotting* tornou-se parte integral da «experiência», reabilitando velhos clássicos («Lust For Life», de Iggy Pop, ou «Perfect Day», de Lou Reed) e dando uma montra digna àquilo que de mais excitante se fazia então nas ilhas britânicas (Blur, Pulp, Primal Scream).

Em 2017, como se constata no trailer de *T2*, as drogas são outras, pelo que é legítimo que a música do filme reflita essas alterações. Contudo, e como em equipa que

ganha não se mexe, as traves mestras desta terceira banda-sonora de *Trainspotting* (a primeira teve uma sequência, logo em 1997) são as mesmas: a abrir, «Lust For Life», agora numa remistura, industrial e trepidante, dos Prodigy, e a fechar «Slow Slippy», versão desconstruída do maior clássico de sempre dos ótimos Underworld, «Born Slippy». Pelo meio, as coordenadas são claras mas nem por isso a mistura resulta menos aliciante. Aos nomes clássicos do rock, e aqui incluímos «Radio Ga Ga», dos Queen, «Dreaming», dos Blondie, ou «(White Man) in Hammersmith Palais», dos Clash, juntam-se os êxitos para *clubber* («Relax», de Frankie Goes To Hollywood, e «It's Like That», dos Run-DMC). A aposta na prata da casa, ou seja, nos artistas britânicos, é evidente, indo dos Wolf Alice, cujo «Silk» musica o *trailer*, aos Young Fathers, que têm direito a três canções, uma das quais inédita («Only God Knows») – é uma banda cujo som, tão atlético como agressivo, assenta bem ao que tem sido o espírito *Trainspotting*. Resta ver se o filme envelheceu tão bem como a música que torna a acompanhá-lo. **Liã Pereira**



### CLIPPING.

SPLENDOUR & MISERY

Sub Pop/Popstock

★★★★★

#### O espaço é o lugar

OUVIR os clipping, neste mundo pós-trap remetemos para os dias agitados das propostas mais experimentais da Def Jux e de outras editoras similares. O hip-hop ainda é o terreno em que este trio de Los Angeles mais move, mas em termos

conceptuais por vezes estes rapazes parecem, muito literalmente, ser de outro planeta. Neste terceiro álbum, a banda habita uma nave espacial que é na verdade um cargueiro de escravos onde se dá uma revolta de onde emerge um único sobrevivente por quem o computador de bordo se apaixonou. Uma espécie de *Robinson Crusoe* cruzado com *Revolta na Bounty* e com o *Rai-zes*, mais o *2001 Odisseia no Espaço*. Ambicioso, mas os clipping, conseguem realizar a visão, cruzando uma eletrônica obtusa com piscadelas de olho ao gospel de Paul Robeson («Long Way Away»), o que não é de espantar já que Daveed Diggs, um dos mem-

bros, integra o elenco do musical da Broadway *Hamilton*. **RMA**



### JAPANDROIDS

NEAR TO THE WILD HEART OF LIFE

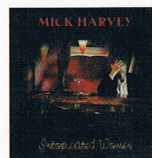
Anti-PIAS

★★★★★

#### Ementa fixa

PARECE uma receita rápida de Jamie Oliver: uma parte rock clássico, outra parte punk. A descrição é do próprio duo canadiano e, ouvido

o terceiro álbum de um percurso iniciado há dez anos, não há como discordar. Os Japandroids desvendam em oito canções os seus principais pontos cardeais, sem disfarçar de onde veem: o rock *heartland* dos Replacements, o americanismo elétrico dos Rush, o punho firme de Springsteen, os riffs à The Who. A grandiosidade datada de uns U2 via Simple Minds na viragem para os 90 («Arc of Bar») e gordurosos hinos para estádio («True Love and A Free Life Of Free Will») são a «atualização de estado» que emana de um disco que também ajuda a responder à pergunta «para onde vão os Japandroids?». A lado nenhum. **is**



### MICK HARVEY

INTOXICATED WOMEN

Mute/PIAS

★★★★★

#### Mais Gainsbourg

AO QUARTO álbum de recriações do património de Serge Gainsbourg, o australiano Mick Harvey já poderá ser nomeado embaixador do bardo francês no mundo anglofóno. Para isso bastava, de resto, o primeiro tomo, *Intoxi-*

*cated Man*, lançado em 1995 e com o *crème de la crème* da obra de Gainsbourg. *Intoxicated Women* tem, pelo título e pela capa, ligação direta com esse primeiro momento, deslocando o centro para as mulheres da vida do genial e truculento francês (e aquelas que lhe deram voz). Se a dimensão da obra de Gainsbourg deixa que tenham chegado ao quarto volume de versões canções superlativas como «La Chanson de Prévert» ou «Poupée de Cire, Poupée de Son», o luxo dos arranjos de Harvey e colaboradores permite que o fantasma dos Nouvelle Vague (também aqui há um elenco de cantoras) permaneça adormecido. **is**

## DISCOS



### RACHAEL YAMAGATA

TIGHTROPE WALKER

Frankenfish/Papstack

★★★★

#### A sedução da tristeza

RACHAEL Yamagata tem um sabor sombrio na voz. Ora se esfuma na neblina, ora canta com a confiança de quem nada tem a perder, entrelaçando-a com os instrumentos a um ritmo deliciosamente malicioso. Em blues infundidos de rock e folk, *Tightrope Walker* tem canções construídas com sabedoria. Tem o som da chuva e o cheiro da floresta molhada, crepita com texturas percussivas, verte veneno com guitarras a deita-se com a lânguida melancolia do piano. Entrega um coração a palpitar de desejo, de mágoa e de carnificina. É uma melancolia que alicia, tão sedutora quanto destrutiva. Abraça a aspereza da vida e pulsa com uma paixão que se dobra em perseverança, por muitos espinhos que o mundo tenha. **APS**



### FOXYGEN

HANG

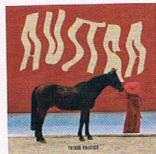
Jagjagwar/Papstack

★★★★

#### Atentos ao teatro

NASCIDOS em Weslake Village (em Los Angeles), os Foxygen são uma dupla de velhos amigos com uma obra em disco que tem sido atravessada por uma característica comum: o

gosto de ser imprevisível na hora de apontar os azimutes das ideias a um corpo de memórias. Sim, porque gostam de expressar admiração por coisas de outros tempos e pelos seus discos já passaram ecos da assimilação de referências como Lou Reed, Scott Walker, Serge Gainsbourg ou os Zombies. Depois do algo desafiante *...And Star Power*, onde mostram que não são banda para explorar receitas de sucesso fácil, eis que voltam a baralhar tudo e todos em *Hang*, um novo disco no qual apresentam um corpo de canções que colhem inspiração ora entre o legado da Broadway (que raramente parece estar no horizonte das atenções para nomes do universo indie rock) ora junto de caminhos do funk e periferias. E não é que fazem aqui o seu melhor disco? **MS**



### AUSTRA

FUTURE POLITICS

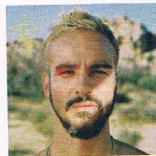
Domina

★★★★

#### Presente utópico

A MÚSICA dos canadenses Austra, liderados pela carismática Katie Stelmanis, sempre teve um cheirinho a futuro. Foi assim no bellissimo disco de estreia, *Feel it Break*, no qual estavam incluídos os maravilhosos «Lose It» e «Beat and the Pulse», e continuou assim no registo que editaram há quatro anos, *Olympia*. O coletivo de Toronto regressa agora com um registo mais claustrofóbico, mais cru e, pensamos nós, menos interessante em termos estéticos. As ideias musicais exploradas em canções como «Utopia», «Future Politics» ou «I Love You More than You Love Yourself» não são

propriamente novas nem soam particularmente frescas, mas veros como «a grave has been dug / I'm looking for something to rise up above» ou «the physical world is the only world / if you kill the ground you walk on nobody will take you anyway» (da apocalíptica «Gala») parecem encaixar como uma luva no corrente panorama político global. É pertinente, sim, continua a funcionar, claro, mas esperávamos algo mais excitante. **MRV**



### GABRIEL GARZÓN-MONTANO

JARDÍN

Stones Throw/Papstack

★★★★

#### Terra fértil

APADRINHADO por Drake e levado em digressão por Lenny Kravitz, o nova-iorquino, filho de pai colombiano e mãe francesa, Gabriel Garzón-Montano estreia-se em grande nos álbuns com *Jardín*, disco no qual explora os vários caminhos que a sua música pode seguir sem nunca se definir verdadeiramente. Podia ser sinal de desnotre, sem dúvida, mas sentimos que é antes uma forma excitante de mostrar que há ainda muito terreno por cultivar e, também, que não gosta de autoimpor limites para a sua criatividade. *Jardín* aprofunda ideias deixadas no ar pelo bellissimo EP de 2014 *Bishouné: Alma del Huila*, e com uma sensibilidade de génio, Garzón-Montano irrompe por território soul com canções grandiosamente minimalistas («Trial», «Cantiga», «Lullaby»), momentos de euforia funk («The Game», «Crawl») e criações r&b inventivas («Sour Mango»). **MRV**

## Jazz & Grooves

por Rui Miguel Abreu [loopridge@gmail.com](mailto:loopridge@gmail.com)

**SE POR ALGUMA** razão apocalíptica desaparecesse toda a música do mundo exceto aquela que, ao longo das últimas duas décadas, foi ficando resguardada no catálogo da londrina Soul Jazz Records, por muito que houvesse a lamentar – e haveria tanto – a verdade é que ainda assim ficaríamos todos com um importante acervo: música que se estende das Américas à África, da Europa à Ásia, do jazz ao rock, das toadas mais acústicas à eletrónica, do passado remoto ao presente.

Os três lançamentos mais recentes da editora comandada por Stuart Baker espelham bem a diversidade e estendem-se do rocksteady da Jamaica dos anos 60, à soul e ao funk de Nova Orleães, dos anos 50 aos anos 70, passando por uma pop eletrónica pulsante de França no arranque da década de 80.



### NEW ORLEANS FUNK

[★★★★] Soul Jazz

Records] é já o quarto volume de uma das mais bem-sucedidas séries desta editora. A Crescent City será provavelmente a cidade melhor documentada no catálogo da editora do Soho, além de Kingston e Nova Iorque. Facto mais do que justificado: entre as tradições jazz das *marching bands*, a rica mistura do Mardi Gras, *cajun* e *zydeco* e as ativas cenas soul e funk, esta cidade construiu uma personalidade única. Neste volume ouvem-se esforços pioneiros de Dave Bartholomew e James Wayne, datados ainda dos anos 50, e o alinhamento estende-se por mais duas décadas com música extremamente rica de Norma Jean, Johnny Adams, Clifton Chenier and his Red Hot Louisiana Band, Betty Harris ou o enorme Eddie Bo. E isto, claro, com os génios de Allen Toussaint e dos Meters presentes em muitas das sessões, a garantirem o elevado grau de sofisticação do groove que marca praticamente todo o material aqui exposto. Sofisticação é uma palavra que pode igualmente servir para



### STUDIO ONE ROCKSTEADY

VOLUME 2 [★★★★] Soul Jazz

Records].

Como a mítica arca de Fernando Pessoa, também os incríveis arquivos de Clement «Coxson» Dodd parecem não ter fim, alimentando com música superior muitas das edições congeminações por Stuart Baker. Neste caso há música de gente como Alton Ellis, Owen Gray, Delroy Wilson, qualquer um deles dotado de uma voz capaz de abrir as portas do céu. E a inspiração das harmonias soul dos grupos vocais americanos guia coletivos históricos como os Heptones, os Paragons ou os Termites, os Gaylads ou os Bassies. Material de primeiríssima ordem anotado pelo especialista Steve Barrow.

Finalmente, nesta viagem pelas entradas mais recentes do catálogo da tal editora que ajudaria o apocalipse a ser menos aborrecido, há que considerar mais uma adição à já generosamente dilatada série Punk 45: [Black & Noir



### KAS PRODUCT

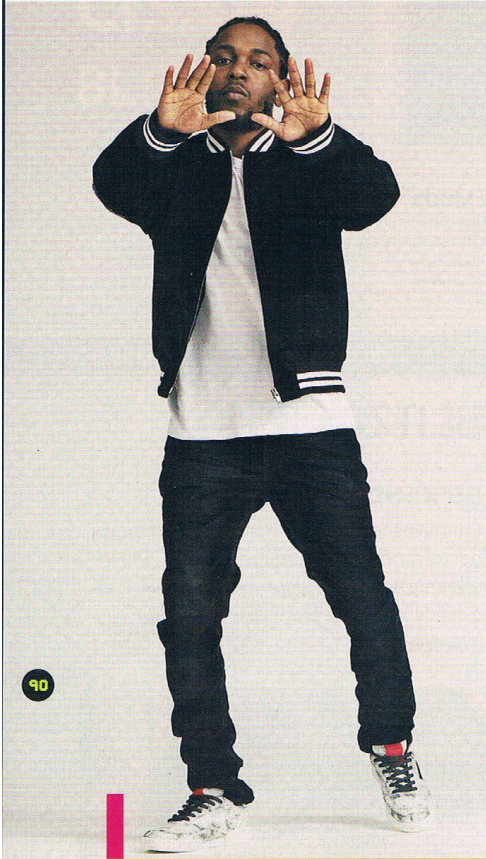
[★★★★] Soul Jazz

Records]. A voz de Mona Soyoc e os teclados e caixas de ritmos primitivas de Spatz criaram uma aliança perfeita nos primeiros anos da década de 80: coldwave, no wave, punk e eletrónica DIY eram as coordenadas de um som que alhava para os distopias em voga na época como inspiração. Mona vinha do jazz e tinha alguma versatilidade na voz enquanto Spatz aplicava alguma da loucura que certamente presenciava no hospital psiquiátrico em que trabalhava à sua música: o híbrido soa, ainda hoje, perfeitamente contagiante. *Black & Noir* é uma reedição de uma obscura compilação francesa de 1990. Tudo certo, portanto.

MARÇO 2017 | BLITZ

95

guia >>> DISCOS



90

## Sozinho no topo

Ao quarto álbum, Kendrick Lamar descobre a solidão que se sente quando se atinge o topo, se olha em redor e não se vislumbra mais ninguém.

**KENDRICK LAMAR** DAMN. Top Dawg/Universal ★★★★★



**DAMN.** — assim mesmo, em maiúsculas e com um ponto final a reforçar o poder da palavra. E o mesmo para cada uma das canções: «ELEMENT.», «HUMBLE.», «LUST.»... No novo álbum, Kendrick Lamar lida com unidades estruturantes da sua própria humanidade, assuntos tão fortes que só as maiúsculas e a finitude representada por um sinal de pontuação específico (poderia ser um ponto de exclamação porque há muitos gritos ou o sinal de reticências porque o que não faltam também são reflexões abertas) servem os seus propósitos.

Em *To Pimp a Butterfly*, tomou como suas as dores do mundo e no processo criou uma obra de ressonância geracional, aplaudida pelo presidente cessante, pelos seus pares, por quem lutava pela mudança nas ruas. Agora, embora continue sem enjeitar a luta pela transformação de mentalidades como se percebe pela resposta ao agitador televisivo Geraldo Rivera, que sugeriu que o hip-hop era pior para a juventude americana do que o racismo — ouça-se «YAH.», autêntico soco nos queixos: «somebody tell Geraldo this nigga got ambition / I'm not a politician, I'm not 'bout a religion / I'm a Israelite,

*don't call be Black no mo' / That word is only a color, it ain't facts no mo'»* — a verdade é que Kendrick admite ter outra luta para travar, igualmente importante e decisiva: por si mesmo — «*ain't nobody prayin' for me*», garante em «FEEL.».

Há outra diferença significativa em DAMN.: no álbum anterior, K. Dot envolveu as palavras numa mistura experimental de funk, soul e jazz, música que serviu de veículo a algumas das mais revolucionárias ideias cantadas durante o Movimento dos Direitos Civis, nas décadas de 60 e 70; agora, os beats revelam menos interação coletiva no estúdio e mais a gestão de regra e esquadro que os produtores conseguem nos seus laptops. Os beats ecoam o presente, o que significa que além de lutar por si, Kendrick fala também para dentro do hip-hop: «*Last LP*», explica em «ELEMENT.», «*I tried to lift the black artists / but it's a difference between black artists and wack artists*». E talvez por isso, com a exceção das contribuições do ainda desconhecido Zacari, Rihanna e Bono dos U2, Kendrick se apresenta praticamente sozinho por aqui. É solitário no topo, sobretudo porque olhando em redor não se vê mais ninguém. **Rui Miguel Abreu**



### FRANÇOIS & THE ATLAS MOUNTAINS

SOLIDE MIRAGE

Domino

★★★★

Miragem à vista

OS FRANÇOIS & the Atlas Mountains são uma espécie de batedeira com várias velocidades. Numa mesma canção, conseguem enfiar sensibilidades indie, pop e africanas —

sem que as coordenadas GPS sofram muito com isso. E têm vindo a seguir essa «regra» há coisa de dez anos, com grandes variações de humor. *Solide Mirage*, o quarto disco, é o trabalho mais ambicioso da banda, no que diz respeito à produção e no que toca ao piscar de olho a novos públicos. Ao longo de dez canções, constroem uma espécie de miragem luminosa e exótica onde apetece passar um bom bocado, estender a toalha, tirar os pés dos chinelos para os enfiar na areia. E não pensar demasiado. Talvez até pedir um cocktail enquanto as melodias cintilam por aí («100 000 000» é uma beleza). E para

isso, este disco cumpre na perfeição. **AG**



### MUMFORD & SONS

LIVE FROM SOUTH AFRICA: DUST AND THUNDER

Eagle Rock/Universal

★★★★

Para colecionar

DEPOIS de três álbuns editados e uma digressão que pisou, pela primeira vez, palcos na

África do Sul, o folk rock cheio de instrumentos dos Mumford & Sons descobriu novos registos e influências. Muito aguardada, a passagem dos britânicos por este território excedeu os ensaios e concertos com a participação de artistas locais e abriu caminho para esta edição especial. Mais do que um cruzamento de identidades, *Live From South Africa: Dust and Thunder* apresenta a colaboração da banda com Baaba Maal (senegalês), The Very Best (de origem inglesa e malawi) e Beatenberg (Cidade do Cabo) em três formatos: gravação vídeo de um concerto, um álbum ao vivo e, como ingrediente extra, o documentário de basti-

dores *We Wrote This Yesterday*, que regista toda a produção de *Johannesburg*, EP de originais gravado em apenas 2 dias. **MO**



### MANUEL FÚRIA & OS NAUFRAGOS

VIVA FÚRIA

Sony Music

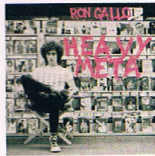
★★★★

À portuguesa

A ACENTUAR um estilo romântico e dançável,

*Viva Fúria* é uma viagem até ao universo da pop dos anos 80, o que se presente logo na estética da capa. Com uma nova roupagem, trazida pelo cunho indie das guitarras e dos sintetizadores, Manuel Fúria faz o que poderia parecer velho soar a novo, mas não abandona as fórmulas pop e as letras melosas. Cantados a duas vozes, os temas mais rockeiros, como «Cala-te e Dança», «Cavalos Brancos» e «Aquele Grande Rio», cruzam-se com a balada «A Porta e o Cordeiro» ou uma «Canção Infinita», «tema-resumo» das influências de um álbum que atravessa gerações e que se cumpre em português. **MO**

## DISCOS



### RON GALLO

HEAVY META

New West



#### Tempestade elétrica

QUEM ouça de forma mais ou menos desprevenida este *Heavy Meta* e se deixe surpreender pela aspereza que imana, tem dificuldade em suspeitar que Ron Gallo viveu outra encarnação como vocalista dos Toy Soldiers, uma banda que fundia country e roots rock e nada tem a ver com o urbano garage rock que aqui nos oferece. E, no entanto, a transformação da persona valeu bem a pena. Além de um punhado de canções muito consistentes, Gallo pôs no disco uma autenticidade e energia que são bem aclaradas por uma produção com uma concisa noção do essencial que dá palco à sua voz esburacada (John Fogerty dos Creedence Clearwater Revival ou Francis Black dos Pixies são antecedentes creíveis), ainda que a mergulhe numa tempestade elétrica que pode bem ter sido roubada aos Cramps. Tudo junto resulta num dos discos com mais adrenalina deste início de 2017. **CM**



### GOLDFRAPP

SILVER EYE

Mute/PIAS



#### Revisão da matéria

AS reinvenções sonoras que Alison Goldfrapp e Will Gregory sempre abraçaram só nos apaixonaram verdadeiramente

ter desprevenidos quando a dupla passou do orquestral *Felt Mountain* (2000) para a synthpop pura e dura de *Black Cherry* (2003). Desde então, o duo britânico tem vindo a saltitar entre as suas facetas acústica e eletrónica em discos mais ou menos inspirados (*Head First*, de 2010, rouba o título de mais esqueável). Agora, quatro anos depois do bellissimo *Tales of Us*, os Goldfrapp voltam a girar a agulha para as pistas de dança... Mas muito daquilo que ouvimos em *Silver Eye* já tínhamos ouvido antes: «Anymore» e «Systemagic» soam a reaproveitamento de sobras de *Supernature* (2005); «Faux Suede Drifter» parece uma versão, sob o efeito de soporíferos, de «Black Cherry». Há momentos mais iluminados, claro, e «Tigerman», «Zodiac Black» e «Ocean» apontam novos e excitantes caminhos. **MRV**



### MASTODON

EMPEROR OF SAND

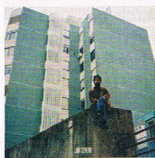
Reprise/Warner



#### Equilíbrio perfeito

NAS QUASE duas décadas de carreira, os quatro talentosos músicos de Atlanta foram limando as arestas e, sem sacrifício das tendências mais progressivas, gravaram seis discos muito aplaudidos, mas que – sobretudo a partir de *Crack the Sky*, de 2009 – vêm tornando cada vez mais óbvia uma vontade de criar canções mais acessíveis, mais focadas nas melodias vocais do que nos riffs de guitarra ou nos malabarismos de Brann Daylor atrás do kit de bateria. Nesse sentido, *Emperor of Sand*, o sétimo álbum, soa como uma espécie de compromisso, sendo o primeiro registo em que parecem

ter conseguido encontrar um equilíbrio perfeito entre o universo de onde vêm e aquele para onde se dirigem. Da abertura pesadona com «Sultan's Curse» à habitual participação de Scott Kelly dos Neurosis na derradeira «Jaguar God», passando pelas melódicas pegajosas de «Show Yourself» e «Precious Stones» ou a piscadela de olho aos Genesis em «Clandestinity», os Mastodon criaram uma épica viagem por montes e vales, num disco conceptual carregado de grandes riffs, solos, refrões e canções que, em termos líricos, exorcizam as perdas que alguns dos músicos sofreram ao longo dos últimos três anos. **JMR**



### LUÍS SEVERO

LUÍS SEVERO

Coco Mongol/Sony Music



#### O novo clássico

É SE a melhor canção portuguesa dos últimos muitos anos for «Sovenir», dos Flamingos? A hipótese é mais do que plausível e oferece uma peça de evidência central para a defesa de Luís Severo como um dos mais importantes músicos da atualidade. Severo, mais do que compositor de um «one hit wonder», é um músico com voz, no sentido lato, autoral. As suas composições são magníficos exercícios de dualidade: ligeiras e sérias, tristes e alegres, luminosas e escuras. Este novo álbum, homónimo, está recheado disso. É uma peça de filigrana pop e um sério candidato a disco do ano. É bom do princípio ao fim. Poderá ser ultrapassado pelo primeiro álbum dos Flamingos, que, esse sim, tarda demasiado. Estão à espera de quê? **MC**

## Psych & Folk

por Luis Peixoto [luis.peixoto@sapo.pt](mailto:luis.peixoto@sapo.pt)

**BRUCE LANGHORNE**, «Mr. Tambourine Man» como Bob Dylan o imortalizou, possui um curriculum extraordinário. Artesão da música, tocou em discos emblemáticos da aristocracia americana (Dylan, Carolyn Hester, Richard e Mimi Farina, Joan Baez, Fred Neil, Pat Kilroy, Ritchie Havens, Odette). Para além disso, inventou ainda uma das mais fantásticas bandas sonoras do cinema independente: *The Hired Hand*, filme de 1971 realizado e protagonizado por Peter Fonda, na sequência do sucesso de *Easy Rider*. Pouco antes de morrer, Langhorne foi apoiado e homenageado por fãs e admiradores. Para o alinhamento da compilação **[The Hired Hands: A Tribute to Bruce Langhorne]** existia apenas uma condição: todos as contribuições (versões ou não)



teriam de ser inspiradas na banda sonora de *The Hired Hand*. O resultado é uma espécie de opus. 32 temas, construídos e desconstruídos em redor das composições do músico norte-americano por artífices como Lee Ranaldo, Steve Gunn, Loren Connors, Nathan Bowles, Tom Carter, Chris Corsano, Elliott Sharp, Boxhead Ensemble, John Fahey e Daniel Bachman, entre outros. O conjunto é naturalmente majestoso e celebra a incrível influência que Langhorne exerceu nas várias gerações de músicos americanos.

Em 1975, o pub rock precipitava-se na queda, muito por culpa dos Dr. Feelgood que, tendo dado origem a dezenas de clones, contribuíram para baixar a qualidade. Os **BRINSLEY SCHWARZ** que, uns anos antes, com o produtor Dave Edmunds haviam criado um muito interessante roots rock «made in England», evoluíram para o pub rock e tentaram dar o salto para o mercado americano.

O momento, todavia, já tinha passado; a coisa correu mal e não funcionou, nem em casa nem na América. Gravado no final de 1974 [*It's All Over Now* **Mega Dodo Records**] foi parar às prateleiras da editora. Percebe-se o porquê, agora que foi resgatado pelo guitarrista Ian Gomm. O álbum revela-se um trabalho equívoco, hesitante entre o pub rock, o power pop e até o reggae. Integra a primeira versão de «Cruel to Be Kind», que Nick Lowe recuperaria em 1979, com grande sucesso, no registo a solo *Labour of Lust*, e um «Everybody» que, se tratado pelos Flamin' Groovies, teria sido galáctico. O restante material interessará sobretudo aos historiadores.

A fazer fé na biografia, terá sido um capricho o motivo que levou **DORRIS HENDERSON**, uma cantora de folk e blues norte-americana, a trocar Los Angeles e Nova Iorque por Londres a meio dos anos 60. Ao chegar, encontrou a cena folk em plena ebulição. Davy Graham, recém-chegado da Índia, começara a introduzir as linhas melódicas do raga indiano na tradição inglesa. Em Londres, Henderson cruzou-se com o guitarrista e compositor John Renbourn e os dois álbuns que gravaram juntos são hoje clássicos. O segundo [*Watch the Stars* **Stamford Audio**], agora reeditado, data de 1967 e registou



para memória futura a simbiose perfeita entre dois talentos aparentemente inconciliáveis. Renbourn era já um soberbo técnico e Dorris estava tão à vontade no blues como na folk. Danny Thompson acrescentou o baixo acústico; a tradição, Anne Briggs; Dylan e Gordon Lightfoot as canções. Para a posteridade ficou um bellissimo álbum.



## Homem sombra

Campeão de vendas e *streaming*, o britânico parece absorver um pouco de todos os géneros musicais em voga, assim construindo o seu não-estilo

**ED SHEERAN** *DIVIDE* Warner ★★☆☆



**AOS 26** anos, Ed Sheeran é um dos grandes campeões de vendas de álbuns (*Divide*, o novo longa-duração, de que nos

ocupamos nestas linhas, é o terceiro disco a ter vendido mais cópias na semana de lançamento, superado apenas por 25, de Adele, e *Be Here Now*, dos Oasis). Também no *streaming*, que cada vez mais faz as vezes da rádio para escuta selecionada de canções, o inglês quebra recordes. Qual será, então, o segredo do seu êxito?

Escutadas as 16 canções da edição especial de *Divide*, é seguro apostar que muitos dos seus fãs se reveem na persona – ora galhofeira, ora romântica – do cantor e compositor. Há uma porção considerável de baladas no seu terceiro álbum, como «Hearts Don't Break Around Here» ou «Perfect», que podia ser cantada pelo amigo James Blunt. Mas, fora da pop acústica onde pressentimos que se sente como peixe na água, do que se faz a receita tão certa do homem de Halifax?

De uma perspetiva leiga, parecemos que o maior trunfo de Ed Sheeran é aquilo que faz da sua música uma matéria surpreendentemente

anónima. Em *Divide*, aquele que é porventura o artista pop-rock mais bem-sucedido do momento parece absorver um pouco de tudo o que, atualmente, tem algum tipo de impacto: «Eraser», a primeira canção, inclui um registo semi-rapado; «Dive» mistura uma soul aguada com solo de rock escorregadio; «Galway Girl», gravada com a banda irlandesa Beoga, cheira a Guinness, aroma que, de resto, contamina «Happier», que se lhe segue, e «Barcelona» pisca o olho ao público «hispanico», da mesma forma que «Bibia Be Ye Ye» mimitiza uma certa música africana. De um dos maiores êxitos do álbum, «Castle On the Hill», ocorre-nos dizer que é o tipo de canção que Taylor Swift poderia transformar numa música com sentimento e significado. E «Shape of You» é, aos primeiros segundos, dificilmente distinguível de um dos êxitos mais tropicais da australiana Sia.

Em resumo, *Divide* multiplica os hinos para rádios conservadoras por mensagens motivacionais («What Do I Know?»), com resultados tão indistintos que seduzem multidões. Ou quando mais (do mesmo) é mais ou menos. **Liã Pereira**



### FATHER JOHN MISTY

**PURE COMEDY**

Bella Union/PIAS

★★★★★

**O sentido da vida**

**TEM UMA** voz tão crua e transparente como mavisosa. Canta tão bem que é difícil pedir-lhe outro arrojo, especialmente quando se percebe, a léguas, que o mote de *Pure Comedy* é reflexivo,

assente numa economia de piano, voz e arranjos sóbrios (ainda que, sobretudo no tema-título, imponentes). Aqui e ali, especialmente na segunda metade de um álbum longo para os cânones atuais, que exige efetivamente disponibilidade, talvez sintamos a falta de um momento «I'm Writing a Novel», o country-rock ruborizado de *Fear Fun*, aqui praticamente abandonado. Investido do seu melhor molde Elton John de *Honky Château*, Father John Misty não canta a trivialidade ou a vinheta, canta o sentido da vida acima da trivialidade e à revelia da vinheta. Atinge os píncaros em «Total Entertainment Forever» e «Ballad of the Dying

Man», petiscos mais do que suficientes para que lhe entreguemos, outra vez, o ouro. **LS**



### THE SHINS

**HEARTWORMS**

Columbia/Sony Music

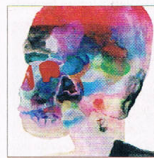
★★★★★

**Acertar o passo**

**O PROBLEMA** dos Shins foi o de terem conquistado a canonização ao primeiro álbum. Nos dois que se seguiram, foram igualmente invencíveis

na tarefa de reinventar a roda pop, mas o termo de comparação – injusto – foi sempre o sacrossanto *Oh, Inverted World*, de 2001. Até que *Port of Morrow*, em 2012, normalizou os Shins e atirou o grupo para o saco dos casos aparentemente perdidos – os épicos adiposos não lhe assentavam bem. Dá-se, agora, a redenção: em *Heartworms* encontramos uns Shins detalhados, mas também capazes de simplificar e tocar fundo. É um disco para vários apetites, sem temperatura uniforme, com portas que abrem salas diferentes mas que regressam ao mesmo pátio. Para juntar ao cânone: «Dead Alive» (a cadência de 2001), «Name For You»

(o verão de 2017 se o indie rock ainda valesse alguma coisa), «Mildenhall» (fogueirinha dos invernos de sempre). **LS**



### SPOON

**HOT THOUGHTS**

Matador/Papstock

★★★★★

**Falha dança**

**SURPREENDE** a longevidade dos Spoon, banda que na primeira metade da década passada fixou um modelo de canção

emocionante e, ainda assim, enxuta – uma espécie de nervura programada, hermetismo com coração. Sobre esse padrão, tenta-se agora dar outras voltas ao cozinhado, em busca de um lado mais funk, mais seco, mais dependente do ritmo, em que a pincelada tem tanta importância como o fio melódico. *Hot Thoughts* padece dos mesmos pecados do seu antecessor, *They Want My Soul* (2014), falhando em contrabalançar esse lado novo e arriscado (a esquecível «Pink Up») com o que é estrutural e identitário (as apetitosas «Can I Sit Next To You», «Do I Have To Talk You Into It»). A transição ainda está a tempo de ser evitada. **LS**

## DISCOS



### THE GIFT

ALTAR  
La Folie/Sony Music  
★★★★

#### Dom e dádiva

BRIAN ENO conseguiu ver o Gift como nunca ninguém (nem os próprios) os vira. Descortinou o potencial de uma banda demasiado dada a excessos, engolida pela sua própria ambição. Limpou barroquismos, limou arestas, apurou ideias, trouxe à tona as canções e o prazer físico dos teclados. Mesmo que por vezes tropecem nos maus hábitos do passado, libertaram-se de divagações cacofônicas e banalizações épicas. Enlaçadas em alegria e melancolia, são canções onde o sol nasce, absorvas no mundo mágico dos sintetizadores. É a perfeita simbiose entre banda e produtor. Brian Eno – que também tocou, cantou e compôs – descobriu o melhor dos Gift e conduziu-os ao melhor disco da sua carreira. APS



### FUTURE ISLANDS

THE FAR FIELD  
4AD/Popstock  
★★★★

#### Filão anos 80

OS FILÕES new wave e «anos 80» estão longe de ser ementa colocada de lado por bandas de gerações seguintes, apesar de serem cada vez mais raras aquelas que acrescentam novos pontos de vista realmente interessantes sobre as mesmas matérias-primas. Há três anos, os norte-americanos Future Islands apresentavam em *Singles* um interessante olhar sobre esse baú de ingredientes. E, merecidamente, cativaram atenções. *The Far Field* é um episódio de evolução em regime de continuidade num mesmo campo, propondo um novo (mas de-

masiadamente longo) conjunto de canções que cruzam sabores de A-ha e A Flock of Seagulls com as marcas de personalidade da banda (que muito devem às evidentes capacidades performativas de Samuel T. Herring). Há aqui belos singles, tanto entre os já editados como junto de outros que o são em potência. Mas, escutado de um fôlego só, e de tão encorpada que é a produção, o disco por vezes sabe a barrigada. NG



### XINOBI

ON THE QUIET  
Discotexas/Universal  
★★★★

#### Sinais de crescimento

TRÊS ANOS depois de uma estreia em álbum em 1975, reencontramos Xinobi num patamar mais detalhadamente autobiográfico num disco que, sem seguir uma narrativa convencional, tem o condão de nos sugerir como o jovem Bruno Cardoso, formado entre gostos punk, acabou por descobrir novos caminhos na música eletrônica. Precisamente os que nos trazem a *On The Quiet*, álbum no qual ora explora a canção (e que bela é «Far Away Place») ora segue espaços de maior liberdade formal, caminhando entre a house, trilhos pop ou vizinhos suaves do techno, usando tanto o canto como a fala, construindo memórias que definem não só uma vida mas também uma ética (que, mesmo hoje longe de sonoridades punk, não esquece os seus princípios). O disco valoriza ainda a ideia do objeto, já que a leitura dos textos no *inlay* não só replica a experiência de velhas fanzines como ajuda a completar a narrativa que os sons sugerem. NG

## Metais Pesados

par José Miguel Rodrigues jmr@lauramagazine.net

**QUE A PRODUÇÃO** nacional no que à música extrema diz respeito não fica a dever absolutamente nada ao que nos vai chegando lá de fora já se sabia mas, dúvidas restassem, aqui estão mais quatro exemplos da ótima saúde de que o underground lusitano goza atualmente. Alvo de colecionismo exacerbado por parte dos feticistas do vinil e rasgados elogios de músicos influentes como



Dwid Hellion (dos norte-americanos Integrity), a misteriosa entidade **BLACK CILICE** continua a desenvolver a sua personalidade minimalista em *[Banished From Time]* (Iron Bonehead). No quarto longa-duração deste projeto-de-um-só-homem, o multi-instrumentista continua a expurgar o seu ódio obscurantista em 5 temas que misturam, de forma inteligente, agressividade e melancolia. Tudo envolto num manto misterioso, amplificado por uma produção abrasiva de tão lo-fi que é, tornando ainda mais intenso o caráter imersivo deste tipo de coisa. Já com duas décadas de carreira, há muito que os **CORPUS CHRISTII** perceberam que a sua visão muito pessoal do black metal não tem necessariamente de soar como uma maquete gravada nos 90 para que a mensagem passe com clareza. *[Delusion]* (Folter) é o culminar do processo



de maturação que o incontornável N.H. tem vindo a protagonizar e afirma-se como o álbum mais completo que o projeto lisboeta gravou ao longo da sua carreira – tendo em conta que sucede aos muitíssimo bem recebidos *Luciferian Frequencies* e *PaleMoon*, não é dizer pouco. Sem momentos supérfluos e sem dar pontos sem nó, este oitavo longa-duração daquele que é o nome luso com mais exposição internacional no que ao black metal diz respeito, cresce ao longo de 45 minutos de riffs cortantes, batidas frenéticas e uma prestação vocal com tanto de dinâmica como de convincente. No final, temas como «The Curse Within Time», «Become The Wolf» ou «Carrier of Black Holes» encapsulam tudo o que de melhor a banda tem no fundo de catálogo, mas com atitude ainda mais focada. Com *Everlasting Struggle*, de 2008, os **EPHING FOREST** estabeleceram-se como uma das mais interessantes propostas surgidas em solo luso em muito tempo... Depois, desapareceram e mantiveram-se em silêncio durante quase uma década. Entretanto, o talentoso Menthor transformou-se num baterista muito requisitado lá fora, a



banda dos arredores do Porto caiu no esquecimento e ensaia agora o proverbial regresso às lídes com o segundo álbum. *[lebaBVoid]* (*Unexploded*) mantém intocadas as bases do grupo, servindo tudo o que se esperaria do eternamente adiado sucessor da estreia. Fundindo death, black metal e texturas étnicas num todo musculado e envolto numa capa obscura, o grupo detona dez peças de metal extremo com arranjos elaborados (de vezes femininas e teclados ao saxofone), que lhes conferem tanto de contundente como de épico. Veteranos do boom underground vivido no viragem dos 80s para os 90, os **GROG** são hoje expoentes máximos do que a «cena» tem para oferecer em termos de death metal. Sem serem prolíferos em termos de edições, *[Ablutionary Rituals]* (Murder Records) é apenas o quarto álbum que lançam num



percurso a caminho das três décadas, os lisboetas sempre se pautaram pela qualidade e esta coleção de 14 descargas vem cimentar o amadurecimento espelhado em *Odes to the Carnivorous* e *Scooping the Cranial Insides*. Agora com o death/grind mais rudimentar de *Macabre Requiems* uma saudosa memória do um passado, o quarteto está transformado numa monstruosidade de técnica – irrepreensível e com diversos tentáculos –, que tanto lhes permite debitar batidas à velocidade da luz como envolver o ouvinte em turbilhões de dissonância. O resultado tem tanto de brutal como desconcertante, precisamente o que se pretende deste tipo de música.



## Manifesto de angústia


À beira de se tornarem «quarentões», os Depeche Mode gravam um disco carregado de raiva adolescente. O mundo que se cuida.

**DEPECHE MODE** SPIRIT Mute/Sony Music ★★★★★



**MAIS UNS** aninhos, quatro para ser mais preciso, e os Depeche Mode celebrarão os 40 anos da sua estreia nos álbuns: *Speak & Spell*, primeiro choro, que incluía a imortal «Just Can't Get Enough», saiu para as lojas nesse longínquo ano de 1981. Todo este tempo (e mais de uma dezena de álbuns) depois, o trio britânico volta a mostrar-se cheio de garra, brindando agora a legião de admiradores com uma coleção de canções bem recheada de ideias. *Spirit* consegue apagar os amargos de boca dos últimos *Delta Machine* (2013) e, especialmente, *Sounds of the Universe* (2009), registos que além de acusarem algum desgaste se sujeitavam a fórmulas previamente testadas e retestadas. E não só estes Depeche Mode, os de 2017, tornam a ser tão excitantes quanto aqueles que, há 12 anos, resgataram a nossa atenção com o maravilhoso *Playing the Angel*, como assumem a responsabilidade por um dos álbuns mais politicamente assertivos do ano.

Se o single de avanço, «Where's the Revolution», no qual ouvíamos a voz

sem idade de Dave Gahan a interrogar-nos: «*who's making your decisions/you or your religion, your government, your countries*», não foi aviso suficiente, na brilhante canção de abertura, «Going Backwards», a mesma voz de ouro acusa-nos, a todos nós, humanos, de repetirmos erros do passado e termos perdido a alma («*[we can] watch men die in real time/but we have nothing inside*») e, em «Poorman», canta sobre a mesquinhez das empresas, que empurra o homem comum para a pobreza. Não nos alongaremos a explicar a pertinência destas canções num momento em que parecemos encaminhar-nos rapidamente para uma nova guerra mundial, mas é interessante ver que a banda que um dia nos deu «Everything Counts» continua bem atenta ao que se passa no mundo. Quem dispensa a faceta mais interventiva do trio, poderá sempre entreter-se com as histórias de amores mais ou menos trágicos (tão «depechemodianas») de «You Move» e «Poison Heart», ou com aquele bombom que chega sempre na voz hipnotizante de Martin L. Gore: «Eternal» é a canção gótica de embalar que ainda fazia falta na nossa vida.  Mário Rui Vieira



### SLOW J

THE ART OF SLOWING DOWN  
Kambos

★★★★★

Entre o fado e o semba

SLOW J diz-se entre mundos: a África e a Europa das suas raízes genéticas, o fado e o semba das suas memórias musicais, o hip-hop e algo mais. O álbum de estreia deste prodígio é, acima de tudo, uma portentosa promessa,

uma declaração de vontade de crescer e explorar. Sim, o hip-hop é o ponto de partida e nesse campo Slow J mostra ser um artista completo, dotado de rimas, capaz de traduzir o pulso do momento em beats carregados de imaginação, de percorrer o ADN do passado em samples e loops carregados de boom e bap e também de ecoar a urgência trap em cadências novas. No entanto, como se percebe quando Slow entrega palavras a partir de um palco, tudo o que diz aqui ressoa nos ouvidos coletivos de uma geração. E isso vai para lá do hip-hop. Como em tempos Manel Cruz foi para lá do rock. Descobrir que lugar é esse será a missão de Slow J para os próximos anos. **RMA**



### JAY SOM

EVERYBODY WORKS  
Polyvinyl

★★★★★

Farrapos de sonho

AOS 22 anos, Melina Duterte, californiana de ascendência filipina, começa a dar que falar. Depois de, em 2015, chamar a atenção com um conjunto de nove canções que divulgou no Bandcamp, e que acabaram por se transformar no primeiro disco (*Turn Into*, do ano seguinte),

a cantora e compositora editou em março aquele que vem sendo apresentado como o primeiro álbum digno desse nome. Ainda há, porém, muita (saúdável) indecisão por aqui: se as primeiras canções nos levam para o terreno almofadado da *dream pop*, com voz tímida e mansos teclados, noutros temas («1 Billion Dogs»), por exemplo, Melina, aka Jay Som liga-se à corrente, aposta na distorção e transporta-nos para um certo indie rock com travo a anos 90 (Dinosaur Jr, Breeders). Há ainda amostras daquela nostalgia «oitentista» à moda de Sky Ferreira e, no geral, um cartão-de-visita bem apetecível, que poderá agradar, também, a fãs de Mac DeMarco. **LP**



### THE JESUS AND MARY CHAIN

DAMAGE AND JOY  
ADA/Warner

★★★★★

Duas décadas depois

LOGO a abrir, os Jesus and Mary Chain, talvez num modesto momento revelador, concedem: «sou uma amputação rock and roll». Quase 20 anos após a edição de *Munki*, o trabalho que

se acreditava ter representado um ponto final na carreira dos manos Reid, estão de volta ao ativo com um álbum que parte de pontas dispersas (temas que foram surgindo em trabalhos a solo de Jim Reid, por exemplo) para reclamar o presente. Pode entender-se isso como dois irmãos a resolverem o que ficou por dizer, ou que têm dificuldade em encontrar que mais dizer. E a verdade é que a angústia juvenil envolvida em feedback que fez a glória de *Psychodandy* já não faz grande sentido. E algures na cabeça dos irmãos terá que subsistir uma importante questão: «como vamos explicar os penteados e os olhos escuros aos nossos netos?». **RMA**

## DISCOS



### BOB DYLAN

TRIPPLICATE  
Columbia/Sony Music



#### Velha dignidade

HÁ ALGO de nobre no enleio com o passado em que Bob Dylan tem estado envolvido neste último par de anos: *Shadows in the Night*, primeiro, *Fallen Angels*, depois, e agora este maciço *Triplicate* – três CDs com 10 canções cada, que Dylan parece gostar da simetria e da perfeição do número 10 – mostramos o velho bardo a lidar com o peso dos anos, atirando-se ao grande cancionero americano, sobretudo aquele que se associa a Frank Sinatra. Quando Dylan começou, a sua música e a de Ol' Blue Eyes não poderiam estar mais afastadas nem se uma galáxia se colocasse de permissão. Mas Dylan, voz carregada de imperfeições e tudo, parece religar-se a uma modesta humanidade ao atirar-se a temas que mereceram interpretações por crooners maiores do que a vida. Sobre arranjos simples, esta voz que parece desvanecer-se até ao silêncio, soa paradoxalmente mais viva do que nunca. **RMA**



### MIGUEL ARAUJO

GIESTA

Warner



#### Álbum de recordações

«OITENTA e sete e o troco vai em chichas de mentolo», ouvimos Miguel Araújo

cantar em «1987», primeiro single do seu novo álbum a solo, primeiro depois de abandonados os Azeitonas. O mote ficado para uma coleção de canções que trazem bem definida a noção de tempo e espaço – em *Giesta*, nome da zona onde cresceu, o cantor e compositor reflete sobre a sua juventude, passada no Grande Porto. Na entrevista BLITZ, Araújo garante não ser saudosista, uma vez que não deseja regressar ao passado, mas o tom com que pinta estas histórias – envolvendo familiares, locais e acontecimentos marcantes – tem sempre uma nostalgia em tons pastel. Instrumentalmente, é um disco maioritariamente acústico, alternando entre o registo que já cunhou como seu («Meio Conto», «Sangemil») e uma certa aragem vinda do Brasil («O Quarto de Glória») e da música popular portuguesa («O Meu Amor é Como a Rola»). Tudo com o humor que assiste a uma letra que recorda a infame batalha de Alvalade (Mike Patton vs Axl, em 1992, gloriosa em «Axl Rose»). **LP**



### MÃO MORTA + REMIX ENSEMBLE

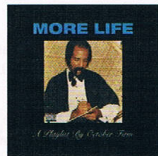
AO VIVO NO THEATRO CIRCO  
Theatra Circo/Sony Music



#### Proeza orquestral

O ENCONTRO entre bandas rock e orquestras sinfónicas raramente consegue ser feliz, traduzindo-se normalmente em balofoas confirmações da chegada a um estatuto «clássico» ou simplesmente na tentativa de sublinhar a «seriedade» que afinal se escondia por debaixo das camadas de electricidade originais. Como vestir fraque sem tirar os tênis All Star. Mas se alguém

conseguiria a proeza de fazer a tensão rock e a dimensão orquestral coexistir com perfeita sintonia, esse alguém teria que responder ao nome Mão Morta. Com o exploratório Remix Ensemble a executar arranjos de Telmo Marques, a cinematográfica música dos Mão Morta surge em texturas amplificadas, sem nunca perder a cortante identidade que a separa de tudo o que por cá se conhece. E nas filigranas de sons proporcionados pelo ensemble de 15 elementos enredam-se novos sentidos para as palavras de um repertório que ainda cresce. **RMA**



### DRAKE

MORE LIFE  
Cash Money/Universal



#### Pontaria afinada

NÃO É um álbum, não é uma mixtape, não é um playlist. E o conceito faz sentido: com Sampha, Young Thug, Jorja Smith, Skepta, Kanye West, PARTYNEXTDOOR, Quavo e Travis Scott a bordo, muitas das vezes quase tomando totalmente conta das faixas, Drake pode fazer jus à capa de *VIEW* e sentar-se no topo da sua torre de marfim enquanto gente que admira assume as despesas criativas do «set» novo trabalho. E, de facto, é possível ver nesta missão curatorial uma marca de autor. Um dos grandes talentos de Drake está na sua capacidade de fazer escolhas (talvez por isso tenha considerado a hipótese de uma carreira como treinador de basquete): escolhas de beats certas (recrutar o produtor de house sul africano Black Coffee é na mouche), escolhas de vozes certas, escolhas de novas cadências certas... Tem, não há dúvidas, a pontaria afinada. **RMA**

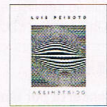
## Mundo 21

por António Pires [pres.ant@gmail.com](mailto:pres.ant@gmail.com)

**O QUE FAZ** com que uma tradição permaneça viva? A sua constante evolução, entendida como um passo em frente, pequeno ou grande, num caminho trilhado, há muito, pelos iniciadores dessa mesma tradição mas que agora, em pleno século XXI, deixou de fazer sentido – embora os seus princípios fundadores (forma, conteúdo, regras internas e subtis variações) sejam sempre prenhes de sentido. Não há aqui espaço para desenvolver mais a ideia, tão fácil de perceber e que é comum à maioria das centenas de pequenas «críticas» que aqui têm sido deixadas. E, mais uma vez, a todos os nomes – e todos portugueses – de que se fala a seguir:



A começar pelos **TOQUES DO CARAMULO**, que editaram agora o seu terceiro álbum, [*Mexe!* ★★★★★ *d'Orfeu/d'Euridice*], e mais uma vez revelam o quão rico é o folclore popular de uma zona geograficamente limitada: as povoações da Serra do Caramulo e as suas cercanias. E, ainda mais e mais uma vez (bis), como este grupo de Águeda, sempre liderado por Luís Fernandes, sabe pegar nelas e transformá-las em pedaços de música atual, viva, riquíssima em nuances que não existiam nas recolhidas originais, sem nunca complexificar o que era simples. Produzido pelo venerável músico espanhol Elisio Parra e Manuel Maio (d'A Presença das Formigas), o álbum inclui ainda várias curiosidades preciosas, como o «Padre Nosso dos Músicos» dito pelo Sr. David Fernandes (pai de Luís) na sua versão original e o posterior delicioso tratamento do mesmo pelo igualmente venerável génio brasileiro Hermeto Pascoal, usando a sua técnica do «som da aura». E se no parágrafo anterior se falou de um disco totalmente gravado com instrumentos «normais» (leia-se acústicos, orgânicos, o que se quiser), neste fala-se de um outro. [*Assimétrico* ★★★★★ *Lugre Records/GroovePunch*] em que o multi-instrumentista **LUÍS PEIXOTO** junta sábias e nunca ofuscantes, predominantes ou irritantes eletrónicas a originais



seus, inspirados em vários géneros tradicionais portugueses e da Península Ibérica e protagonizados por ele em bandolim, bouzouki, cavaquinho, braguesa ou guitarra portuguesa. A fórmula não é original e já foi experimentada por muita gente, de Júlio Pereira aos Fondango (só para citar dois exemplos espaçados no tempo), mas aqui surge sempre fresca e pulsante de vida. Dá para dançar ou para apenas bater o pé a compasso, para nos divertirmos à brava e para apreciar ainda as homenagens ao pandeiro mirandês/galego e ao adufe-irmão da Beira Baixa ou o trabalho de alguns convidados ilustres como Quiné Teles (percussões tradicionais), Miguel Quitério (flautas e gaita-de-foles) e Fabíola Augusta (voz em «Repara Bem que Afinado», com letra de Sebastião Antunes, dos Quadrilha, grupo por onde já passou Peixoto).

Finalmente, os **HÁ LOBOS SEM SER NA SERRA** são mais um grupo que pega na tradição do cante alentejano e da campanha e a transporta para a atualidade, sempre com um amor profundo às raízes mas sem medo de pegar nelas e de as pôr em infusão, numa chaleira qualquer, juntamente com os blues, a country, o bluegrass, a música magrebina, as canções caipiras do nordeste brasileiro... E tudo isto faz aqui absoluto sentido. O álbum chama-se [*Cantares do Sul e da Utopia* ★★★★★ *Alan Vachier Music*] e, tal como o nome indica, inclui canções de intervenção e protesto do mais profundo do Alentejo mas muitas vezes esquecidas pelos coros de cantadores nas suas gravações e espetáculos e que são aqui recuperadas por uma nova geração. É assinado por um magnífico coletivo que junta gente já antes bem conhecida da renovação do cante e tudo à volta: Buba Espinho (A Moda Mãe, Adiafa), David Pereira (Moços Duma Cana) e António Bexiga (Lxu Kalhus, Bicho do Mato, Bonecos & Campança, No Mazurka Band, O Rijo). Bem-hajam, todos.



95



guia >>> DISCOS



90

## Pastoral americana

O regresso aos álbuns, seis anos depois, encontra as «raposas» tão líricas e sonhadoras como sempre.

**FLEET FOXES** CRACK-UP Nonesuch/Warner



**SEIS ANOS** separam o novo álbum dos Fleet Foxes, *Crack-Up*, do seu antecessor, *Helplessness Blues*. Desde então,

Robin Pecknold, vocalista e «patrão» da banda de Seattle, voltou à universidade, deixando em banho-maria a carreira de um dos grupos mais singulares da última década. Seis anos é, no que toca à memória coletiva, muito tempo: desde 2011, ano em que os Fleet Foxes lançaram o seu último disco, os LCD Soundsystem acabaram e voltaram; Josh Tillman, que ainda vimos atrás da bateria das «raposas» em Algés, metamorfoseou-se em Father John Misty e lançou três aclamados álbuns a solo; a pirataria deixou de ser alvo de debate e deu lugar ao *streaming*. Seis anos depois, então, que espaço poderão ocupar os Fleet Foxes?

A julgar pelas 11 longas, líricas canções de *Crack-Up*, o mesmo lugar de sempre. Quando primeiramente surgiram, em 2008, com canções tão imaculadas como «White Winter Hymnal», não sentimos que fossem substituto para quem quer que fosse, e essa singularidade, reforçada ao segundo álbum, mantém-se no terceiro tomo.

O sussurrado arranque de *Crack-Up*, com Robin Pecknold num timbre roufenho, próximo de Howe Gelb ou Bill Callahan, é uma introdução ilusória – o que se segue são composições demoradas, sim, quase sempre épicas e com atenção máxima ao detalhe e, em simultâneo, à imagem mais panorâmica.

Na capa, um mar relativamente revoltado transporta-nos para a ideia da força dos elementos naturais, que de forma pouco literal acaba por estar sempre presente nestas canções de baterias cavalgantes, guitarras e pianos que se interligam como que comandados pela mão de Deus, coros angelicais.

Tão devedor da tradição americana como da britânica, a ideia que os Fleet Foxes fazem da folk é vitaminada mas sonhadora, acessível mas desafiante – nos antípodas, portanto, do pop-rock enfeitado por banjos que polui as rádios. A seu favor têm também a forma como exploram o conceito de álbum: «Cassius» e «Fool's Errand» podem funcionar bem em separado, mas o terceiro álbum de Pecknold e amigos deve ser consumido como um todo – como, de resto, parece ter sido pensado. Lia Pereira

## Metais Pesados

por José Miguel Rodrigues [jmr@loudmagazine.net](mailto:jmr@loudmagazine.net)

**OLHANDO PARA** o currículo dos músicos dos **FIRESPAWN**, a pergunta impõe-se – «porquê?».

Victor Brandt e L.G. Petrov não têm falta de trabalho com os Entombed A.D., Matte Modin anda a tocar ao vivo com os Usurpress e a dupla Fredrik Folklore e Alex Impater está a preparar álbuns com Unleashed e Necrophobic. A razão por que acharam que seria boa ideia preparar o sucessor de *Shadow Realms* é, no entanto, mais ou menos óbvia. Estes veteranos do cenário sueco têm o death metal a correr-lhes nas veias e não têm como não deitá-lo cá para fora. Libertos das amarras inerentes ao facto de pertencerem a bandas como carreiras estabelecidas, **[The Reprobate]** Century Media] soa a súplica do que melhor se fez no género durante as últimas décadas, não descartando a piscadela de olho a pares como Morbid Angel ou Vader: No final, são 45 minutos do melhor que o estilo



tem para oferecer, aparentemente criados por amor, sem grandes pretensões além do divertimento de quem ouve e toca. Nem um ano passou desde *Ode To The Flame*, o segundo longa-duração dos **MANTAR**, e aqui está



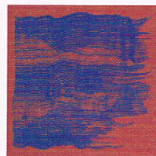
**[The Spell]** Nuclear Blast] com a assinatura de qualidade a que o duo já nos habituou. Desta vez são 13 minutos «à campeão», divididos por três temas «novos». Com «aspas» porque dois são, efetivamente, novos – captados nas sessões de gravação que deram origem ao álbum do ano passado. O terceiro, apesar de inédito, não é novidade. As estruturas instrumentais, captadas num só *take*, remontam às gravações da estreia *Death By Burning*, tendo sido recuperadas com a ajuda de Okai Jones, dos Bölzer. Sabendo que não são banda de mutações, este EP mergulha de cabeça no híbrido monstruoso de metal, punk e rock, carregado de balanço pesado, que os tornou conhecidos.

Os suecos **WOLFBRIGADE** afinam pelo mesmo diapasão da evolução controlada. Ajoelhados no altar dos Discharge e Motörhead, ajudaram, ainda como Wolfpack, a estabelecer as regras do que



viria a ser o neo-crust e não mais alharam para trás, debitando disco após disco de d-beat metalizado carregado de melodias orelhudas. A mudança forçada de nome não quebrou com a tradição e, ao longo da última década, trataram de aproximar da perfeição a sua mistura de batidas rápidas, riffs simples e ganchos pegajosos. Em **[Run With The Hunted]** Southern Lord] atingem o ponto de rebuçado. Com um mínimo de variação garantida – as harmonias folk no início e «Kalloccain» são um bom exemplo disso –, a banda de Estocolmo mostra saber como agarrar o ouvinte pelo colarinho com «Nomad Pack» para só o largar 27 minutos depois, com «Dead Cold».

## DISCOS



### LUCA ARGEL

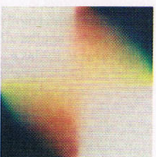
**BANDEIRA**

Scapa/Edição de autor

★★★★

#### Carioca invicto

LUCA ARGEL nasceu no Brasil mas mudou-se para o Porto em 2012. Conseguiu trazer a sua voz, pura e cristalina. É aquela forma inconfundível de fazer canções inventada em território brasileiro – mesmo que não a tenha usado desde logo a solo (apenas no grupo Samba Sem Fronteiras). O seu primeiro disco, *Tipos que Tendem para o Silêncio*, dedicava-se a territórios mais experimentais e exploratórios. Agora, em *Bandeira*, o seu novo disco, o brasileiro centra todas as atenções no formato canção. E com refinado sucesso. Em canções como «Estar o Ó, Ep. 1» ou «Tragédia», feitas de arranjos minimalistas mas certeiros, Luca Argel reclama para si e para a sua subtil simplicidade um pedaço da vossa atenção. Não lhe façam a desfeita: o vosso tempo será bem investido. **AG**



### BING & RUTH

**NO HOME OF THE MIND**

4AD/Popstack

★★★★

#### Passado e presente

A **ESTRELA** do projeto Bing & Ruth, de David More, é mais um sinal claro do crescimento da área que, à falta de melhor termo, é por vezes descrita como «mo-

dern classical». Moore, como músicos de outras áreas, decide criar a partir da singular perspectiva do presente em que não é só possível visitar facilmente todas as eras passadas da música, como recorrer às mais avançadas ferramentas para o fazer. É a sua música que reflete isso: um complexo ponto de confluência entre ecos do passado – sobretudo do século XX, até aos minimalistas dos anos 60 e 70 – e os do presente; o que fazemos músicos como Max Richter ou até Ryuichi Sakamoto não anda distante do radar de Bing & Ruth. Mas Moore acrescenta à equação um lirismo profundo, com os contornos eletrónicos a servirem a sua música, não a procurarem alterá-la. Presente e passado, de facto. E talvez uma mescla de futuro, também. **AMA**



### SANDY KILPATRICK & THE ORIGINS BAND

**CONFESSIONS FROM THE SOUTH**

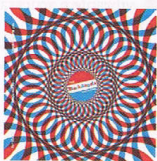
Ed. Autor/Fundação GDA

★★★★

#### Pelos caminhos de Portugal

NUM registo menos pessoal que os anteriores, Sandy Kilpatrick mostra, neste trabalho, que a folk também pode ser versátil e pisar novos terrenos. Sem perder o lado emotivo e confessional, que é já parte da sua identidade, *Confessions from the South* é a viagem sentida por várias regiões de Portugal (ilhas incluídas) de um escocês a viver no nosso país há mais de 15 anos. Em formato de homenagem, o músico residente em Vila Nova de Famalicão combina bea-

tbax, trompete e coros de «The Delphic Oracle» com a sonoridade quase religiosa de «Battles» ou a bateria, a guitarra e o piano ritmados de «Stand United With Your Brothers». De uma multiplicidade de emoções, Sandy Kilpatrick consegue deixar sobressair a sua voz e a relação íntima e apaixonada que mantém com um Portugal visto de fora. **MO**



### BLACK ANGELS

**DEATH SONG**

Partisan Records/PIAS

★★★★

#### Pináculo

O **TÍTULO** do novo álbum dos texanos Black Angels, de Alex Maas, não é um simples reforçar da sua ligação espiritual aos Velvet Underground, fechando a referência ao tema do primeiro álbum dos novaiorquinos, «The Black Angel's Death Song», f. que a morte do sistema capitalista, a morte imposta pela guerra, a morte que sobrevoa – como um anjo negro – as sociedades modernas dita muito do tom de um álbum solene, fundo e sólido como este. Os Black Angels já eram psicadélicos antes da atual corrente, e prosseguem na mesma veia, aplicando os seus *delays* analógicos de fita, os seus *reverbs* e pedais de *fuzz* a tudo em que os dedos tocam, criando um véu de deslocação elétrica hipnotizante. Mas *Death Song* mostra igualmente um maior refinamento na arte da escrita de canções, com forma e conteúdo e entrega a harmonizarem-se como talvez nunca antes na sua discografia, com a luz dos Byrds e a penumbra dos Velvets por referências e o trabalho do produtor Phil Ek a garantir a coesão final. **AMA**

## Psych & Folk

por Luis Peixoto [luis.peixoto@sapo.pt](mailto:luis.peixoto@sapo.pt)

**EM 2016** pouca gente terá prestado atenção ao excelente álbum dos The Eighteenth Day of May, uma banda transnacional que percorria os caminhos do folk-rock britânicos. Mais de uma década volvida, expurgado das componentes norte-americana e nórdica, o coletivo reteve os elementos ingleses e passou a denominar-se **TRIMDON GRANGE EXPLOSION** (referência ao acidente ocorrido



em 1882 numa mina de Durham, que vitimou 69 trabalhadores). Agora liderada pelo guitarrista Ben Phillipson, a banda acaba de publicar [Trimdon Grange Explosion ★★★★★ Barley Rectory]. A inspiração permanece, as raízes estão ainda mais presentes e a pastoral tradição inglesa, mesclada com a melancolia, paira sobre as melodias. Alison Cotton, para além da viola, ganha maior protagonismo nas vocalizações e o projeto só lucrou com isso. A versão do tradicional «Poor Wayfaring Stranger», por exemplo, arrasta consigo uma elegância pouco comum, através da qual facilmente chegará à eternidade. Os restantes tradicionais, «The Bonnie Banks of Fordie» e «Glass and Sand», ostentam uma tensão quase marcial conferida pelo intrigante diálogo que o violino e a viola travam com a secção rítmica. De uma beleza extrema, só os dois justificam a audição do álbum. No género, tão cedo vai ser difícil encontrar melhor: De Rhayader, uma pequena comunidade com cerca de 2000 habitantes situada no condado de Powys, País de Gales, chega



[The Gathering ★★★★★ Cambrian Records] o álbum de estreia do guitarrista **TOBY HAY**. Completamente instrumental, o disco escuta-se como se contemplaria uma paisagem rural galesa. Estrategicamente localizado entre a tradição musical britânica e a escola do *finger picking* americana, Hay transporta para as melodias que escreve séculos de um património musical, sendo que é virtualmente impossível dissociar estes sons do meio musical e social de onde são originários. Um exemplo disso mesmo poderá ser o tema de abertura, «Mayfair at Rhayader 1927». Num momento de grande turbulência, quando todas as dúvidas pairam sobre o quotidiano britânico, não deixa de ser significativa a tranquilidade que emerge de «The Gathering». As melodias correm à beira de riachos, sobre prados verdejantes, num cenário idílico que os ocasionais violinos, celos e violas apenas acentuam. Como mantos sonoros cobrindo lugares, acontecimentos, memórias, «Sketches of a Roman Fort», «Starlings» e o tema título ilustram este cenário na perfeição. Caberá a quem escutar *The Gathering* decidir se o sentimento prevaiente será a reação, a nostalgia, ou ambos. Existem algumas bandas, poucas, que não se explicam. São! Os **BARDO POND** nunca necessitaram de estar permanentemente na montra para manter o estatuto. São uma espécie de «anomalia», mesmo no *underground* onde se movimentam. Gravam apenas quando têm algo de novo para dizer e é raro desiludirem. Deles espera-se sempre um *éxtase* cósmico, resultado da fusão de elementos oriundos do jazz, *avant-garde*,



rock e freenoise. [Under the Pines ★★★★★ Fire Records] é a mais recente expressão onírica daquele processo. Como é hábito no quinteto da Pensilvânia, não existem limites, e o álbum é mais uma intensa experiência psicadélica. A tempestade sonora que varre «Crossover» dinamita as expectativas mais otimistas; «Out of Reach» altera o rumo e assume-se como uma «big sky song» com a voz de Isobel Sollenberger a desafiar a perfeição. Diversa, «Moment to Moment» toma a forma de uma «electric porch song» desenhada por uma guitarra acústica e colonida pela flauta de Isobel. Lisérgico, o tema título, é o que mais se aproxima da matriz Bardo Pond, enquanto «Effigy» se rende ao bucolismo. A escutar no silêncio, por paradoxal que possa parecer.

91



## Uma outra mulher

Ao quinto álbum, a canadiana muda de pele e aposta forte na guitarra em canções que parecem saídas de território alheio.

**FEIST** PLEASURE Polydor/Universal



**13 ANOS** depois do vibrante *Let it Die* e uma década exata após *The Reminder*, da Feist luminosa, vibrante e açucarada

que ouvimos em canções como «Mushaboom», «My Moon My Man» ou «1234» pouco resta. O novo *Pleasure* aprofunda, assim, os ambientes sorumbáticos do antecessor *Metals* (2011) mas banha-os numa distorção que torna tudo menos acessível. O maior problema, quanto a nós, reside no facto de, ao ouvirmos temas como «I Wish I Didn't Miss You», «Get Not High, Get Not Low» ou «The Wind» não conseguirmos desligar-nos das semelhanças com o universo musical de PJ Harvey (como se a Polly Jean de início dos anos 90 subitamente acordasse em 2017 e sentisse menos raiva do mundo e mais pena dela própria). A presença de Harvey sente-se em malabarismos vocais mas também, com demasiada força para ser ignorado, nas guitarras de «Pleasure», o tema-título que abre o disco, e nos arranques violentos de «Century» (com a colaboração de Jarvis Cocker). A referência é uma boa referência, sem

dúvida... Mas para quê ouvir a imitação quando podemos escutar o original?

O que nos custa mais aqui é perceber que, quando, a muito custo, conseguimos desligar-nos do que acabámos de explicar, descobrimos em *Pleasure* canções bem escritas e até bem resolvidas... Mas a magia que poderiam ter já chega desbotada e do prazer que apregoa o título pouco sobra. Numa entrevista ao site Pitchfork, a artista canadiana assume que estes novos temas não foram escritos num bom momento da sua vida, «no dia em que a palavra "prazer" me veio à cabeça, chegou como uma ideia contraditória, porque eu estava a ter muito pouco prazer (...) sentia-me bastante perdida». Esse negrume contagia tudo aqui («Lost Dreams» é tão desencantada que se torna difícil de ouvir; os blues de «I Am Not Running Away» causam arrepios) e confirma a ideia de «exploração dos limites emocionais» verbalizada na apresentação do registo. Este não é um álbum para fãs de Feist e também não é, decididamente, um álbum para fãs de PJ Harvey. E, talvez, nem sequer devesse ter saído da prateleira. **Mário**

Rui Vieira



### CIGARETTES AFTER SEX

CIGARETTES AFTER SEX  
Partisan/PIAS

Melancólicos assumidos

ENTRE mil e uma comparações – dos Cocteau Twins e Mazzy Star aos Slowdive ou Beach House –, os norte-americanos Cigarettes After Sex furaram até chegar a este primeiro álbum. E por muito

que as referências sejam óbvias, a pop sonhadora da banda de Greg Gonzalez vem banhada numa frescura e acessibilidade únicas. Conquistaram-nos com a versão inesperada do êxito dos 80s «Keep on Loving You» e agora, equilibrados entre a voz andrógina do vocalista e os ambientes melancólicos minimalistas, arrebatam-nos com canções ora densas («Each Time You Fall in Love» serviria como uma luva a Lana Del Rey), ora prontas para serem cantaroladas verão adentro («K.»), «Sunsetz» e «Apocalypse» são pura ousaria pop). Ao mesmo tempo, abrem-se a novos territórios em «Flash», «Opera House» e «Young & Dumb» que,

sem acelerar o passo, deixam entrar uma luz diferente num disco pintado em tons de negro-nostalgia. **MW**



### THE AFGHAN WHIGS

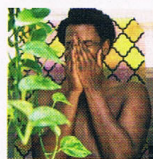
IN SPADES  
Sub Pop/Popstack

Magia negra

NO concorrido campeonato das bandas que ressuscitaram não só para tocar ao vivo,

como para lançar discos novos, os Afghan Whigs são líderes desatcados. *In Spades* é já o segundo capítulo da sua nova vida, depois do também inspirado *Do To The Beast*, de 2014, e adensa o mistério: qual o truque de Greg Dulli para fazer quase sempre o mesmo disco, sem enfadar o fã? Tão amante de rock como de soul e R&B, o cinquentão do Ohio continua a escrever as canções mais retintas e estranhamente sensuais, e ainda que a sua escola, da ótica do utilizador, tenham sido os anos 90, canções como «Arabian Heights», «Copernicus», «Demon in Profile» ou a derradeira «Into the Floor» – que se desenvolve a partir de um mote que

em tudo faz lembrar «Boys of Summer», de Don Henley – estão a anos-luz do cinzentão do grunge. Aqui, tudo o que é escuro brilha. **U**



### SHAMIR

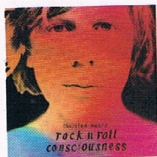
HOPE  
Ed. Autor

Pesadela de fim de semana

EM 2015, Shamir Bailey assinou um dos discos mais vibrantes, enér-

gicos e assertivos que ouvimos nos últimos anos. E fez-nos dançar com prazer. Dois anos depois de *Ratchet*, o norte-americano tratou de girar a agulha para outras latitudes e gravar as dez canções reunidas neste *Hope*, de rajada, num fim de semana durante o qual assume ter ponderado desistir da sua carreira musical. Roufenho, lo-fi, *Hope* não poderia ser melhor/pior antítese de *Ratchet*, com temas como «Easier», «Like a Bird» e «I Fucking Hate You» a roçar o limite do inaudível. Safam-se a sensibilidade acústica de «Bleed It Out», a espontaneidade primitiva de «Hope» e uma versão incorporada de «Rain», dos Blake Babies. **MW**

## DISCOS



### THURSTON MOORE

ROCK N ROLL  
CONSCIOUSNESS

Carolina



#### Devoção comunal

ESTE É um álbum que vive de um redescoberto espírito de vibração comunal: por um lado, o ex-Sonic Youth Thurston Moore tem passado os seus verões num retiro budista onde ensina e lê poesia, por outro, o clique com Steve Shelley (baterista dos SY), Debbie Googe (baixista dos My Bloody Valentine) e o segundo guitarrista James Sedwards reacendeu a vertigem pelo *drone* que se desprende do riff e do «hum» dos amplificadores: aqui canta-se o poder de redenção do rock and roll (a única igreja em que Thurston gosta de orar, confessou-nos...), o divino feminino e o poder do amor. Felizmente, as tendências hippies de Thurston Moore nunca impedem que a atração pela electricidade se desvaneca e isto é provavelmente o mais próximo que voltaremos a estar de um grande álbum dos Sonic Youth. **RMA**



### ALT-J

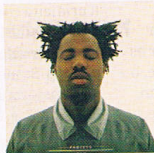
RELAXER  
Infectious/PIAS



#### Bons caminhos

AS GRANDES esperanças que tínhamos depositado nos britânicos Alt-J aquando de

An Awesome Wave, em 2012, foram quase completamente esfaçadas com o *flop* do segundo registo, editado dois anos depois. Agora, a banda que passou de quarteto a trio em 2014 parece querer começar a caminhar lentamente no sentido da recuperação. *Relaxer* não é um estrondo de álbum, tem momentos dispensáveis (nomeadamente os três capítulos finais), mas traz consigo um dos singles mais ouvidos que ouvimos este ano – «In Cold Blood», pois claro – e uma energia renovada, colocando a banda longe dos experimentalismos ociosos de *This is All Yours*. «3WW» abre de forma intrigante, «Hit Me Like That Snare» vira tudo do avesso, mantendo o vigor, mas é o intenso «Deadcrush» que mais nos entusiasma aqui. A releitura (bastante) livre de «House of the Rising Sun», tema folk tradicional que se tornou conhecido na versão dos Animals, chega como apontamento curioso mas não passa muito disso. **MRV**



### SAMPHA

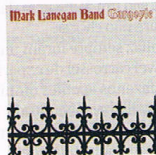
PROCESS  
Young Turks



#### Assombroso

JÁ TODOS conhecíamos Sampha, já todos sabíamos do que seria capaz depois de o ouvirmos a adornar com classe temas de Solange e Drake, de Frank Ocean e Kanye West. *Process* só podia servir para confirmar o que já era óbvio: que o seu talento é enorme e ainda pode crescer. O título do álbum de Sampha refere, certamente, o processo que ainda atravessa de encaixe do peso da perda – do seu pai, primeiro, da sua mãe, mais recentemente. E do

medo de se perder a si mesmo, já que foi igualmente a lidar com graves questões de saúde. A sua música lida por isso mesmo com essa mortalidade incontornável, com a voz a ocupar o centro de produções co-assinadas com Rodaith McDonald e que equilibram piano, derivas pela paisagem sónica hip-hop/R&B e um sofisticadíssimo trabalho sobre a voz que parece ser sempre o princípio e o fim de cada composição. E nestas canções descaídas, de alma exposta, surge nítida a imagem de um artista assombroso: ouçam «Kora Sings» e confirmem. **RMA**



### MARK LANEGAN BAND

GARGOYLE  
Heavenly Recordings/Pias



#### Voz das cavernas

MARK Lanegan continua a encontrar novos caminhos para explorar o idioma do blues. Absorvendo elementos das suas várias colaborações e bandas (QOTSA, Screaming Trees), recolhe detritos do kraut, do pós-punk, da new wave e de uma carnificina eletrónica para desenterrar grandes canções rock («Emperor», «Beehive») e tocantes baladas («Goodbye to Beauty»). A grandiosidade das paisagens sonoras contrasta com a gravilha granítica da voz. Cada vez mais cavernoso e expressivo, Mark Lanegan sangra blues da garganta. Demónios e apetites autodestrutivos assombrom as letras, alimentadas pelo lado negro da humanidade. Mas é na sua solidão, na morte e no macabro que uma inesperada beleza ilumina as trevas. **APS**

## Mundo 21

par António Pires [pires.anti@gmail.com](mailto:pires.anti@gmail.com)

**UM DIA EM QUE**, com distanciamento e justiça, se elaborar a lista definitiva de quais os artistas que mais sementes lançaram na música portuguesa e que mais definiram o que ela viria a ser no futuro, os Madredeus estarão num lugar muito mais cimeiro do que aquele que, num primeiro vislumbre, se poderia imaginar: A sua influência sente-se ainda hoje – ou cada vez mais hoje – em inúmeros grupos, que continuam a sua iluminada forma de misturar fado e

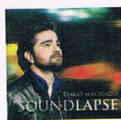


a música dos grandes cantatores nacionais, música tradicional rural (se se preferir, regional) e outras músicas do mundo, música erudita e pop. Os **RUA DA LUA**, cujo álbum de estreia [*Rua da Lua* (Edição de Autor)] foi recentemente editado, integram-se nesta imensa corrente mas destacam-se como um dos melhores. Mercê, logo, de uma magnífica voz fadista mas maleável – a de Tatiana do Carmo –, de um repertório bastante variado e eclético – que passa, exatamente, por todos esses «géneros» já referidos –, da excelência dos executantes e do equilíbrio entre uma maioria óbvia de originais com duas versões de temas emblemáticos (o clássico nacional «Tudo Isto É Fado» e o clássico brasileiro «Mãe Preta», de Caco Velho e Piratini, que com outra letra também é o «Barco Negro»).



Fado, fado mesmo – embora aqui e ali com âncoras lançadas a outros géneros musicais, nomeadamente o cante alentejano – é [*Sala de Estar* (Ed. de Autor)], o novo álbum de **CARLOS LEITÃO** é um dos passos mais corajosos que o fado (nos) deu nos últimos anos.

Com um percurso sólido, discreto e bem fundado nas tradições da chamada canção de Lisboa, Carlos Leitão não se socorre aqui de uma panóplia de tradicionais do fado para fazer um disco fácil, arriscando ser ele a escrever a esmagadora maioria das letras (exceção: uma de Tiago Torres da Silva) e assinando ainda a música de vários temas, com gente do fado – mas também do rock e do jazz – a assumir a autoria de muitos outros: Rui Veloso, Júlio Resende, Custódio Castelo, Jorge Fernando, Guilherme Banza, Daniel Gouveia, Mário Pacheco ou Paulo Paz. Com um naipe de instrumentos que vai também muito além do trio fadista habitual (guitarra portuguesa, baixo e viola, tocada pelo próprio Carlos Leitão), embora este esteja sempre presente, e onde se integram guitarra eléctrica, acordeão, piano, violino ou violoncelo, *Sala de Estar* é, muito mais do que um disco de um fadista, um disco de um cantautor com uma voz (e uma escrita) muito própria e pessoal que encontrou no fado o seu território preferencial. É diferente e é bom. Apesar de ser o compositor de alguns temas de sucesso na área do fado – desde logo o enorme êxito «Ó Gente da Minha Terra», de Mariza, mas também «Melhor de Mim», igualmente de



Mariza, e «O Homem do Saldanha» (Marco Rodrigues em dueto com Carlos do Carmo) – e até do rap – «Alguém me Ouviu», de Boss AC –, no seu primeiro álbum em nome próprio [*Soundlapse* (Sony Music Portugal)], o pianista e compositor **TIAGO MACHADO** não entra em facilidades nem embarca em sucessos imediatos e dá-nos um disco pessoalíssimo, maduro, esteticamente cuidado e variado, maioritariamente instrumental. Há um tema cantado, sim – «Meu Portugal», a que Mariza dá voz – mas tudo o resto é uma viagem pelas suas paixões primordiais: o jazz (em que invoca nomes como Keith Jarrett, Herbie Hancock ou Michel Petrucciani, este explicitamente num dos temas) e a música erudita de tendência ora mais minimal ora mais cinematográfica (ou as duas juntas) de Michael Nyman, Wim Mertens e Philip Glass. Belo, intenso e profundo... e com uma deliciosa e tocante surpresa na (aura) final.

## DISCOS



### RYUICHI SAKAMOTO

ASYNC  
Warner

★★★★★

#### Beleza profunda

É INESCAPÁVEL a ideia de superação que marca Async, o novo álbum do compositor japonês Ryuchi Sakamoto, a quem em 2014 foi diagnosticado cancro na garganta. Aqui, Sakamoto prossegue as aventuras nas margens da vanguarda que têm marcado a sua agenda artística no século XXI. Música produzida em formato solitário, que vive tanto dos sons digitalmente criados, como do seu processamento e da sua ordenação espacial. Nesse sentido, remete bastante para o trabalho para cinema que Sakamoto tem assinado (trabalhou, por exemplo, no score de *The Revenant*: *O Renascido* com Alva Noto) e não será por acaso que o autor descreve Async como a banda sonora para um filme imaginário de Tarkovsky: beleza instrumental profunda a evocar imagens e passagens de vida, tal como se sente quando desmontam as vozes de Paul Bowles ou David Sylvian. **RMA**



### MIRROR PEOPLE

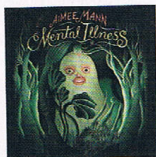
BRING THE LIGHT  
Belong Records

★★★★★

#### Sonhar com o futuro

QUANDO se desliga dos X-Wife, Rui Maia

tem explorado o prazer físico de estilos como o techno e o disco-sound. Mas há muita mais música dentro dele. *Bring The Light* é um disco aparafusado às pistas e iluminado pelos néons de uma cidade que não dorme, mas é mais duro nas emoções e na arquitetura sónica. Numa aliança com Jonny Abbey (que escreveu e interpreta as letras), Rui Maia arranha os sons mais sujos e musculados da eletrónica dançável de 80s, com ecos da new wave, hip-hop e shoegaze. Recua ao passado para sonhar com o futuro, maravilhado com as texturas esdrúxulas dos sintetizadores analógicos. Rui Maia arrisca consideravelmente, reinventa-se e cimentase como um dos mais interessantes produtores nacionais. **MVV**



### AIMEE MANN

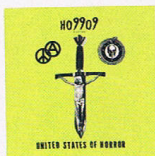
MENTAL ILLNESS  
Superego

★★★★★

#### Para entristecer

CONVENHAMOS, a perturbação psico-emocional não é exatamente dos assuntos mais cool ou românticos que se possam tratar numa canção pop, mas quem conhece o percurso de Aimee Mann – ou apenas a banda sonora de *Mag-nólia*, o filme seminal que Paul Thomas Anderson realizou nos anos 90 – sabe que nem a depressão, nem a neurose são estranhas ao seu universo. Aceite-se, então, que este é um disco para entristecer, mas também que há melhores e piores maneiras de o fazer e *Mental Illness* é, a esse propósito, magistral. Crónicas de desapontamento («Lies of Summer» ou «You Ne-

ver Loved Me»), de melancolia («Stuck in the Past») ou de aberto ressentimento («Poor Judge») inscrevem-se no irrepreensível teatro musical folk de Mann sem que nunca fiquemos com pena dela ou das suas personagens. Este é um disco pungente, é certo, mas de onde a lamechice foi completamente exilada. **CM**



### H09909

UNITED STATES OF HORROR  
Carolina

★★★★★

#### O som da revolução

«I PLEAD allegiance to the burning flag of United States of Horror», começa por dizer a voz de uma criança, antes de começar a porrada com «War Is Hell», o primeiro momento híbrido de um álbum que faz questão de tudo misturar: rap e vocalizações gritadas, beats programados e guitarras absolutamente descontroladas, pulsar hip-hop e ruído industrial, atitude punk confrontacional, política ostensivamente subversiva... Dead Kennedys, Bad Brains, Beatnigs/Disposable Heroes of Hiphoprisy, Body Count e Rage Against The Machine, Anthrax e Fishbone arremessados com vigor para dentro de uma centrifugadora e devolvidos a este mundo como um monstro mutante possuidor de duas cabeças – theOGM e Eaddy! Destiladora de uma incrível energia ao vivo, esta dupla – ajudada pelo baterista de Santigold, Ian Longwell – assume-se como o reverso revolucionário da América do presidente Donald Trump. Com o botão do volume rodado até ao número 11... **RMA**

## Jazz & Grooves

por Rui Miguel Abreu [luapolega@gmail.com](mailto:luapolega@gmail.com)

**TERENCE BLANCHARD** tem trabalhado muito para cinema e são já várias as dezenas de obras para grande ecrã que contam com a sua assinatura na banda sonora. O caso presente com o score para



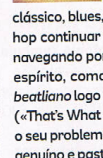
[*The Comedian* ★★★★★ Blue Note] tem algo de particular: Trata-se de música para um filme sobre um comediante veterano, papel desempenhado pelo grande Robert DeNiro, que é um apaixonado por jazz. Portanto, a música que o trompetista e compositor Blanchard cozinhou com a ajuda de um sexteto de luxo que inclui ainda Ravi Coltrane, Kenny Barron, Carl Allen, David Pulphus ou Khari

Allen Lee tem esse pormenor conceptual associado e entende-se assim o rigor classicista a remeter para a era dourada do *hard bop* da Blue Note logo nos primeiros momentos do estabelecimento de um poderoso pulsar rítmico com «Jackie in the Rain». Blanchard, como Ravi Coltrane ou Kenny Barron, é um músico sólido e o facto de aqui poder perseguir uma linguagem que tão bem conhece garante alguns dos seus melhores solos dos últimos anos, sem que se perceba que a narrativa do ecrã secundarize a música que aqui se encontra. [Mornas ao Piano ★★★★★ Trem Azul/Celeste Mariposa Discos] de **TÉTÉ ALHINHO** mantém a toada classicista do trabalho do



trompetista americano abordado anteriormente: soa igualmente a qualquer coisa vinda de outro tempo. A cantora carrega na voz uma alma muito própria, desenhada ainda na infância a ouvir as mornas que Bana cantava «nos 15 minutos finais da emissão da rádio Barlavento», como recorda nas notas de capa. Para recuperar essas memórias, Tété recrutou vários músicos (os pianistas Carlos Matos, Ricardo de Deus ou Victor Zamora, por exemplo) que a acompanham em temas sobretudo da sua lavra, com o doce embalo ilhéu a ser recortado por um rigor jazz e uma classe de pendor universalista que não mascara a identidade funda destas canções de dor e saudade, de nostalgia e absoluta dignidade. Interpretações carregadas de verdade e segurança confirmam a qualidade do álbum.

De Cabo Verde, voltamos a dar um salto por cima do oceano para aterrarmos em Los Angeles e ouvirmos [Good Sinner ★★★★★ Dine Alone Records] do rapper / cantor **PIGEON JOHN**. Não é apenas no nome artístico que Pigeon John difere da maior parte dos seus pares: John já experimentou de tudo, *crooning* clássico, blues, soul retro... Neste álbum, apesar da identidade hip-hop continuar vinculada, continua a demonstrar a sua versatilidade navegando por uma série de registos, de reverendo animado pelo espírito, como na faixa que dá título ao álbum, a psicadelismo *beatliano* logo depois (em «Knock Out»), à pop de recorte solarengo («That's What I Like») à moda de Cee Lo Green. E talvez esse seja o seu problema: no meio de tantos registos não se percebe o que é genuíno e pastiche, embora resulte claro que em cima de um palco



este homem há de ser *entertainer* de mão cheia. Para terminar, um clássico gigante: **JOHN LEE HOOKER** já foi alvo de dezenas de antologias, mas neste [Whiskey & Wimmen John Lee Hooker's Finest ★★★★★ Universal] não há nada de errado: boas notas de capa de Bill Dahl, seleções rigorosas de material que se centra sobretudo no período que vai de meados dos anos 50 a meados da década seguinte, com gravações feitas entre Chicago nos míticos estúdios da Vee-Jay, mas também em Nova Iorque, Miami ou Detroit, facto que evidencia o lado de *journeyman* deste incrível guitarrista e cantor. E depois não há nada que se possa apontar a um alinhamento que incluí «Boom Boom», «Boogie Chillen», «Dimples» ou «Grinder Man». Sim, já ouvimos isto um milhão de vezes. Mas não nos faz mal nenhum ouvir mais um milhão.

### ANEXO 3: Conteúdos *online* (23 de janeiro – 22 de abril 2017)



**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

RESULTADOS

**NOTÍCIAS**

## O que ainda não sabíamos sobre Prince?

Com quase 40 álbuns editados e uma carreira que marcou a cena pop internacional, Prince deixou-nos há um ano. Tinha menos de 20 anos quando lançou o primeiro álbum e trabalhou quase até ao fim da vida. A assinalar o primeiro aniversário da sua morte, conheça algumas curiosidades desconhecidas sobre o artista

24.04.2017 às 16h51

**BLITZ RECORDS**

ESTE MÊS

- 1 Marcha dos que Voam 7:49
- 2 Respira 11:26
- 3 Processo Entre Viagens 6:58

**Anexo 3.1.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-24-O-que-ainda-nao-sabiamos-sobre-Prince->>. [Consult. 01 out. 2017].



**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

## Por que razão não há Donald Trump no novo disco dos Gorillaz

Inspirado na vitória eleitoral de Trump, o novo álbum dos Gorillaz não vai ter, contudo, qualquer menção direta ao atual presidente dos Estados Unidos da América. Damon Albarn explica porquê

21.04.2017 às 16h24

**EM DESTAQUE**

- O Sonho Tréspercorto Território Descon...

**Anexo 3.2.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-21-Por-que-razao-nao-ha-Donald-Trump-no-novo-disco-dos-Gorillaz->>. [Consult. 01 out. 2017].



**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**VÍDEOS**

## Paramore têm música nova. Veja aqui o vídeo de “Hard Times”

Quatro anos depois do último álbum, a banda americana está de regresso com um single que antecipa o novo trabalho

20.04.2017 às 17h49

**NEWSLETTERS BLITZ**

Introduza o seu email

**Anexo 3.3.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-04-20-Paramore-tem-musica-nova.-Veja-aqui-o-video-de-Hard-Times->>. [Consult. 01 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Últimos nomes para o Sumol Summer Fest

DJ SlimCutz entre as confirmações que fecham o cartaz do festival da Ericeira

20.04.2017 às 17h42

**MAIS VISTAS**

Atriz eslovena imita Salvador Sobral em

**Anexo 3.4.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-20-Ultimos-nomes-para-o-Sumol-Summer-Fest>>. [Consult. 01 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### “Exodus”, de Bob Marley, vai ter uma nova edição

Esta reedição assinala os 40 anos do álbum de 1977, do qual fazem parte temas como “One Love” ou “Turn Your Lights Down Low”

20.04.2017 às 17h33

Spotify quer adivinhar a sua playlist da adolescência - será que consegue?

Morreu Daniel Bacelar, o primeiro rocker em Portugal

**Anexo 3.5.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-20-Exodus-de-Bob-Marley-vai-ter-uma-nova-edicao>>. [Consult. 01 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**VÍDEOS**

### Há 25 anos, o mundo do rock cantava Freddie Mercury. E foi inesquecível

A 20 de abril de 1992, o Estádio de Wembley, em Londres, recebia o concerto de tributo a Freddie Mercury. Organizado pelos próprios Queen, contou com as atuações de nomes como David Bowie, George Michael, Metallica e Elton John. Recorde aqui alguns dos momentos memoráveis

20.04.2017 às 11h44

“Amar pelos Dois”, de Salvador Sobral, em genérico de novela brasileira: ouça aqui

Marilyn Manson sofre acidente em palco

**Anexo 3.6.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-04-20-Ha-25-anos-o-mundo-do-rock-cantava-Freddie-Mercury.-E-foi-inesquecivel>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### “Deliverance”, novo EP de Prince, sai esta sexta feira. Mas já está a dar polémica

O disco, com material inédito gravado entre 2006 e 2008, irá assinalar o primeiro aniversário da morte do artista

19.04.2017 às 18h18

**TOP FOTOS**

01 Rock in Rio Dia 4: Aerosmith tocam os éxitos, Alice Cooper “incendeia” palco Sunset

02

**Anexo 3.7.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-19-Deliverance-novo-EP-de-Prince-sai-esta-sexta-feira.-Mas-ja-esta-a-dar-polemica>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

### Lady Gaga e o Príncipe William, de Inglaterra, falam via FaceTime

A cantora americana conversou com o príncipe britânico no âmbito de uma campanha em torno da saúde mental

18.04.2017 às 16h42

Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o "beijaço" gay

03

Rock in Rio Dia 2: um filme com a segunda dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag

**Anexo 3.8.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-18-Lady-Gaga-e-o-Principe-William-de-Inglaterra-falam-via-FaceTime>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

### Depois de Coachella, Lana Del Rey fez uma música nova. Ouça aqui

Partilhado no instagram, este novo tema teve como inspiração o atual clima de tensão que se vive em torno da Coreia do Norte

18.04.2017 às 16h33

LER FAZ BEM

VISÃO

**Anexo 3.9.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-18-Depois-de-Coachella-Lana-Del-Rey-fez-uma-musica-nova.-Ouça-aqui>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

### Aposta "obriga" fã de Kendrick Lamar a beber um batido feito com um disco de vinil. Veja aqui (se conseguir)

Acreditando que, depois de DAMN, o rapper iria lançar um segundo álbum no domingo de Páscoa, um utilizador da plataforma Reddit apostou que comeria o seu vinil de Good Kid, M.A.A.D City se isso não acontecesse. E assim foi...

18.04.2017 às 16h26

a sua mente ainda mais

GRÁTIS 5 OUTUBRO

O JOGADOR de Fiodor Dostoiévski

**Anexo 3.10.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-18-Aposta-obriga-fa-de-Kendrick-Lamar-a-beber-um-batido-feito-com-um-disco-de-vinil.-Veja-aqui--se-conseguir>>. [Consult. 09 out. 2017].



**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Parece que foi ontem, mas “Favourite Worst Nightmare”, o segundo dos Arctic Monkeys, já foi há 10 anos

A 18 de abril de 2007, o grupo liderado por Alex Turner dava a conhecer o sucessor do disco de estreia. Três meses depois, os britânicos regressavam a Portugal para um concerto no Coliseu de Lisboa, que recordamos aqui em imagens

18.04.2017 às 11h20

*a sua mente ainda mais*

O Jogador de Fiodor Dostoiévski

**GRÁTIS 5 OUTUBRO**

**Anexo 3.11.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-18-Parece-que-foi-ontem-mas-Favourite-Worst-Nightmare-o-segundo-dos-Arctic-Monkeys-ja-foi-ha-10-anos>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Jack White em ação: vêm aí filme e disco ao vivo dos Dead Weather. E um livro azul

Novidades de um dos homens mais ativos do rock and roll

13.04.2017 às 16h13

*a sua mente ainda mais*

O Jogador de Fiodor Dostoiévski

**GRÁTIS 5 OUTUBRO**

**Anexo 3.12.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-13-Jack-White-em-acao-vem-ai-filme-e-disco-ao-vivo-dos-Dead-Weather.-E-um-livro-azul>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Filme biográfico de Freddie Mercury vai estreiar “mais cedo” do que se pensava

Depois de quase quatro anos de espera, o guitarrista Brian May avançou uma data para a estreia da biopic do falecido líder dos Queen

13.04.2017 às 16h01

*a sua mente ainda mais*

O Jogador de Fiodor Dostoiévski

**GRÁTIS 5 OUTUBRO**

**Anexo 3.13.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-13-Filme-biografico-de-Freddie-Mercury-vai-estrear-mais-cedo-do-que-se-pensava>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### O fim dos Black Sabbath vai dar um documentário

A informação foi adelantada por Tony Iommi, que diz ainda estar também previsto um álbum ao vivo com gravações dos últimos concertos da banda

11.04.2017 às 15h27

a sua mente ainda mais

GRÁTIS

Anexo 3.14. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-11-O-fim-dos-Black-Sabbath-vai-dar-um-documentario>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**VÍDEOS**

### 50 Cent acusado de agredir admiradora durante concerto

Segundo o TMZ, o rapper norte-americano deu um murro a uma fã que se encontrava na assistência, atingindo-a no peito

11.04.2017 às 15h27

a sua mente ainda mais

GRÁTIS 5 OUTUBRO

Anexo 3.15. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-04-11-50-Cent-acusado-de-agredir-admiradora-durante-concerto>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Janelle Monáe sobre o feminismo: “As pessoas têm de começar a respeitar a vagina”

A cantora e atriz norte-americana foi entrevistada pela revista feminina Marie Claire no âmbito da rubrica “o futuro é feminino”

11.04.2017 às 15h12

a sua mente ainda mais

GRÁTIS 5 OUTUBRO

Anexo 3.16. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-11-Janelle-Monae-sobre-o-feminismo-As-pessoas-tem-de-comecar-a-respeitar-a-vagina>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. The top navigation bar includes 'HOME', 'NOTÍCIAS', 'PLAYLISTS', 'OPINIÃO', 'FESTIVAIS', and 'BLITZ RECORDS'. On the right, there are links for 'ASSINAR', 'LOJA', 'LOGIN', and a user profile icon. The main content area features a video player on the left showing Snoop Dogg speaking. To the right of the video, the text reads: 'Veja o discurso de Snoop Dogg na entrada de Tupac na Rock and Roll Hall of Fame'. Below this, a sub-headline states: 'O rapper prestou tributo ao colega e amigo falecido em 1996, num discurso em que partilhou alguns episódios pessoais'. The date '10.04.2017 às 16h44' is displayed. On the right side of the article, there is a graphic of a brain with the text 'a sua mente ainda mais' and a promotional banner for 'GRÁTIS 5 OUTUBRO' with the word 'JOGADOR' below it.

**Anexo 3.17.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-04-10-Veja-o-discurso-de-Snoop-Dogg-na-entrada-de-Tupac-na-Rock-and-Roll-Hall-of-Fame>>.

[Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. The top navigation bar is identical to the previous one. The main content area features a video player on the left showing a scene from the biopic 'All Eyez on Me'. To the right, the text reads: 'Veja o novo trailer de "All Eyez On Me", a biopic de Tupac Shakur'. Below this, a sub-headline states: 'O filme retrata a vida e a carreira do rapper norte-americano, falecido há mais de 20 anos'. The date '07.04.2017 às 17h12' is displayed. On the right side, there is a graphic of a brain with the text 'a sua mente ainda mais' and a promotional banner for 'GRÁTIS 5 OUTUBRO' with the word 'JOGADOR' below it.

**Anexo 3.18.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-04-07-Veja-o-novo-trailer-de-All-Eyez-On-Me-a-biopic-de-Tupac-Shakur>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. The top navigation bar is identical to the previous ones. The main content area features a video player on the left showing Harry Styles performing. To the right, the text reads: 'A estreia a solo de Harry Styles, dos One Direction: ouça aqui "Sign of the Times"'. Below this, a sub-headline states: 'Divulgado hoje o primeiro avanço para o álbum a solo do artista inglês'. The date '07.04.2017 às 16h09' is displayed. On the right side, there is a graphic of a brain with the text 'a sua mente ainda mais' and a promotional banner for 'GRÁTIS 5 OUTUBRO' with the word 'JOGADOR' below it.

**Anexo 3.19.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-07-A-estreia-a-solo-de-Harry-Styles-dos-One-Direction-ouca-aqui-Sign-of-the-Times>>.

[Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows a news article on the BLITZ website. The header includes navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The article title is "Macy Gray ao vivo em Lisboa: aquela voz rouca ainda dá que falar". The sub-headline reads: "Simpática e carismática, a artista norte-americana encheu o Grande Auditório do CCB. Não faltou 'I Try' e até uma versão de 'Creep', dos Radiohead". The date is "07.04.2017 às 11h47". To the right is a promotional image for a "ROCK 1940-2017" magazine featuring U2 and other artists.

**Anexo 3.20.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-07-Macy-Gray-ao-vivo-em-Lisboa-aquela-voz-rouca-ainda-da-que-falar>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows a news article on the BLITZ website. The header includes navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The article title is "Chance The Rapper a presidente? Drake apoia". The sub-headline reads: "O artista de Illinois não demonstrou intenção de se candidatar às próximas eleições para 'mayor' de Chicago em 2019, mas já tem apoiantes". The date is "07.04.2017 às 9h15". To the right is a promotional image for a book titled "a sua mente ainda mais" by Fiktor Dostoiwki, with a "GRÁTIS" sticker.

**Anexo 3.21.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-07-Chance-The-Rapper-a-presidente--Drake-apoia>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows a news article on the BLITZ website. The header includes navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The article title is "A prenda de Adele para Harry Styles, dos One Direction". The sub-headline reads: "Quando o cantor fez 21 anos, a voz de 'Rolling in the Deep' ofereceu-lhe um presente apropriado". The date is "06.04.2017 às 14h48". To the right is a promotional image for a book titled "a sua mente ainda mais" by Fiktor Dostoiwki, with a "GRÁTIS" sticker.

**Anexo 3.22.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-06-A-prenda-de-Adele-para-Harry-Styles-dos-One-Direction>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Chris Martin surpreende fã de Coldplay internado num hospital das Filipinas

O vocalista da banda britânica visitou um doente que não podia estar presente num concerto dos Coldplay para o qual tinha bilhete

06.04.2017 às 14h23

**Anexo 3.23.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-06-Chris-Martin-surpreende-fa-de-Coldplay-internado-num-hospital-das-Filipinas>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Há álbuns que só vai poder ouvir duas semanas depois de serem editados

Acordo entre a Spotify e a editora Universal privilegia clientes "premium" do serviço de streaming

06.04.2017 às 13h41

**Anexo 3.24.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-06-Ha-albuns-que-so-vai-poder-ouvir-duas-semanas-depois-de-serem-editados>>. [Consult. 09 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Mãe de Dave Grohl conta as histórias de outras mães do mundo da música

*From Cradle to Stage: Stories from the Mothers Who Rocked and Raised Rock Stars* é o título do livro de Virginia Hanlon Grohl, mãe de Dave, que entrevistou as mães de 18 artistas

06.04.2017 às 9h10

**Anexo 3.25.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-06-Mae-de-Dave-Grohl-conta-as-historias-de-outras-mamas-do-mundo-da-musica>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The main article features a photo of Beyoncé and Jay-Z on a boat. The headline reads: "O 9º aniversário de casamento de Beyoncé e Jay-Z deu um vídeo pessoal e amoroso". A sub-headline says: "Veja aqui um excerto da nova versão de 'Die With You', uma montagem que junta o tema original de 2015 a registos pessoais da vida do casal nunca antes divulgados". The date is 05.04.2017 às 14h38. To the right, there is a graphic of a brain with the text "a sua mente ainda mais" and a book cover for "O JOGADOR de Fiodor Dostoiévski" with a "GRÁTIS 5 OUTUBRO" offer.

**Anexo 3.26.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-05-O-9-aniversario-de-casamento-de-Beyonce-e-Jay-Z-deu-um-video-pessoal-e-amoroso>>.

[Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The main article features a photo of Bruno Mars performing on stage. The headline reads: "Tudo sobre o concerto esgotado de Bruno Mars, hoje em Lisboa: setlist provável, vídeos e fotos". A sub-headline says: "O músico norte-americano vai subir mais logo ao palco da MEO Arena, em Lisboa, para um concerto esgotado há vários meses. E aqui está tudo o que precisa de saber sobre ele". The date is 04.04.2017 às 0h29. To the right, there is a graphic of a brain with the text "a sua mente ainda mais" and a book cover for "O JOGADOR de Fiodor Dostoiévski" with a "GRÁTIS 5 OUTUBRO" offer.

**Anexo 3.27.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-03-Tudo-sobre-o-concerto-esgotado-de-Bruno-Mars-hoje-em-Lisboa-setlist-provavel-videos-e-fotos>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The main article features a photo of Linda Martini and her band. The headline reads: "Linda Martini vão dar concerto gratuito no Chiado, em Lisboa". A sub-headline says: "O espetáculo está integrado na programação do Record Store Day 2017". The date is 03.04.2017 às 18h18. To the right, there is a graphic of a brain with the text "a sua mente ainda mais" and a book cover for "O JOGADOR de Fiodor Dostoiévski" with a "GRÁTIS 5 OUTUBRO" offer.

**Anexo 3.28.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-03-Linda-Martini-vao-dar-concerto-gratuito-no-Chiado-em-Lisboa>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### O nome dela não é Luka, é Suzanne Vega. E traz Portugal no coração

Há 30 anos, Suzanne Vega lançava "Solitude Standing", o álbum que deu a conhecer êxitos como "Luka" e "Tom's Diner" e lançou em definitivo a carreira da artista. O disco conheceu assinalável impacto em Portugal ao ponto de a artista ter sido recebida pelo então Presidente da República, Mário Soares, no Palácio de Belém, em 1988. Recorde a ocasião nas palavras da própria

01.04.2017 às 9h15



**Anexo 3.29.** – Disponível em: <[BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

!\[\]\(35e4f762fc1cfea5610d92e2d225d5b4\_img.jpg\)

NOTÍCIAS

### "Sign O' The Times" grande álbum de Prince, faz hoje 30 anos. Vamos recordá-lo?

Editado a 31 de março de 1987, foi o primeiro álbum de Prince depois do desmembramento dos seus Revolution, popularizou temas como "U Got The Look", "If I Was Your Girlfriend" e "Sign O' The Times" e deu a conhecer uma faceta mais feminina do astro de Minneapolis

31.03.2017 às 13h20

!\[\]\(b6a97e4835c8c5eb846fcac2cc15117e\_img.jpg\)

Receba o \*\*Expresso Curto\*\*  
Dias úteis às 9h

!\[\]\(4e1ebd2bb71a2d60c971116ed24790bb\_img.jpg\)](http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-04-01-O-<u>nome-dela-nao-e-Luka-e-Suzanne-Vega.-E-traz-Portugal-no-coracao</u></a>>. [Consult. 09 out. 2017].</p>
</div>
<div data-bbox=)

**Anexo 3.30.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-31-Sign-O-The-Times-grande-album-de-Prince-faz-hoje-30-anos.-Vamos-recorda-lo>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### O shoegaze está mesmo de volta: Slowdive anunciam primeiro álbum em 22 anos e mostram canção nova

Os britânicos vão regressar em maio com um álbum homónimo. E as novidades estão aqui

30.03.2017 às 17h03



Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.31.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-30-O-shoegaze-esta-mesmo-de-volta-Slowdive-anunciam-primeiro-album-em-22-anos-e-mostram-cancao-nova>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Há vida em Charlie Watts além dos Rolling Stones

Os 75 anos do baterista não o demovem de abraçar novos projetos

30.03.2017 às 14h47

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.32.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-30-Ha-vida-em-Charlie-Watts-alem-dos-Rolling-Stones>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Kasabian no manicómio. Veja o primeiro vídeo do novo álbum

Com a participação do ator Noel Fielding, este é o primeiro avanço para "For Crying Out Loud"

30.03.2017 às 14h31

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.33.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-30-Kasabian-no-manicomio.-Veja-o-primeiro-video-do-novo-album>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Brincadeira de Mac DeMarco tira a mãe do sério

"Quase tive um ataque de coração", disse Agnes DeMarco

29.03.2017 às 16h14

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.34.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-29-Brincadeira-de-Mac-DeMarco-tira-a-mae-do-serio>>. [Consult. 09 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Drake e a "balda" em Amesterdão: a culpa foi do sushi

Cidade holandesa viu Drake falhar concerto pela terceira vez. Uma razão é, agora, avançada

29.03.2017 às 16h02

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.35.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-29-Drake-e-a-balda-em-Amesterdao-a-culpa-foi-do-sushi>>. [Consult. 09 out. 2017].



The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Lana Del Rey and The Weeknd. The article title is "Lana Del Rey e The Weeknd juntos outra vez?". Below the title, it says "Músico canadiano pode ser um dos convidados do próximo álbum da artista norte-americana" and "29.03.2017 às 15h49". To the right, there is a sidebar with a dark background and white text: "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo". At the bottom right of the article, it says "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.36.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-29-Lana-Del-Rey-e-The-Weeknd-juntos-outra-vez>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of a man sitting on a couch with a guitar. The article title is "Artista de rua banida do Facebook por fazer versão de Ed Sheeran. Cantor inglês pede-lhe desculpa". Below the title, it says "Charlotte Campbell viu a sua conta de Facebook desativada por alegada violação de direitos de autor. O artista britânico não tardou a pronunciar-se" and "28.03.2017 às 17h27". To the right, there is a sidebar with a dark background and white text: "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo". At the bottom right of the article, it says "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.37.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-28-Artista-de-rua-banida-do-Facebook-por-fazer-versao-de-Ed-Sheeran.-Cantor-ingles-pede-lhe-desculpa>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Matt Berninger singing into a microphone. The article title is "Matt Berninger, dos National, canta em concerto de "Game of Thrones"". Below the title, it says "O vocalista da banda norte-americana interpretou o tema "The Rains of Castamere" num concerto de antecipação da nova temporada" and "28.03.2017 às 17h14". To the right, there is a sidebar with a dark background and white text: "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo". At the bottom right of the article, it says "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.38.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-28-Matt-Berninger-dos-National-canta-em-concerto-de-Game-of-Thrones>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of two men in sunglasses. The headline is "Royal Blood dão um cheirinho de música nova". The sub-headline reads "Os britânicos mostraram um vídeo com um excerto do trabalho de estúdio". The date is "28.03.2017 às 14h15". To the right, there is a promotional banner for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h". A small sidebar on the right mentions "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo".

**Anexo 3.39.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-28-Royal-Blood-dao-um-cheirinho-de-musica-nova>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Snoop Dogg. The headline is "Snoop Dogg apresenta entrada de Tupac Shakur no Rock and Roll Hall of Fame 2017". The sub-headline reads "Na cerimónia marcada para 7 de abril, Snoop Dogg vai também prestar tributo ao amigo e antigo colega numa atuação que poderá contar com a colaboração de Dr. Dre". The date is "27.03.2017 às 17h38". To the right, there is a promotional banner for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h". A small sidebar on the right mentions "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo".

**Anexo 3.40.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-27-Snoop-Dogg-apresenta-entrada-de-Tupac-Shakur-no-Rock-and-Roll-Hall-of-Fame-2017>>. [Consult. 09 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Kendrick Lamar on a stage. The headline is "Vem aí o quarto álbum de Kendrick Lamar?". The sub-headline reads "É o que dá a entender uma pista no Instagram". The date is "24.03.2017 às 9h05". To the right, there is a promotional banner for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h". A small sidebar on the right mentions "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo".

**Anexo 3.41.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-24-Vem-ai-o-quarto-album-de-Kendrick-Lamar>>. [Consult. 09 out. 2017].


 HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS
 
 ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Brad Pitt confessou ter ouvido Bon Iver na “tristeza do divórcio”. Justin Vernon reage

“Precisamos de conversar” foi o comentário dirigido pelo vocalista do grupo norte-americano ao ator, no Twitter


23.03.2017 às 15h54

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.42.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-23-Brad-Pitt-confessou-ter-ouvido-Bon-Iver-na-tristeza-do-divorcio.-Justin-Vernon-reage>>.  
[Consult. 09 out. 2017].


 HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS
 
 ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Lily Allen, Katy Perry, James Corden e Ellen DeGeneres solidários com o povo londrino

Depois do ataque terrorista que aconteceu ontem em Londres, têm sido muitas as mensagens de apoio vindas do mundo da música e do entretenimento

23.03.2017 às 15h03

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.43.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-23-Lily-Allen-Katy-Perry-James-Corden-e-Ellen-DeGeneres-solidarios-com-o-povo-londrino>>.  
[Consult. 12 out. 2017].


 HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS
 
 ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### A mãe da sócia de Ed Sheeran já reagiu: “Não acredito que a foto se tornou tão viral”

A fotografia da pequena Isla Walton ficou famosa na Internet devido às suas semelhanças com o cantor inglês

23.03.2017 às 14h13

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.44.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-23-A-mae-da-sosia-de-Ed-Sheeran-ja-reagiu-Nao-acredito-que-a-foto-se-tornou-tao-viral>>.  
[Consult. 12 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Manel Cruz e Tinariwen entre as novas confirmações do festival Mimo, em Amarante**

São conhecidos mais nomes para a segunda edição do festival, que tem entrada gratuita

22.03.2017 às 16h54

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.45.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-22-Manel-Cruz-e-Tinariwen-entre-as-novas-confirmacoes-do-festival-Mimo-em-Amarante>>. [Consult. 12 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Tudo o que já sabemos sobre o álbum que Chuck Berry deixou pronto**

O artista faleceu no passado sábado, aos 90 anos, e preparava-se para lançar um álbum, que será editado a 16 de junho. O primeiro single já pode ser ouvido - e tem Tom Morello, dos Rage Against the Machine

22.03.2017 às 14h55

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.46.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-22-Tudo-o-que-ja-sabemos-sobre-o-album-que-Chuck-Berry-deixou-pronto>>. [Consult. 12 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Quando os Green Day chamam um miúdo de cabelo verde para tocar com eles**

O momento aconteceu na passada sexta feira e ficou registado em vídeo. Veja aqui

21.03.2017 às 17h55

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.47.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-21-Quando-os-Green-Day-chamam-um-miudo-de-cabelo-verde-para-tocar-com-eles>>. [Consult. 12 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Gostava de jogar Monopólio com os Queen? Agora já pode

A notícia foi avançada por Brian May, que garante que esta nova edição do clássico jogo de tabuleiro vai estar nas lojas a partir de maio

21.03.2017 às 16h51

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.48.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-21-Gostava-de-jogar-Monopolio-com-os-Queen--Agora-ja-pode>>. [Consult. 12 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Paul McCartney escreve texto de homenagem ao “mágico” Chuck Berry

O tributo foi prestado pelo Beatle no seu site oficial

21.03.2017 às 16h36

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.49.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-21-Paul-McCartney-escreve-texto-de-homenagem-ao-magico-Chuck-Berry>>. [Consult. 12 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Nicki Minaj já teve mais canções no top 100 americano do que qualquer outra mulher

Com 76 entradas na tabela americana, a rapper já ultrapassou Aretha Franklin

21.03.2017 às 13h07

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.50.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-21-Nicki-Minaj-ja-teve-mais-cancoes-no-top-100-americano-do-que-qualquer-outra-mulher>>. [Consult. 12 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The main article is titled "Nick Mason, dos Pink Floyd, estampa carro de corridas num evento de Fórmula 1". The sub-headline reads "O músico saiu ileso do incidente, mas o veículo raro que conduzia ficou em mau estado". The date is "21.03.2017 às 12h22". A sidebar on the right promotes "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h". A small image in the sidebar shows "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio".

**Anexo 3.51.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-21-Nick-Mason-dos-Pink-Floyd-estampa-carro-de-carridas-num-evento-de-Formula-1>>.  
[Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The main article is titled "Drake está de volta e traz Kanye West e Sampha consigo". The sub-headline reads "More Life é o novo projeto do rapper canadiano, disponível exclusivamente em formato digital". The date is "21.03.2017 às 11h17". A sidebar on the right promotes "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h". A small image in the sidebar shows "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio".

**Anexo 3.52.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-21-Drake-esta-de-volta-e-traz-Kanye-West-e-Sampha-consigo>>. [Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN. The main article is titled "Calvin Harris mostra vídeo de bastidores das gravações de 'Slide', colaboração com Frank Ocean". The sub-headline reads "Antes do lançamento oficial do single que resulta de uma parceria do DJ escocês com Frank Ocean e Migos, Calvin Harris já tinha antecipado o tema nas redes sociais com alguns vídeos e fotografias". The date is "20.03.2017 às 18h25". A sidebar on the right promotes "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h". A small image in the sidebar shows "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio".

**Anexo 3.53.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-03-20-Calvin-Harris-mostra-video-de-bastidores-das-gravacoes-de-Slide-colaboracao-com-Frank-Ocean>>.  
[Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows a news article on the BLITZ website. The header includes the BLITZ logo and navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Katy Perry at a podium. The headline is "Katy Perry defende direitos LGBT: 'Ensinaram-me a ter medo destas pessoas'". A sub-headline reads "NOTÍCIAS". The text below the headline states: "Veja aqui o discurso da cantora, premiada no passado sábado na gala da *Human Rights Campaign*, a maior associação de defesa dos direitos LGBT dos Estados Unidos da América". The date and time are "20.03.2017 às 18h10". To the right of the article, there is a promotional banner for "Receba o Expresso Curto" with the text "Dias úteis às 9h" and an email icon.

**Anexo 3.54.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-20-Katy-Perry-defende-direitos-LGBT-Ensinaram-me-a-ter-medo-destas-pessoas>>.

[Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows a news article on the BLITZ website. The header is identical to the previous screenshot. The main article features a photo of Liam Gallagher. The headline is "Liam Gallagher promete cantar temas dos Oasis 'melhor do que o Noel'". A sub-headline reads "NOTÍCIAS". The text below the headline states: "O ex-vocalista dos Oasis voltou a dar novidades sobre o seu próximo trabalho e não perdeu a oportunidade para provocar o irmão". The date and time are "20.03.2017 às 17h52". To the right of the article, there is a promotional banner for "Receba o Expresso Curto" with the text "Dias úteis às 9h" and an email icon.

**Anexo 3.55.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-20-Liam-Gallagher-promete-cantar-temas-dos-Oasis-melhor-do-que-o-Noel>>.

[Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows a news article on the BLITZ website. The header is identical to the previous screenshots. The main article features a photo of Iggy Pop. The headline is "Há 40 anos, Iggy Pop deixou de ser quem era com uma ajudinha de David Bowie". A sub-headline reads "NOTÍCIAS". The text below the headline states: "Depois dos Stooges, Iggy Pop juntava-se a David Bowie para iniciar o seu percurso a solo. *The Idiot* sai no mesmo ano de *Lust For Life* e nós recordamos o momento em que a "iguana" se transforma num "monstro". The date and time are "18.03.2017 às 9h15". To the right of the article, there is a promotional banner for "Receba o Expresso Curto" with the text "Dias úteis às 9h" and an email icon.

**Anexo 3.56.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-18-Ha-40-anos-Iggy-Pop-deixou-de-ser-quem-era-com-uma-ajudinha-de-David-Bowie>>.

[Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**vídeos**



**Billy Corgan faz hoje 50 anos e nós recordamos a sua história em vídeos**

Deu-se a conhecer nos Smashing Pumpkins em 1988 e com eles atingiu o cume do rock da década de 90. Depois "caiu", formou os fugazes Zwan, lançou um álbum a solo e voltou aos Pumpkins, qual monarca absoluto. Pelo meio, lançou um livro de poesia e meteu-se no mundo do wrestling. É um dos figurões do rock, adora o público português e está hoje de parabéns

17.03.2017 às 16h09

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Insere endereço de e-mail

**Anexo 3.57.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-03-17-Billy-Corgan-faz-hoje-50-anos-e-nos-recordamos-a-sua-historia-em-videos>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**



**Carlão abre o jogo sobre o próximo álbum: "Vai da eletrónica quase pop até ao hip-hop puro e duro e voz e guitarra"**

O músico português falou com a BLITZ sobre o seu segundo álbum de originais. "Aguilha no Palheiro" é a primeira amostra e o vídeo já pode ser visto

16.03.2017 às 9h00

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.58.** – Disponível em: <[blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-16-Carlao-abre-o-jogo-sobre-o-proximo-album-Vai-da-eletronica-quase-pop-ate-ao-hip-hop-puro-e-duro-e-voz-e-guitarra-1](http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-16-Carlao-abre-o-jogo-sobre-o-proximo-album-Vai-da-eletronica-quase-pop-ate-ao-hip-hop-puro-e-duro-e-voz-e-guitarra-1)>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**



**Toda a gente adora os Velvet Underground: 11 versões de um álbum inesquecível**

Há 50 anos, os Velvet Underground estreavam-se com o icónico "álbum da banana". Para celebrar a efeméride, recolhemos versões alternativas das 11 faixas do álbum. De David Bowie aos Smashing Pumpkins, passando por R.E.M., Strokes ou Beck

12.03.2017 às 9h15

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.59.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-12-Toda-a-gente-adora-os-Velvet-Underground-11-versoes-de-um-album-inesquecivel>>. [Consult. 13 out. 2017].



BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Líder dos Sex Pistols pede a demissão do treinador Arsene Wenger, do Arsenal

John Lydon é adepto de longa data do clube londrino de futebol

09.03.2017 às 14h52

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.60.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-09-Lider-dos-Sex-Pistols-pede-a-demissao-do-treinador-Arsene-Wenger-do-Arsenal>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Filha de Phil Collins escreve carta aberta ao pai

A missiva revela a influência que a relação de Lily Collins com o pai teve na sua vida e foi publicada no seu mais recente livro, intitulado *Unfiltered: No Shame, No Regrets, Just Me*

09.03.2017 às 14h47

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.61.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-09-Filha-de-Phil-Collins-escreve-carta-aberta-ao-pai>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Há 30 anos, os U2 tornavam-se definitivamente grandes

A 9 de março de 1987, os irlandeses editavam o álbum de "Where The Streets Have no Name", "With or Without You" ou "Still Haven't Find What I'm Looking For". Em dia de aniversário, recordamos "The Joshua Tree", sobre o qual pode ler abundantemente na BLITZ deste mês

09.03.2017 às 9h05

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Inserir endereço de e-mail

**Anexo 3.62.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-09-Ha-30-anos-os-U2-tornavam-se-definitivamente-grandes>>. [Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Chance The Rapper wearing a baseball cap. To the right of the image is the article title: "Chance The Rapper doa 1 milhão de dólares às escolas públicas de Chicago". Below the title is a short summary: "Na semana passada, o cantor teve uma reunião com o governador do Illinois e mostrou-se desapontado com o apoio dado por este estado americano à escola pública. Agora, ofereceu uma quantia generosa à sua cidade". The date and time are "07.03.2017 às 18h32". On the right side, there is a sidebar with a dark background containing the text "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio" and a promotional banner for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.63.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-07-Chance-The-Rapper-doa-1-milhao-de-dolares-as-escolas-publicas-de-Chicago>>.

[Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Chris Martin singing into a microphone. To the right of the image is the article title: "Para Chris Martin, as três melhores canções do momento são...". Below the title is a short summary: "As preferências do vocalista dos Coldplay foram partilhadas como agradecimento pelas mensagens recebidas aquando do seu 40º aniversário". The date and time are "07.03.2017 às 14h02". On the right side, there is a sidebar with a dark background containing the text "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio" and a promotional banner for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.64.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-07-Para-Chris-Martin-as-tres-melhores-cancoes-do-momento-sao>>. [Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS, ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Adele in a green dress. To the right of the image is the article title: "Adele respondeu às críticas ao seu vestido dos Grammys: 'Podem dizer o que quiserem'". Below the title is a short summary: "Na cerimónia em que arrecadou cinco prémios, a cantora usou um vestido verde e foi comparada à Princesa Fiona do filme de animação Shrek". The date and time are "07.03.2017 às 11h46". On the right side, there is a sidebar with a dark background containing the text "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio" and a promotional banner for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto" and "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.65.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-07-Adele-respondeu-as-criticas-ao-seu-vestido-dos-Grammys-Podem-dizer-o-que-quiserem>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### O álbum a solo de Liam Gallagher já tem título

As *You Were* será o próximo trabalho do ex-vocalista dos Oasis, segundo revelou o próprio artista no Twitter

07.03.2017 às 11h42

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.66.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-07-O-album-a-solo-de-Liam-Gallagher-ja-tem-titulo>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### A prova de fogo dos Arcade Fire já fez 10 anos. Vamos recordar “Neon Bible”?

Em 2007, depois do sombrio mas poderoso “Funeral”, os canadianos regressaram com *Neon Bible*, um disco que os tornou ainda maiores. Recorde a crítica BLITZ (que não foi tão entusiástica quanto isso...), o concerto em Portugal logo a seguir e o que disseram os nossos leitores sobre o álbum que mais apreciaram naquele ano

04.03.2017 às 9h15

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Inserir endereço de e-mail

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.67.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-04-A-prova-de-fogo-dos-Arcade-Fire-ja-fez-10-anos.-Vamos-recordar-Neon-Bible>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Lorde explica por que razão esteve tanto tempo afastada

Em 2013, a artista neozelandesa lançou o seu álbum de estreia *Pure Heroine*. O seu sucessor só agora está pronto

03.03.2017 às 14h49

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.68.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-03-Lorde-explica-por-que-razao-estive-tanto-tempo-afastada>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Linda Martini hoje no Porto: “Este concerto celebra o primeiro aniversário do disco”

Depois do concerto do ano passado no NOS Primavera Sound, os lisboetas vão regressar ao Porto, desta vez em nome próprio, num concerto que se encontra esgotado. Falámos com o baterista Hélio Moraes

03.03.2017 às 9h20

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Anexo 3.69. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-03-Linda-Martini-hoje-no-Porto-Este-concerto-celebra-o-primeiro-aniversario-do-disco>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### “The Boatman's Call”, de Nick Cave and The Bad Seeds, faz 20 anos

Em 1997, Nick Cave lança com os seus Bad Seeds um dos seus álbuns mais celebrados. Recorde-o aqui

03.03.2017 às 9h10

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Anexo 3.70. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-03-The-Boatmans-Call-de-Nick-Cave-and-The-Bad-Seeds-faz-20-anos>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### A gaffe dos Óscares faz as primeiras vítimas

O presidente da academia anunciou que dois funcionários da instituição serão despedidos

02.03.2017 às 18h31

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Anexo 3.71. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-02-A-gaffe-dos-Oscares-faz-as-primeiras-vitimas>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Há um homem a fazer-se passar pelo baterista dos Nickelback**

E a fazer compras em nome dele...

02.03.2017 às 17h52

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.72.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-02-Ha-um-homem-a-fazer-se-passar-pelo-baterista-dos-Nickelback>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**40 anos! Parabéns, Chris Martin!**

Christopher Anthony John Martin (ou Chris Martin, como é conhecido) nasceu a 2 de março de 1977. No dia em que celebra 40 anos, recordamos o seu percurso

02.03.2017 às 14h00

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.73.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-02-40-anos-Parabens-Chris-Martin>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Tudo o que sabemos sobre o novo álbum de Lorde, que pode sair já esta sexta-feira**

Aos 20 anos, a neozelandesa lançará o sucessor de *Pure Heroine*, de 2013

01.03.2017 às 18h21

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.74.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-01-Tudo-o-que-sabemos-sobre-o-novo-album-de-Lorde-que-pode-sair-ja-esta-sexta-feira->>>. [Consult. 13 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**O icónico primeiro álbum de Peter Gabriel a solo foi lançado há 40 anos**

Peter Gabriel saiu a 25 de fevereiro de 1977 e foi o primeiro de uma série de quatro álbuns homónimos do cantor e músico inglês. É nele que se encontra "Solsbury Hill"

25.02.2017 às 9h15

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.75.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-25-O-icónico-primeiro-album-de-Peter-Gabriel-a-solo-foi-lancado-ha-40-anos>>. [Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a video player on the left with a play button and the text "I feel a lot stronger". To the right of the video is the article title: "“Sinto-me muito mais forte, mas na verdade estou a ficar mais fraco”: o último vídeo de Leonard Cohen é um tocante “livro de memórias”". Below the title is a short summary: "O lyric video de “Traveling Light”, canção incluída em “You Want It Darker”, contam imagens inéditas do músico canadiano falecido em 2016". The date "24.02.2017 às 17h12" is displayed at the bottom of the article. On the right side of the page, there is a sidebar with a small video player showing "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablllo". Below this is a subscription form for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto Dias úteis às 9h" and a button "Inserir endereço de e-mail".

**Anexo 3.76.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-24-Sinto-me-muito-mais-forte-mas-na-verdade-estou-a-ficar-mais-fraco-o-ultimo-video-de-Leonard-Cohen-e-um-tocante-livro-de-memorias>>. [Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a video player on the left with a play button. To the right of the video is the article title: "Anohni tem novo vídeo: veja aqui “Paradise”". Below the title is a short summary: "O clip conta com a participação da artista e modelo Eliza Douglas, que faz playback vocal da cantora". The date "24.02.2017 às 16h08" is displayed at the bottom of the article. On the right side of the page, there is a sidebar with a small video player showing "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablllo". Below this is a subscription form for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto Dias úteis às 9h" and a button "Inserir endereço de e-mail".

**Anexo 3.77.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-24-Anohni-tem-novo-video-veja-aqui-Paradise>>. [Consult. 13 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a red navigation bar with the BLITZ logo and menu items: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a video player on the left with a play button and the text "David Bowie". To the right of the video is the article title: "David Bowie foi o rei póstumo dos prémios BRIT. E foi Lazarus, perdão, Michael C. Hall a receber a coroa". Below the title is a short summary: "O artista falecido no início do ano passado foi galardoado com dois prémios póstumos nos BRIT Awards deste ano. Para receber o de Melhor Artista compareceu o ator Michael C. Hall, protagonista do musical “Lazarus”". The date "23.02.2017 às 16h06" is displayed at the bottom of the article. On the right side of the page, there is a sidebar with a small video player showing "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablllo". Below this is a subscription form for "Expresso Curto" with the text "Receba o Expresso Curto Dias úteis às 9h" and a button "Inserir endereço de e-mail".

**Anexo 3.78.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-23-David-Bowie-foi-o-rei-postumo-dos-premios-BRIT.-E-foi-Lazarus-perdao-Michael-C.-Hall-a-receber-a-coroa>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**VIDEOS**

**“Perdi o meu pai, mas também fui pai”:** veja aqui o discurso emotivo do filho de David Bowie nos Prémios BRIT

Duncan Jones, filho de Bowie, foi receber o prémio de Melhor Álbum Britânico atribuído ao pai

23.02.2017 às 15h27

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.79.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-02-23-Perdi-o-meu-pai-mas-tambem-fui-pai-veja-aqui-o-discurso-emotivo-do-filho-de-David-Bowie-nos-Premios-BRIT>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

**Já pode ouvir: Coldplay e Chainsmokers juntos em “Something Just Like This”**

O tema foi estreado ontem, ao vivo, na cerimónia dos BRIT Awards e já tem um *lyric video*

23.02.2017 às 15h19

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.80.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-23-Ja-pode-ouvir-Coldplay-e-Chainsmokers-juntos-em-Something-Just-Like-This>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

**Bailarino de Katy Perry, mascarado de casa, cai do palco nos BRIT Awards**

O incidente ocorreu ontem, em Londres, quando a cantora apresentava o seu mais recente tema “Chained To The Rhythm” na entrega de prémios da indústria discográfica inglesa

23.02.2017 às 15h11

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.81.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-23-Bailarino-de-Katy-Perry-mascarado-de-casa-cai-do-palco-nos-BRIT-Awards>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Rihanna ultrapassa Mickael Jackson na história do top de singles norte-americano

Com 30 canções a terem chegado às 10 primeiras posições, a cantora é a terceira artista mais bem sucedida de sempre na tabela de vendas dos Estados Unidos

23.02.2017 às 11h26

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Anexo 3.82. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-23-Rihanna-ultrapassa-Mickael-Jackson-na-historia-do-top-de-singles-norte-americano>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Membros dos Nirvana, dos Pearl Jam e Mark Lanegan não se esqueceram do 50º aniversário de nascimento de Kurt Cobain

O líder dos Nirvana faria 50 anos na passada segunda-feira e foi recordado pelos amigos e família

22.02.2017 às 15h19

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Anexo 3.83. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-22-Membros-dos-Nirvana-dos-Pearl-Jam-e-Mark-Lanegan-nao-se-esqueceram-do-50-aniversario-de-nascimento-de-Kurt-Cobain>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Coldplay juntam-se à dupla de DJs Chainsmokers. Espreite aqui

"Something Just Like This" é o resultado da parceria, que deverá ser divulgada esta semana

22.02.2017 às 14h40

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

Anexo 3.84. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-22-Coldplay-juntam-se-a-dupla-de-DJs-Chainsmokers>>. [Consult. 14 out. 2017].



BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

VIDEOS



Experiências nucleares, coreografias e um neto de Bob Marley num parque de diversões retrofuturista: este é o novo vídeo de Katy Perry

"Chained to the Rhythm" junta a cantora norte-americana ao jamaicano Skip Marley

21.02.2017 às 17h18

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.85.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-02-21-Experiencias-nucleares-coreografias-e-um-neto-de-Bob-Marley-num-parque-de-diversoes-retrofuturista-este-e-o-novo-video-de-Katy-Perry>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS



Frances Bean Cobain partilha troca de mensagens emotiva com a avó, mãe de Kurt

Depois da nota de tributo ao pai, a filha de Cobain e Courtney Love partilha agora no Instagram a conversa via SMS que teve com a avó paterna, no dia em que o pai faria 50 anos

21.02.2017 às 15h12

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



**Anexo 3.86.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-21-Frances-Bean-Cobain-partilha-troca-de-mensagens-emotiva-com-a-avo-mae-de-Kurt>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS



Roger Waters quer tocar "The Wall", dos Pink Floyd, na fronteira entre os Estados Unidos e o México

Um dos álbuns mais emblemáticos dos Pink Floyd já tinha sido tocado nas comemorações da queda do Muro de Berlim, em 1990, e pode agora fazer parte de um concerto de protesto contra o muro de Trump

20.02.2017 às 16h34

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h



Inserir endereço de e-mail

**Anexo 3.87.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-20-Roger-Waters-quer-tocar-The-Wall-dos-Pink-Floyd-na-fronteira-entre-os-Estados-Unidos-e-o-Mexico>>. [Consult. 14 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a navigation bar with the BLITZ logo and links for HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, and BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Kurt Cobain playing guitar. To the right of the image is the article title "As 20 canções mais tocadas dos Nirvana" under a "PLAYLISTS" tag. Below the title is a short summary: "Smells Like Teen Spirit" e "Come as You Are" lideraram a tabela das 20 músicas de Kurt Cobain e companhia que o mundo mais ouviu. No dia em que passam 50 anos sobre o nascimento do líder dos Nirvana, transformámos a lista numa playlist. Ouça-a aqui. The date "20.02.2017 às 14h48" is displayed below the text. On the right side of the article, there is a smaller article preview for "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo" and a "Receba o Expresso Curto" subscription offer with the text "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.88.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/playlists/2017-02-20-As-20-cancoes-mais-tocadas-dos-Nirvana>>. [Consult. 14 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a navigation bar with the BLITZ logo and links for HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, and BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of Kurt Cobain holding a guitar. To the right of the image is the article title "Guitarra de Kurt Cobain está a leilão no eBay" under a "NOTÍCIAS" tag. Below the title is a short summary: "Um dos mais conhecidos instrumentos do malgrado líder dos Nirvana é o maior chamariz de uma ação de caridade". The date "17.02.2017 às 18h10" is displayed below the text. On the right side of the article, there is a smaller article preview for "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo" and a "Receba o Expresso Curto" subscription offer with the text "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.89.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-17-Guitarra-de-Kurt-Cobain-esta-a-leilao-no-eBay>>. [Consult. 14 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a navigation bar with the BLITZ logo and links for HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, and BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of the band Kittie. To the right of the image is the article title "Kittie prestam homenagem sentida à baixista recém-falecida" under a "NOTÍCIAS" tag. Below the title is a short summary: "A vocalista da banda, Morgan Lander, partilhou uma fotografia sua com Trish Doan, a falecida baixista da banda. "Amava-a como se ama uma irmã", escreveu.". The date "17.02.2017 às 14h04" is displayed below the text. On the right side of the article, there is a smaller article preview for "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo" and a "Receba o Expresso Curto" subscription offer with the text "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.90.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-17-Kittie-prestam-homenagem-sentida-a-baixista-recem-falecida>>. [Consult. 14 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website interface. At the top, there is a navigation bar with the BLITZ logo and links for HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, and BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main content area features a large image of the Schwarzenegger band. To the right of the image is the article title "Schwarzenegger: "O congresso é menos popular que herpes e os Nickelback"" under a "NOTÍCIAS" tag. Below the title is a short summary: "A banda já reagiu a esta provocação do ator, político e empresário nas redes sociais". The date "16.02.2017 às 16h01" is displayed below the text. On the right side of the article, there is a smaller article preview for "dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo" and a "Receba o Expresso Curto" subscription offer with the text "Dias úteis às 9h".

**Anexo 3.91.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-16-Schwarzenegger-O-congresso-e-menos-popular-que-herpes-e-os-Nickelback>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Mick Jagger comprou uma casa no campo sob o efeito de drogas**

A informação consta de uma autobiografia do cantor, alegadamente escrita em 1980

16.02.2017 às 15h46

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.92.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-16-Mick-Jagger-comprou-uma-casa-no-campo-sob-o-efeito-de-drogas>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Ouça aqui a prestação vocal de Lady Gaga no intervalo da Super Bowl**

Depois de alguma polémica, o som gravado pelo microfone vem confirmar que Gaga esteve realmente a cantar durante toda a sua performance

16.02.2017 às 15h21

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.93.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-16-Ouca-aqui-a-prestacao-vocal-de-Lady-Gaga-no-intervalo-da-Super-Bowl>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Kendrick Lamar reage à vitória de Chance The Rapper nos Grammys**

O rapper americano foi um dos grandes vencedores da noite, com três galardões: Melhor Atuação Rap, Melhor Álbum Rap e Revelação do Ano

16.02.2017 às 14h21

Receba o **Expresso Curto**  
Dias úteis às 9h

**Anexo 3.94.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-16-Kendrick-Lamar-reage-a-vitoria-de-Chance-The-Rapper-nos-Grammys>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS



### St. Vincent homenageia Prince na rádio

O programa da cantora Annie Clark emitido anteontem contou com um tributo especial a Prince, que morreu no a 21 de abril do ano passado

16.02.2017 às 12h35

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.95.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-16-St.-Vincent-homenageia-Prince-na-radio>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS



### Ed Sheeran impedido de entrar na festa dos Grammys organizada pela sua própria editora

É já a quarta vez consecutiva que o cantor do êxito "Shape of You" não consegue ir à festa da cerimónia

16.02.2017 às 12h01

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.96.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-16-Ed-Sheeran-impedido-de-entrar-na-festa-dos-Grammys-organizada-pela-sua-propria-editora>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS



### Temper Trap ao vivo em Lisboa: quando um concerto se transforma numa celebração do amor

A banda australiana contagiou o CCB com amor, rock e os dotes de Português do vocalista Dougy Mandagi. A reportagem e as fotos estão aqui

15.02.2017 às 11h00 Rita Carmo

MAIS VISTAS

Meo Arena muda de nome

Madonna sente-se "triste em Lisboa" e mostra a língua à burocracia portuguesa

Cantora punk que se

**Anexo 3.97.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-15-Temper-Trap-ao-vivo-em-Lisboa-quando-um-concerto-se-transforma-numa-celebracao-do-amor>>. [Consult. 16 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS



### Ouçã aqui "Prisoner", o novo álbum de Ryan Adams

O novo trabalho do músico norte-americano tem data de lançamento prevista para o próximo dia 17, mas já pode ser ouvido aqui

14.02.2017 às 18h19

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.98.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-14-Ouca-aqui-Prisoner-o-novo-album-de-Ryan-Adams>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Sufjan Stevens e St. Vincent acusam os Grammys de racismo

Em causa está a vitória de Adele na categoria de Melhor Álbum com *25*, que derrotou *Lemonade*, de Beyoncé.

14.02.2017 às 17h57

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.99.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-14-Sufjan-Stevens-e-St.-Vincent-acusam-os-Grammys-de-racismo>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**PLAYLISTS**

### The Temper Trap hoje em Lisboa e amanhã no Porto: ouça a playlist com o alinhamento provável

Banda australiana regressa a solo nacional para apresentar o álbum *Thick as Thieves*, do ano passado

14.02.2017 às 12h09

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.100.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/playlists/2017-02-14-The-Temper-Trap-hoje-em-Lisboa-e-amanha-no-Porto-ouca-a-playlist-com-o-alinhamento-provavel>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



**NOTÍCIAS**

### Frank Ocean: “Sabem o que não é mesmo boa televisão? '1989' vencer o álbum do ano, em vez de 'To Pimp A Butterfly'”

O cantor voltou a criticar os Grammys, desta vez com uma carta na qual lamenta a vitória do álbum de Taylor Swift sobre o de Kendrick Lamar, no ano passado

14.02.2017 às 11h36

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.101.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-14-Frank-Ocean-Sabem-o-que-nao-e-mesmo-boua-televisao--1989-vencer-o-album-do-ano-em-vez-de-To-Pimp-A-Butterfly>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Mallu Magalhães vai lançar um disco novo este ano

Ainda não é conhecido o título do próximo trabalho da cantora, que deverá sair no primeiro semestre de 2017

13.02.2017 às 14h56

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.102.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-13-Mallu-Magalhaes-vai-lancar-um-disco-novo-este-ano>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Autocarro dos Dillinger Escape Plan envolvido em acidente na Polónia

13 pessoas ficaram feridas e os membros da banda foram hospitalizados

13.02.2017 às 14h47

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.103.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-13-Autocarro-dos-Dillinger-Escape-Plan-envolvido-em-acidente-na-Polonia>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Música de Prince chegou ontem a todos os serviços de streaming

O catálogo musical do cantor pertencente à editora Warner Brothers foi disponibilizado em todas as plataformas digitais à hora de início da cerimónia de entrega dos prémios Grammy

13.02.2017 às 14h35

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.104.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-13-Musica-de-Prince-chegou-ontem-a-todos-os-servicos-de-streaming>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Veja o agradecimento de Obama a Drake

O artista canadiano partilhou no Instagram a fotografia de uma nota que lhe foi enviada pelo antigo presidente americano

10.02.2017 às 16h53

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.105.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-10-Veja-o-agradecimento-de-Obama-a-Drake>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Goldfrapp estão de volta e têm um vídeo surreal: “Anymore” está aqui

O cenário escolhido pela banda britânica foi a ilha vulcânica de Fuerteventura, nas Canárias

10.02.2017 às 16h46

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.106.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-10-Goldfrapp-estao-de-volta-e-tem-um-video-surreal-Anymore-esta-aqui>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### A canção nova dos Depeche Mode já tem vídeo. Veja-o aqui

Este é o primeiro avanço para *Spirit*, o novo álbum da banda que chega às lojas a 17 de março

10.02.2017 às 16h37

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.107.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-10-A-cancao-nova-dos-Depeche-Mode-ja-tem-video.-Veja-o-aqui>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Há 25 anos, os Manic Street Preachers queriam vender mais que os Guns N' Roses. Deram-nos "Motorcycle Emptiness" e já valeu a pena

Generation Terrorists, o disco de estreia da banda galesa, foi lançado a 10 de fevereiro de 1992

10.02.2017 às 9h05

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.108.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-10-Ha-25-anos-os-Manic-Street-Preachers-queriam-vender-mais-que-os-Guns-N-Roses.-Deram-nos-Motorcycle-Emptiness-e-ja-valeu-a-pena>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Há 20 anos, os Blur e meio mundo gritavam "woo-hoo"

Em 1997, o álbum homónimo da banda britânica marcou uma mudança de estilo e a rutura com a britpop. Nada voltaria a ser igual para Damon Albarn, Graham Coxon e companhia

10.02.2017 às 9h00

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.109.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-10-Ha-20-anos-os-Blur-e-meio-mundo-gritavam-woo-hoo>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



VIDEOS

### Veja James Corden e Ellen DeGeneres a tentar adivinhar letras de Drake, Rihanna e Taylor Swift

O momento aconteceu na rubrica "Finish The Lyric" do programa de televisão de Ellen

09.02.2017 às 15h00

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.110.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-02-09-Veja-James-Corden-e-Ellen-DeGeneres-a-tentar-adivinhar-letras-de-Drake-Rihanna-e-Taylor-Swift>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Disclosure anunciam interregno

O duo explica as razões deste intervalo e agradece aos fãs o sucesso e o apoio

09.02.2017 às 14h52

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.111.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-09-Disclosure-anunciam-interregno>>. [Consult. 14 out. 2017].



**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Afinal, Madonna deverá mesmo adotar duas crianças do Malawi

A cantora tinha sido vista recentemente num tribunal local com as crianças

08.02.2017 às 13h39

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.112.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-08-Afinal-Madonna-devera-mesmo-adotar-duas-criancas-do-Malawi>>. [Consult. 14 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### José Cid anuncia novos concertos de “10.000 Anos Depois...”

No ano em que comemora 75 anos, o cantor vai levar de novo 10.000 anos Depois Entre Vénus e Marte a Lisboa e ao Porto

07.02.2017 às 17h10

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.113.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-07-Jose-Cid-anuncia-novos-concertos-de-10.000-Anos-Depois>>. [Consult. 14 out. 2017].

**BLITZ** HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

**NOTÍCIAS**

### Vendas de Lady Gaga disparam 1000% com a atuação no Super Bowl

Com o espetáculo no intervalo do evento do passado domingo, as vendas da cantora aumentaram em grande escala

07.02.2017 às 16h58

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.114.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-07-Vendas-de-Lady-Gaga-disparam-1000-com-a-atuacao-no-Super-Bowl>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Afinal a entrada de Lady Gaga na Super Bowl foi gravada

A chegada da cantora “a voar” do telhado para o palco não aconteceu em tempo real

07.02.2017 às 15h14

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.115.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-07-Afinal-a-entrada-de-Lady-Gaga-na-Super-Bowl-foi-gravada>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Queens Of the Stone Age desvendam um pouco mais sobre o novo álbum

A banda americana partilhou fotos do seu trabalho em estúdio nas redes sociais

07.02.2017 às 15h04

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.116.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-07-Queens-Of-the-Stone-Age-desvendam-um-pouco-mais-sobre-o-novo-album>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Sobrinha de Britney Spears sofre acidente e está em “estado muito grave”

Maddie tem 8 anos e é filha de Jamie Lynn Spears, irmã de Britney

06.02.2017 às 12h51

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.117.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-06-Sobrinha-de-Britney-Spears-sofre-acidente-e-esta-em-estado-muito-grave>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### “Life in Cartoon Motion”, álbum de estreia de Mika, saiu há 10 anos. Recorde-o aqui

O álbum de “Grace Kelly”, “Relax, Take it Easy” e outros sucessos foi lançado a 5 de fevereiro de 2007

05.02.2017 às 9h30

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.118.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-05-Life-in-Cartoon-Motion-album-de-estreia-de-Mika-saiu-ha-10-anos.-Recorde-o-aqui>>.

[Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Afinal Dave Grohl não vai atuar com Anderson .Paak e A Tribe Called Quest nos Grammys

O vocalista dos Foo Fighters não se vai juntar ao “supergrupo” que prometia ser uma das maiores atrações da cerimónia deste ano

03.02.2017 às 17h23

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.119.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-03-Afinal-Dave-Grohl-nao-vai-atuar-com-Anderson-.Paak-e-A-Tribe-Called-Quest-nos-Grammys>>.

[Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Father John Misty: “Estamos f\*\*\*\*\*”

Foram estas as palavras do cantor quando soube que Donald Trump seria o próximo presidente do Estados Unidos

02.02.2017 às 15h59

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.120.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-02-Father-John-Misty-Estamos-fs>>.

[Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### A vida de John Lennon e Yoko Ono vai dar um filme

O casal conheceu-se em novembro de 1966 e o casamento durou 11 anos

02.02.2017 às 14h42

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.121.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-02-A-vida-de-John-Lennon-e-Yoko-Ono-vai-dar-um-filme>>.

[Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Shakira faz hoje 40 anos. E este é o seu percurso

Shakira Isabel Mebarak Ripoll, cantora de êxitos como "Whenever, Wherever" ou "Waka Waka (This Time for Africa)" nasceu na Colômbia a 2 de Fevereiro de 1977

02.02.2017 às 9h00

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.122.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-02-Shakira-faz-hoje-40-anos.-E-este-e-o-seu-percurso>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Dave Grohl junta-se a A Tribe Called Quest e Anderson .Paak para uma atuação nos Grammys 2017

A edição deste ano da entrega de prémios mais importantes da indústria discográfica norte-americana terá lugar dia 12 e contará com uma atuação deste inesperado "supergrupo"

01.02.2017 às 15h22

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.123.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-01-Dave-Grohl-junta-se-a-A-Tribe-Called-Quest-e-Anderson-.Paak-para-uma-atuacao-nos-Grammys-2017>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



VÍDEOS

### Novo álbum dos Future Islands sai em abril e já pode ouvir o primeiro single

*The Far Field* é o quinto álbum da banda de Samuel T. Herring, que em agosto passará pelo festival de Paredes de Coura, e conta com a participação de Debbie Harry, dos Blondie.

01.02.2017 às 14h22

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.124.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-02-01-Novo-album-dos-Future-Islands-sai-em-abril-e-ja-pode-ouvir-o-primeiro-single>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### 50 anos de um grande clássico do rock psicadélico: "Surrealistic Pillow", dos Jefferson Airplane

*Surrealistic Pillow*, dos Jefferson Airplane, saiu a 1 de fevereiro de 1967 e popularizou temas como "Somebody to Love" e "White Rabbit"

01.02.2017 às 8h45

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Anexo 3.125. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-02-01-50-anos-de-um-grande-classico-do-rock-psicadelico-Surrealistic-Pillow-dos-Jefferson-Airplane>>. [Consult. 14 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Prince vai estar em todos os serviços de streaming

O malgrado músico norte-americano vai chegar ao Spotify, Apple Music e a outros serviços a 12 de fevereiro, dia da cerimónia de entrega dos prémios Grammy. Mas pode ficar a faltar muita música...

31.01.2017 às 16h02

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Anexo 3.126. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-31-Prince-vai-estar-em-todos-os-servicos-de-streaming>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Kanye West, Drake e Justin Bieber vão faltar aos Grammys

Todos têm várias nomeações, mas revelaram que não vão estar presentes na entrega dos prémios mais importantes da indústria discográfica norte-americana

31.01.2017 às 15h50

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablio

Anexo 3.127. – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-31-Kanye-West-Drake-e-Justin-Bieber-va-o-faltar-aos-Grammys>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Chad Channing, o baterista que Dave Grohl foi substituir nos Nirvana, faz hoje 50 anos

O músico tocou na banda de Kurt Cobain entre 1988 e 1990 e não deixou de estar ligado à música

31.01.2017 às 9h00

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.128.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-31-Chad-Channing-o-baterista-que-Dave-Grohl-foi-substituir-nos-Nirvana-faz-hoje-50-anos>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Grimes entrega 10 mil dólares a um grupo de defesa dos direitos dos muçulmanos

Depois de os donativos dos seus fãs chegarem aos 10 mil dólares (cerca de 9 mil e 400 euros), a cantora ofereceu o mesmo valor

30.01.2017 às 15h36

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.129.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-30-Grimes-entrega-10-mil-dolares-a-um-grupo-de-defesa-dos-direitos-dos-muculmanos>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Músico sírio pode ser proibido de regressar a casa por Donald Trump

Kinan Azmeh vive nos Estados Unidos da América há 16 anos de forma legal

30.01.2017 às 15h21

dos Maroon 5, Shawn Mendes e uma drag queen chamada Pablo

**Anexo 3.130.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-30-Musico-sirio-pode-ser-proibido-de-regressar-a-casa-por-Donald-Trump>>. [Consult. 15 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Ana Bacalhau and Deolinda. The headline reads: "Saiba o que Ana Bacalhau e os Deolinda têm preparado para este ano, na BLITZ de fevereiro". The sub-headline says: "Já nas bancas, a BLITZ de fevereiro traz novidades sobre os coliseus dos Deolinda e os projetos da vocalista Ana Bacalhau para 2017". The date is 27.01.2017 às 15h31. To the right, there is a sidebar with a video player titled "incendeia" palco Sunset and a list of items, including "02 Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o 'beijaço' gay" and "03".

**Anexo 3.131.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-27-Saiba-o-que-Ana-Bacalhau-e-os-Deolinda-tem-preparado-para-este-ano-na-BLITZ-de-fevereiro>>. [Consult. 15 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Ed Sheeran and Adele. The headline reads: "Ed Sheeran quer vender mais discos do que Adele". The sub-headline says: "Para o artista britânico, Adele é a sua maior rival". The date is 27.01.2017 às 14h26. To the right, there is a sidebar with a video player titled "incendeia" palco Sunset and a list of items, including "02 Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o 'beijaço' gay".

**Anexo 3.132.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-27-Ed-Sheeran-quer-vender-mais-discos-do-que-Adele>>. [Consult. 15 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Lily Allen. The headline reads: "Lily Allen criticada por tweet anti-Trump considerado homofóbico". The sub-headline says: "A cantora partilhou um slogan retirado de um cartaz da Marcha das Mulheres de Londres do passado fim de semana". The date is 27.01.2017 às 14h16. To the right, there is a sidebar with a video player titled "incendeia" palco Sunset and a list of items, including "02 Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o 'beijaço' gay".

**Anexo 3.133.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-27-Lily-Allen-criticada-por-tweet-anti-Trump-considerado-homofobico>>. [Consult. 15 out. 2017].

The screenshot shows the BLITZ website header with navigation links: HOME, NOTÍCIAS, PLAYLISTS, OPINIÃO, FESTIVAIS, BLITZ RECORDS. On the right, there are links for ASSINAR, LOJA, LOGIN, and a search icon. The main article features a photo of Madonna. The headline reads: "Madonna nega que vá adotar duas crianças do Malawi". The sub-headline says: "Cantora norte-americana contraria informação veiculada por tribunal local e divulgada pela imprensa ontem". The date is 26.01.2017 às 13h42. To the right, there is a sidebar with a video player titled "incendeia" palco Sunset and a list of items, including "02 Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o 'beijaço' gay".

**Anexo 3.134.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-26-Madonna-nega-que-va-adotar-duas-criancas-do-Malawi>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



NOTÍCIAS

### Metallica admitem ter esperado demasiado tempo para lançar o novo álbum

A banda de James Hetfield lamenta os oito anos que passaram entre "Death Magnetic" e o lançamento de "Hardwired... To Self-Destruct"

26.01.2017 às 12h34

"incendeia" palco Sunset

02

Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o "beijaço" gay

**Anexo 3.135.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-26-Metallica-admitem-ter-esperado-demasiado-tempo-para-lancar-o-novo-album>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



VIDEOS

### Protestos anti-Trump não param: veja a versão de Lily Allen de "Going to a Town", de Rufus Wainwright

O vídeo faz referência à Marcha das Mulheres, em Londres, no passado fim de semana

25.01.2017 às 15h42

"incendeia" palco Sunset

02

Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o "beijaço" gay

**Anexo 3.136.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-01-25-Protestos-anti-Trump-nao-param-veja-a-versao-de-Lily-Allen-de-Going-to-a-Town-de-Rufus-Wainwright>>. [Consult. 15 out. 2017].

BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN



VIDEOS

### Stevie Wonder surpreende jovem músico, juntando-se a ele para cantar "Superstition". Veja o vídeo

O músico de 66 anos dedicou este dueto à Marcha das Mulheres que aconteceu em Washington, no seguimento da tomada de posse de Donald Trump

24.01.2017 às 12h47

"incendeia" palco Sunset

02

Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o "beijaço" gay

03

**Anexo 3.137.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/videos/2017-01-24-Stevie-Wonder-surpreende-jovem-musico-juntando-se-a-ele-para-cantar-Superstition>>. [Consult. 15 out. 2017].



BLITZ HOME NOTÍCIAS PLAYLISTS OPINIÃO FESTIVAIS BLITZ RECORDS ASSINAR LOJA LOGIN

NOTÍCIAS

**Ouçã aqui a nova música de Angel Olsen, “Fly On Your Wall”**

É da cantora e compositora norte-americana a primeira faixa do projeto anti-Trump “Our First 100 Days”

23.01.2017 às 16h21

“incendeia” palco Sunset

02

Rock in Rio Dia 3: um filme com Justin Timberlake, Alicia Keys, a seleção portuguesa e o “beijaço” gay

**Anexo 3.138.** – Disponível em: <<http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-01-23-Ouca-aqui-a-nova-musica-de-Angel-Olsen-Fly-On-Your-Wall>>. [Consult. 15 out. 2017].

## ANEXO 4: Comprovativo de realização do estágio



### DECLARAÇÃO

Para efeitos de apresentação e a pedido da interessada, declaro que Maria da Silva Tavares Dourado Teixeira, portadora do cartão de cidadão nº 14390432 9ZY4, realizou um estágio curricular como jornalista na redação da revista Blitz no período de 23-01-2017 a 22-04-2017.

O estágio teve uma duração de 420 horas.

Por ser verdade é passada a presente declaração.

Paço de Arcos, 27 de julho de 2017

**IMPRESA PUBLISHING, SA**  
NIF 501 984 046  
Cursos Humanos  
Tiago Cardoso Magalhães, 242  
Direção Recursos Humanos  
Paço de Arcos

## ANEXO 5: Protocolo de estágio



### **Protocolo de Estágio entre a Escola Superior de Comunicação Social e a Impresa Publishing S.A**

Com base no protocolo de Cooperação em vigor entre a Impresa Publishing S.A. e a Escola Superior de Comunicação Social, é celebrado o presente protocolo com vista ao desenvolvimento de um estágio curricular na redação da revista BLITZ, a ministrar nas instalações da Impresa Publishing, sita em Rua Calvet de Magalhães nº 242, 2770-022 Paço de Arcos para a aluna Maria da Silva Tavares Dourado Teixeira, residente em Avenida da República, 779, 4ºB, 4450-243 Matosinhos, portador do Cartão do Cidadão nº 14390432 9 ZY4, do Mestrado em Jornalismo da ESCS, de acordo com o seguinte articulado:

#### **I**

#### **Estágios**

O plano de estágio na BLITZ para a estudante da ESCS concretizar-se-á segundo duas vias:

a) Realização de estágio com vista à realização do relatório final. O estágio é uma experiência de âmbito profissional, onde serão aplicados conhecimentos adquiridos na parte curricular do curso.

O estágio terá de ser enquadrado por um plano definido, em colaboração, entre o responsável de estágio indicado pela BLITZ (Luís Guerra) e pela orientadora da ESCS.

O estágio terá a duração mínima de 400 horas de trabalho.

b) O orientador da ESCS deverá acompanhar os trabalhos, de modo a que os objectivos propostos no tema sejam cumpridos.

c) O estágio não é remunerado.

d) A BLITZ não será responsável por qualquer dano, prejuízo ou risco que venha a sofrer ou ocorrer em relação a um estagiário, se tais circunstâncias decorrerem de acto doloso ou negligente deste ou de causa fortuita ou de força maior, nestas se incluindo qualquer acto, circunstâncias ou eventos que resultem de situações imprevistas, ou independentes

da vontade ou fora do controlo da BLITZ, tais como, mas, ainda sem se limitar, actos de guerra, incêndio, inundações e outras catástrofes naturais.

e) A BLITZ poderá dar por terminado um estágio, antes deste estar concluído, em caso de incumprimento por um estagiário das normas e regulamentos relativas ao estágio, constantes do programa de estágio, ou ao funcionamento da BLITZ, em geral.

f) A BLITZ facilitará a supervisão qualificada das actividades do estagiário por um dos seus quadros de reconhecida competência.

g) A BLITZ atribuirá um certificado de realização de estágio aos estagiários que tenham concluído o estágio nos termos previamente definidos.

h) A BLITZ poderá dar por terminado o Estágio, antes da conclusão do mesmo, em caso de incumprimento pelo estudante do seu plano de estágio aprovado em Comissão Científica de Mestrado.

## II

### Elemento de ligação

A BLITZ e a ESCS nomearão, cada um, um elemento de ligação que terá como missão facilitar o contacto entre si.

## III

### Confidencialidade

Uma vez que poderão aceder a elementos confidenciais, as Partes assumem uma absoluta obrigação de confidencialidade relativamente a toda e qualquer informação a que tenham acesso, por qualquer meio, no âmbito do presente Protocolo.

As Partes comprometem-se a reservar aqueles elementos apenas para as finalidades estritamente acordadas.

As Partes assumem a obrigação de não disponibilizar os elementos a terceiros, sob qualquer forma, sem a prévia autorização escrita da outra Parte. As obrigações de confidencialidade são extensivas aos estagiários, os quais deverão assinar um termo de não divulgação de elementos confidenciais.

#### IV

##### Atribuições conjuntas

No âmbito de qualquer projecto, cabe, às duas instituições acompanhar a sua realização e executar as funções que lhes são atribuídas no âmbito do presente protocolo. Qualquer aspecto omissos no presente protocolo será decidido em conjunto.

#### V

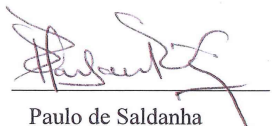
##### Validade e Entrada em Vigor

O presente protocolo entra em vigor a partir da data da sua assinatura, em 23 de Janeiro de 2017 vigorando até à data de *terminus* do estágio, a 22 de Abril de 2017.

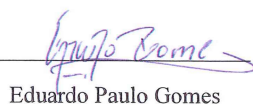
O protocolo pode ser rectificado ou alterado por mútuo consentimento das partes.

Lisboa, 23 de Janeiro de 2017.

P'la Impresa Publishing



Paulo de Saldanha



Eduardo Paulo Gomes

O Presidente do Conselho

Directivo da ESCS



Jorge Verissimo

O mestrando tem conhecimento do presente protocolo,

Assinatura: Maria de Silva Tavares Duarte Teixeira

Data: 23/01/2017